UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS CULTURAIS

FELIPE ANTONIO HONORATO

**Caracterizando o imaginário belga acerca da imigração congoleza: uma análise a partir
do jornal Le Soir**

São Paulo
2019

FELIPE ANTONO HONORATO

**Caracterizando o imaginário belga acerca da imigração congoleza: uma análise a partir
do jornal Le Soir**

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais.

Versão corrigida contendo as alterações solicitadas pela comissão julgadora em 20 de dezembro de 2018. A versão original encontra-se em acervo reservado na Biblioteca da EACH/USP e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP (BDTD), de acordo com a Resolução CoPGr 6018, de 13 de outubro de 2011.

Área de Concentração:

Cultura, Política e Identidades

Orientador:

Profa. Dra. Valéria Barbosa de Magalhães

São Paulo

2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO

(Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Biblioteca)
CRB 8 - 4936

Honorato, Felipe Antonio

Caracterizando o imaginário Belga acerca da Imigração
Congoleza: uma análise a partir do jornal Le Soir / Felipe Antonio
Honorato ; orientadora, Valéria Barbosa de Magalhães. – 2019
100 f.

Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de Pós-
Graduação em Estudos Culturais, Escola de Artes, Ciências e
Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, em
2018.

Versão corrigida

1. Imigração - República Democrática do Congo - Bélgica.
2. Le Soir (Jornal). 3. Análise do discurso. 4. Imaginário. I.
Magalhães, Valéria Barbosa de, orient. II. Título

CDD 22.ed.- 304.86720493

Nome:HONORATO, Felipe Antonio

Título:Caracterizando o Imaginário Belga Acerca da Imigração Congolesa: uma análise a partir do jornal Le Soir

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Filosofia do Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais.

Aprovado em: 20 /12 /2018

Banca Examinadora

Prof. Dr.	José Renato de Campos Araújo	Instituição:	EACH - USP
Julgamento:	Aprovado	Assinatura:	_____
Profa. Dra.	Maria Catarina Chitolina Zanini	Instituição:	UFSM
Julgamento:	Aprovado	Assinatura:	_____
Profa. Dra.	Vivian Grace Fernandez Davila Urquidi	Instituição:	EACH - USP
Julgamento:	Aprovado	Assinatura:	_____

Dedico este trabalho ao meu querido professor Omana Ngandu e sua história de amor e luta pela República Democrática do Congo. Dedico-o, também, a todos que perderam a vida mundo afora tentando encontrar um lugar melhor para viver – descansem em paz.

Agradecimentos

Como não poderia deixar de ser, agradeço aos meus pais, Marlene e Jarbas, e minha irmã, Thays, pelo constante apoio; aos professores José Renato de Campos Araújo e Valéria Barbosa de Magalhães por me acompanharem desde a formatação do projeto de mestrado até agora; à professora Lisy Salum por toda ajuda; à professora Marta Maria Assumpção Rodrigues por ser minha mentora acadêmica; aos meus avós, maternos e paternos, por tudo que já fizeram e tem feito por mim – em memória de meu avô Pedro Antonio.

RESUMO

HONORATO, Felipe Antonio. **Caracterizando o Imaginário Belga Acerca da Imigração Congoleza**: uma análise a partir do jornal Le Soir. 2018. 100f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Versão Corrigida.

Fazendo uso da teoria da interseccionalidade, a presente pesquisa objetiva caracterizar, através da interpretação da narrativa construída pelo jornal Le Soir sobre a comunidade congoleza em Bruxelas, o imaginário belga acerca dos fluxos migratórios entre a atual República Democrática do Congo e a Bélgica contemporânea, durante o lapso temporal compreendido entre 1989 e 2000. Neste esforço, dentro do período estabelecido, foi possível identificar as levas migratórias de congoleses e sua relação com os diferentes contextos políticos e econômicos do país africano; ficaram visíveis, também, uma realidade de falta de interseccionalidade nas políticas públicas, de abusos, por parte das autoridades, de insuficiência, por parte das instituições, e de estranhamento e exotização, por parte do belga, de forma geral, ante a comunidade imigrante congoleza e também africana presente no país.

Palavras-chave: Diáspora Congoleza. Imigração. República Democrática do Congo. Bélgica. República do Zaire.

ABSTRACT

HONORATO, Felipe Antonio. **Characterizing the Belgian Imaginary of the Congolese Immigration**: an analysis of the newspaper Le Soir. 2018. 100p. Dissertation (Master of Philosophy) – School of Arts, Sciences and Humanities, University of São Paulo, São Paulo, 2018. Corrected version.

Using the theory of intersectionality, the present research aims to characterize, through the interpretation of the narrative constructed by the Belgian newspaper Le Soir on the Congolese community in Brussels, the Belgian imaginary of the migratory flows between the now Democratic Republic of Congo and contemporary Belgium, during the temporal lapse between 1989 and 2000. In this effort, within the period established, it was possible to identify the Congolese migratory movements and their relation with the different political and economic contexts of the African country; also, became explicit a lack of intersectionality in public policies, abuses by the authorities, a institutional insufficiency on the part of the institutions, and a relation of estrangement and exoticization, in general, on the part of the Belgian, regarding the Congolese and the African immigrant community living in the country.

Keywords: Congolese Diaspora. Immigration. Democratic Republic of the Congo. Belgium. Republic of Zaire.

LISTA DE FIGURAS

Figura1 – Mapa político da República Democrática do Congo	25
Figura 2 – Mapa geológico da República Democrática do Congo.....	26
Figura 3 – Mapa político do antigo Reino do Kongo	28

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACNUR	Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados
ACP	Asia – Caribe - Pacífico
AHV	Afrikaanische Handels-Vereeniging
AIA	Associação Internacional Africana
AIC	Associação Internacional do Congo
CEHC	Comité d'Études du Haut-Congo
CFL	Compagnie des Chemins de Fer du Congo Supérieur aux Grands Lacs Africains
CNK	Comité National du Kivu
CPAS	Centre Public d'aide Sociale
CSK	Comité Especial du Katanga
DR Congo	Democratic Republic of the Congo
DRC	Democratic Republic of the Congo
FMI	Fundo Monetário Internacional
GDP	Gross Domestic Product (Produto Interno Bruto – PIB)
HAV	Hommes Adultes Valides
MNC	Movimento Nacional Congolês
OMI	Oblats de Marie Immaculée
ONU	Organização das Nações Unidas
RDC	República Democrática do Congo
UN	United Nations
UNHCR	United Nations High Commissioner for Refugees (ACNUR, em português)
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	O CORAÇÃO DAS TREVAS.....	16
2.1	BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O COLONIALISMO EUROPEU.....	16
2.2	DISCUTINDO O IMPERIALISMO CAPITALISTA COLONIAL.....	21
2.3	A REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO: DO REINO DO KONGO A PATRICE LUMUMBA.....	24
2.3.1	HISTÓRIA PRÉ-COLONIAL: A ERA DOS GRANDES REINOS BANTUS.....	27
2.3.2	FORMAÇÃO DO ESTADO LIVRE DO CONGO.....	30
2.3.3	EXPLORAÇÃO E ESPOLIAÇÃO DO ESTADO LIVRE DO CONGO.....	36
2.3.4	CONGO BELGA: UMA COLÔNIA DO ESTADO BELGA.....	39
2.3.5	O PROCESSO DE INDEPENDÊNCIA CONGOLÊS.....	42
3	NO OUTRO LADO DO OCEANO.....	48
3.1	PERÍODOS PRÉ-COLONIAL E COLONIAL	48
3.2	URBANIZAÇÃO E MIGRAÇÃO INTERNA COMO BARREIRAS DE GÊNERO NO CONGO BELGA.....	51
3.3	PERÍODO PÓS- INDEPENDÊNCIA.....	53
3.4	A “QUESTÃO CONGOLESA”	61
4	MATONGÉ.....	63
4.1	METODOLOGIA.....	63
4.1.1	O CONCEITO DE	65

	INTERSECCIONALIDADE.....	
4.2	A DIÁSPORA CONGOLESA NA CONCEPÇÃO BELGA – O JORNAL LE SOIR.....	67
5	CONCLUSÕES	
	FINAIS.....	88
	REFERÊNCIAS.....	93

1 INTRODUÇÃO

Campinas, apesar de ser uma cidade com mais de um milhão de habitantes e de destaque no cenário nacional – pela UNICAMP, pelo Instituto Agrônomo, pela Escola de Cadetes, pelo Aeroporto Internacional de Viracopos, por sua relevância econômica e, outrora, também por seus dois tradicionais clubes de futebol -, nunca foi uma cidade cosmopolita. Há quem diga, nas rodas de populares, que a “Princesa do Oeste”, um dos apelidos do município, é uma cidade que ameaçou ser grande, mas parou no meio do caminho.

Nesta Campinas, ainda introspectiva, com traços muito provincianos e que, muitas vezes, me fazem lembrar dos livros de história que contam sobre os barões do café, nasci, fui criado e vivi a maior parte de minha vida. Imigração era algo muito distante de meu cotidiano. Basicamente, este tema se resumia aos noticiários que via na tv, a filmes estrangeiros e as muitas histórias que meu avô Jarbas Honorato me conta até hoje, sobre sua infância e adolescência: morador, por décadas, do bairro da Vila Industrial, bairro, como o nome entrega, eminentemente operário, meu avô cresceu ainda no período da imigração de massa, em meio a vizinhos e colegas portugueses, italianos e espanhóis; em sua trajetória profissional conviveu com um amigo chileno e um chefe escocês que teve na antiga fábrica da Singer, pessoas das quais ele nunca esquece. Daqueles tempos, hoje já morando no bairro da Ponte Preta, que irônicamente recebe o nome do seu time do coração, conviveu com o apelidado “espanhol”, um senhor vindo da Espanha e que tocou, até o último ano, quando infelizmente faleceu, uma conhecida loja de peças automotivas na vizinhança.

A Autobiografia de Malcolm X é, sem dúvida alguma, um dos livros que mais me influenciaram e que eu mais gostei de ler na vida. Nele, X narra seu encantamento com a cidade de Nova Iorque e com o Harlem, um encontro que foi decisivo para que ele se tornasse quem ele foi, determinante para sua trajetória de vida. Assim foi São Paulo e, especialmente, o centro para mim: um acontecimento incrível, determinante, essencial para que, um dia, eu me encantasse pela imigração e me interessasse ainda mais pelo interculturalismo.

Comecei a ir à cidade rotineiramente em 2009, quando ingressei na graduação na Universidade de São Paulo. Logo, vi nela uma porta para o mundo, algo que Campinas nunca me havia oferecido: o restaurante peruano na avenida Rio Branco, os ambulantes africanos na Ipiranga, um colega de classe sul-coreano que me apresentou o Bom Retiro, os muitos chineses do Brás, libaneses na 25 de Março, a família boliviana que eu sempre cruzava no trem, a festa de Nossa Senhora de Caacupé na Missão Paz; culturas, traços e culinárias que nunca tinha visto ao vivo e que agora estavam ao meu alcance – meus olhos brilharam!

No ano de 2012, meus pais, sabendo de meu interesse em conhecer culturas diferentes, me deram um belíssimo presente: uma viagem à Europa. Conhecer o continente europeu, para mim, foi algo comparado a descobrir São Paulo, só que com uma diversidade muito maior e de maneira muito mais frenética. Outro fator que tornou a viagem mais interessante ainda foi o fato de que, ali, eu também era um estrangeiro – não que, em muitos momentos, eu, como negro, não me sinta um estrangeiro em um país racista como é o Brasil; no entanto, lá eu era um estrangeiro no sentido estrito da palavra, apesar de ser um turista.

Em um mês, experimentei pratos típicos dos mais diversos cantos do mundo – do Marrocos ao Paquistão, passando por Turquia e Vietnã; Vi um assalto – algo impensado – e também uma policial humilhando uma família imigrante na Dinamarca; fui comemorado por ser do país de Lula na Espanha; presenciei como o famoso rigor da imigração inglesa, em muitas situações, é quase inexistente; senti na pele a sensação de chegar em um lugar, não entender ninguém e também não ser compreendido na República Tcheca. Fora mais que uma viagem, foi um aprendizado. Nesta viagem tive a oportunidade de conhecer Bruxelas. Na capital belga, por ocasião e não por planejamento, visitei o Museu Real da África Central – também conhecido como Tervuren, em referência a municipalidade suburbana da capital na qual se encontra. Até então, nunca havia tido qualquer contato com a história da República Democrática do Congo e muito menos sabia quem fora Leopoldo II ou como fora o passado colonial belga. O choque causado por ter descoberto tudo aquilo, contrastou com a primeira impressão que tive dos belgas: nas ruas, no metrô, no cotidiano, todos pareciam cordiais e

pessoas com traços claramente árabes e africanos, a olho nú, aparentavam ser muito bem integradas à sociedade belga.

Desta experiência nasceu uma grande vontade e um sonho: vontade de me dedicar ao estudo de temas relacionados à RDC e o sonho de me especializar nesta temática. Esta pesquisa é fruto desta vontade e deste sonho.

Nesta dissertação, intitulada “Caracterizando o Imaginário Belga Acerca da Imigração Congoleza: uma análise a partir do jornal Le Soir”, objetivou-se caracterizar, através da interpretação da narrativa construída pelo jornal Le Soir sobre a comunidade congoleza em Bruxelas, o imaginário belga acerca dos fluxos migratórios entre a atual República Democrática do Congo e a Bélgica contemporânea, durante o período de tempo compreendido entre 1989 e 2000.

Estruturalmente, o trabalho está dividido da seguinte forma:

- a) Esta Introdução, composta principalmente por um relato biográfico sobre como minha vida convergiu para que eu começasse a trabalhar com temáticas que envolvem imigração e a República Democrática do Congo;
- b) Capítulo 1 – O Coração das Trevas, onde foi feita uma contextualização histórica sobre o colonialismo em África e na República Democrática do Congo;
- c) Capítulo 2 – No Outro Lado do Oceano, onde foram discutidas as características dos fluxos migratórios existentes entre a RDC e a Bélgica e da diáspora congoleza de forma geral;
- d) Capítulo 3 - Matongé, onde foi realizada uma análise sobre o imaginário belga acerca da imigração congoleza para a Bélgica através de um importante periódico belga (Le Soir – <http://www.lesoir.com.be>);
- e) Conclusões finais.

Metodologicamente, o trabalho foi construído da seguinte maneira: para feitura dos capítulos 1 e 2, foi utilizada a revisão bibliográfica de materiais concernentes aos temas abordados. No capítulo 3, onde se deu a análise do imaginário belga sobre a imigração congoleza à Bélgica, a dinâmica metodológica adotada foi um pouco mais complexa. Para exploração dos arquivos on-line do jornal Le Soir, é feito o uso de uma palavra-chave – Matongé; Matongé é um quarteirão localizado em Bruxelas onde a grande maioria do comércio presente é tocado por congoleses e, por este fato, serve de

ponto de encontro para a comunidade da África subsaariana presente na capital belga. Reportagens encontradas a partir da palavra-chave e que têm conteúdo relacionado ao cotidiano da comunidade congoleza na Bélgica são utilizadas para a construção de uma narrativa que traga luz ao imaginário belga acerca da imigração congoleza. Tal narrativa é pautada pelos preceitos da teoria da interseccionalidade.

Esta metodologia tem como inspiração as pesquisas desenvolvidas pela professora Gaia Peruzzi, da Universidade de Roma – Sapienza.

Para chegar a esta definição metodológica, um grande caminho de tentativas e erros foi percorrido. Inicialmente, quando o projeto de pesquisa foi elaborado, propunha-se uma análise dos fluxos migratórios entre a RDC e a Bélgica através das reportagens do jornal *Le Soir*; a tarefa teria como marco teórico os estudos do sociólogo argelino Abdelmalek Sayad e, como base para as pesquisas no arquivo no jornal, seria usado o seguinte conjunto de palavras-chave: *République Démocratique du Congo, Congo, Congolais, immigrés Congolais, République du Zaïre, Zaïre, Zaïrois, immigrés Zaïrois*. Com o início das pesquisas, tanto a teoria de Sayad, quanto as palavras-chaves mostraram-se ineficientes para o caso específico desta investigação. As mudanças acabaram por vir da experiência de pesquisa de docentes que, de uma forma ou outra, cruzaram o caminho desta pesquisa: a professora Gislene Aparecida dos Santos, que fez parte da banca de qualificação de mestrado, sugeriu a troca do conjunto de palavras-chave por Matongé, dica que se mostrou certa; a adoção da interseccionalidade como marco teórico para análise dos arquivos do *Le Soir* veio do conteúdo apresentado pela professora Gaia Peruzzi em um curso da escola de verão da FFLCH, na sua edição de 2019, onde ela mostrou um pouco de seu trabalho de investigação sobre a representação de imigrantes no cinema e na imprensa italiana e europeia – um trabalho próximo ao realizado aqui, onde ela utilizou, de forma eficaz, a interseccionalidade como metodologia.

2 O CORAÇÃO DAS TREVAS

Neste capítulo discorro sobre as origens do colonialismo europeu e sua presença na República Democrática do Congo como uma força determinante para que o país atingisse a situação de instabilidade política em que se encontrava na década de 1990, ponto de inflexão nos fluxos migratórios entre este país e a Bélgica. Com este fim, visito a obra de alguns filósofos, antropólogos e cientistas sociais contemporâneos. Além disto, faço um apanhado histórico sobre o Congo-Kinshasa, partindo do antigo Reino do Kongo e indo até os dias da Primeira República.

2.1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O COLONIALISMO EUROPEU

Durante minha graduação na Universidade de São Paulo, tive a oportunidade de cursar uma disciplina chamada “Pesquisa de campo em antropologia”. Nela, a professora Sylvia Caiuby Novaes, em uma de suas primeiras exposições, nos advertiu sobre os perigos do olhar “ex-óptico”: observar o outro sem estar inserido em sua realidade e, tendo como base sua própria experiência de vida, costumes e carga valorativa, julgá-lo como estranho, incorreto, desapropriado. Para exemplificar este perigo, a professora Sylvia nos indicou a leitura do texto “Ritos corporais entre os naciema”, onde o autor, Horace Miner, retrata a sociedade estadunidense de tal forma que temos a impressão de que são o mais distinto dos povos, a ponto de o tradutor precisar colocar a seguinte nota no final da obra: *“Para quem não percebeu, Naciema é American, de trás para frente”*¹. Ao que parece, este foi o caso nas relações coloniais entre negros, africanos e europeus. No entanto, nestas relações mencionadas anteriormente, a questão do olhar exótico não fora produzida por descuido ou inocência; foi proposital e servia a interesses muito bem definidos.

A formação do que se entende por negro e por africano são de datas distintas. Achille Mbembe (2014) em *“Crítica da razão negra”*² destaca que, de fato, “negro”, “branco” e “africano” são criações que expressam um conceito, pois o que se chama de

¹MINER, Horace. Ritos Corporais entre os Naciema. Disponível em <poars1982.files.wordpress.com/2008/03/naciema.doc> Acesso em: 29/04/2016.

²MBEMBE, Achille. Crítica da Razão Negra. Lisboa: Editora Antígona, 2014.

pele negra nem de longe se aproxima do que a colorimetria chama de cor negra; o mesmo acontece entre a pele e a cor branca.

O negro surgiu para o mundo no século XVI, com a formação dos Estados-nação europeus. Antes reinos que interagiam de forma independente, agora os Estados europeus pioneiros – Espanha e Portugal – estavam unidos sobre governos monárquicos centralizados, que contavam com leis unificadas e um exército profissional à disposição da nação.

Naqueles dias, o grande desafio europeu era achar rotas alternativas para alimentar o comércio com o oriente, em especial o comércio de especiarias, já que a principal rota de ligação com as Índias, o mar Mediterrâneo, era alvo de constantes disputas. Fazia-se presente, também, a necessidade de se achar fontes alternativas, tanto de especiarias, quanto de metais preciosos, já que se vivia sobre a égide do metalismo. Foram com estes dois objetivos que Espanha e Portugal, cronologicamente, alcançaram o chamado “novo mundo” – a África, as Américas, a Oceania.

Na América Portuguesa, quando aqui chegaram, os colonizadores tentaram lucrar através do extrativismo, focando no Pau-Brasil, árvore de alto valor comercial usada para tingimento. Neste primeiro momento, tentou-se o uso de mão de obra escrava indígena – empreendimento que não obteve exatamente os resultados esperados pelo Reino de Portugal. Após a tentativa extrativista não ter agradado, os portugueses conformaram um sistema econômico baseado na produção monocultura para exportação em grandes latifúndios – o *plantation*. Inicia-se, então, a importação e utilização maciça de escravos negros africanos:

“Joaquim Nabuco também acreditava no espírito aventureiro dos portugueses. No entanto, para o pernambucano, tal espírito estava presente na alma da minoria dos nascidos em Portugal, pois poucos se propunham a sujeitar-se às intempéries que representavam uma viagem mar afora em barcos rudimentares como os que se tinham à época, e viver em uma terra desconhecida sem o mínimo de confortos como era o Brasil naqueles tempos. Assim sendo, segundo Nabuco, apesar da vastidão que o Império Português atingiu – ia das Américas até as Índias –, “Portugal não tinha corpo, nem forças, para possuir mais do que nominalmente esse imenso império”. As consequências disso podem ser vistas na história colonial brasileira: “a população europeia era insignificante para ocupar essas ilimitadas expansões de terra cuja fecundidade a tentava”; “Por isso, o território do Brasil foi distribuído entre donatários sem meios, nem capitais, nem recursos de ordem alguma, para colonizar as suas capitanias, isto é, de fato entregue aos jesuítas”. No fim, “Estando a África nas

mãos de Portugal, começou então o povoamento da América por negros”³ – iniciava-se aqui a tragédia da escravidão negra no Brasil.”(HONORATO, 2014, p.9)

Segundo Amailton de Azevedo (2010), “*entre os séculos XVI e XIX, a África não viveu processos colonizadores e os sistemas de pensamento político, econômico e cultural das sociedades africanas não haviam sido desestruturados*”; por isso, no campo das relações exteriores e do comércio internacional os grandes reinos e nações africanas disputavam, de forma equitativa, espaço com seus pares europeus. O comércio de escravos, assim como o comércio de óleo de dendê, por exemplo, eram ferramentas geopolíticas e, à época, os europeus mantinham uma relação estritamente comercial com os povos africanos. Os “colonizadores da América” viram, então, naquela prática existente no continente negro, uma grande oportunidade para resolução de seus problemas na aventura colonizatória: a falta de pessoas para ocupar os novos territórios, para trabalhar nos *plantations*, obter mais e mais lucros com a atividade colonial, já que a venda de escravos era de uma rentabilidade acima da média. Para manter este sistema ativo, ou seja, para forçar o negro africano a trabalhar em condições insalubres, os europeus e as elites coloniais lhes negaram qualquer direito como cidadão, ao passo que encheram de privilégios outras camadas sociais, assim como submeteram o escravo negro a uma rotina de extrema violência, respaldados, naquele tempo, por conceitos religiosos que defendiam que negros, brancos e índios não gozavam de igual consciência. Nascia assim o negro – o conceito do que se subentende por negro.

Um pequeno trecho de “*Crítica da razão negra*”⁴ exemplifica bem como foi este processo de construção do negro. No excerto, Mbembe remete à formação da colônia da Virgínia, hoje um estado dos Estados Unidos da América:

“A título de exemplo, quase meio século volvido da formação da colônia da Virgínia em 1607, as distinções entre os africanos e os europeus submetidos às mesmas brutais condições de exploração permaneceram relativamente fluidas. Considerados “supérfluos” na Metrópole, estes europeus formam, na colônia, uma mão-de-obra cativa, temporária e de corvéia, cujo estatuto é semelhante ao dos africanos com os quais partilham as mesmas práticas de sociabilidade: álcool, sexo, casamentos.

Quando foram alforriados, alguns africanos passaram a ter direito a um pedaço de terra e, a partir daí, reclamaram os seus direitos, incluindo o de possuir escravos. Esta comunidade subalterna, para além da raça, é responsável, nos anos 60 do século XVII, por uma série de revoltas (tais como a Revolta dos

³NABUCO, Joaquim. O Abolicionismo. Rio de Janeiro: Edições Best Bolso, 2010.

⁴MBEMBE, Achille. Crítica da Razão Negra. Lisboa: Editora Antígona, 2014.

Servos em 1661, a revolta de Bacon em 1676 e os motins do tabaco em 1682)” (MBEMBE, 2014, p. 85)

Segundo Mbembe, houve um ponto de inflexão e uma racialização, cada vez mais exacerbada, das divisões sociais e do trabalho na Virgínia:

“Em resposta à ameaça de repetidas insurreições levadas a cabo pelas classes subalternas agrupadas para além da raça, a Royal African Company foi reorganizada em 1685. Devido ao fornecimento de escravos africanos, o grosso da força de trabalho na colônia era, a partir de então, composto por escravos. Ao longo dos últimos anos do século XVII, a figura do escravo seria cada vez mais racializada. A partir de 1709, a configuração da força de trabalho sofre uma reviravolta. O número de africanos que são escravos para a toda vida ultrapassa de longe os da corvéia de origem europeia, sujeitos aos trabalhos forçados temporários e beneficiando, no termo de seu cativeiro, de uma alforria.

Este processo é acompanhado por uma grande actividade regulamentar cujo objetivo é estabelecer claras distinções entre a corvéia de escravos africanos e a corvéia de origem europeia. A partir de 1661, o sistema de castigos obedecerá a uma lógica explicitamente racial. Os que se unissem aos africanos na prática da fuga viam o seu período de cativeiro prolongado. As relações sexuais entre as raças são banidas. A mobilidade dos escravos está drasticamente reduzida e os *petits blancs* são encarregados de assegurar as patrulhas. O porte de armas é interdito a todos os negros. Pelo contrário, a cada escravo liberto de origem europeia, é-lhe entregue um mosquete.” (MBEMBE, 2014, p. 85)

O que se entende por “africano” nasce depois, com o processo de independência nas Américas e a obtenção, por parte do negro, na América anglo-saxônica, de uma cidadania precária, que basicamente se resumia a ter direito a um salário miserável e empregos nos mais baixos níveis hierárquicos para que, minimamente, pudesse consumir⁵. As evoluções tecnológicas trazidas pelas revoluções industriais levaram os países atingidos por elas a buscarem novos mercados consumidores e fornecedores de produtos primários. Como explicou Celso Furtado, a exploração africana naquele momento justificava-se, na perspectiva econômica, pelo “desenvolvimento da civilização industrial em sua primeira fase”:

“Em razão da elasticidade de oferta de mão-de-obra, os salários reais tendiam a permanecer estáveis, concentrando-se os frutos do aumento de produtividade em maiores lucros, parte substancial dos quais seria aplicada em novas indústrias, o que permitia que a transformação da velha estrutura econômica e social prosseguisse em ritmo cada vez mais intenso” (FURTADO, 1966, p. 5)

Apoiados pelo pensamento científico do século XIX, que defendia a inferioridade biológica e intelectual de alguns povos não-brancos, foi construída a imagem do africano, personificação do exótico, da desordem, da infantilidade, do atraso. Como disse Anderson Oliva:

⁵DU BOIS, William Edward Burghardt. *As almas da gente negra*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1999.

“Assim, antes de qualquer esforço para individualizar essas representações, não podemos ignorar que elas são resultado da associação das imagens que nos chegam do passado – recente ou/e remoto – com as nossas ações mentais cotidianas contemporâneas. Sendo assim, elas podem ser sintetizadas pelas interpretações dos efeitos gerados pelas experiências envolvendo o tráfico de africanos escravizados, o colonialismo europeu, o racismo e a situação da África no pós-independência, elaboradas tanto pelas próprias sociedades africanas, como pelas de outras origens” (OLIVA, 2007, p.38)

Neste ponto, recorrei à obra “*Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*”, trabalho de Mary Louise Pratt, pois explica como o pensamento científico forneceu os alicerces para que o imperialismo capitalista colonial atuasse. Em 1735, Carl Linné, que ficou conhecido através da versão latina de seu nome, Linnaeus (Lineu, em português), publicou “*O Sistema da Natureza*”, onde introduziu um sistema classificatório da flora a partir de suas partes reprodutivas, usando como língua corrente o latim⁶. Assim, segundo Pratt (1999), “*todas as plantas da Terra [...] poderiam ser inseridas neste simples sistema de distinções, incluindo aquelas ainda desconhecidas pelos europeus*”. Muitos discípulos de Lineu apareceram, viajando aos quatro cantos do mundo afim de catalogarem as mais diferentes espécies de plantas.

Ao mesmo tempo que a criação do sueco, de forma benéfica, trouxe uma popularização da ciência, originou também outros dois resultados, muitas vezes, vistos de forma controversa: Em primeiro lugar, o sistema classificatório tem um caráter totalizador, pois, sem que esta fosse a intenção do cientista, homogeneizou todas as plantas, lhes atribuindo uma nomenclatura comum, apagando, desta forma, toda uma contextualização que elas tinham tanto na sociedade, quanto no ecossistema nos quais estavam inseridas, bem como forneceu, ao europeu ocidental, o controle da informação, e, conseqüentemente, da retórica sobre ela; em segundo lugar, permitiu que o interesse privado se aproximasse do sueco e seus seguidores, uma vez que Lineu e seus discípulos, para viajarem a terras longínquas a catalogar plantas, pegavam “carona” em navios de grandes companhias comerciais e também usavam a estrutura das mesmas – a Companhia Sueca da Índia Oriental se destacou neste quesito⁷.

Lineu, então, avançou na criação de um sistema classificatório para os animais, onde identificou o Homo Sapiens, que, posteriormente, foi subclassificado em outras seis categorias. Assim era a classificação do europeu: claro, sanguíneo, musculoso; cabelo

⁶PRATT, Mary L. Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação. Bauru: EDUSC, 1999.

⁷Ibid.

louro, castanho, ondulado; olhos azuis, delicado, perspicaz, inventivo; coberto por vestes justas; governado por leis⁸. Já o africano, era descrito da seguinte forma: negro, fleumático, relaxado; cabelos negros, crespos; pele acetinada; nariz achatado, lábios túmidos; engenhoso, indolente, negligente; unta-se com gordura; governado pelo capricho⁹.

Este sistema classificatório serviu como base para o que Mary Louise Pratt chamou de “mito da superioridade europeia”, justificativa para dominação e exploração do continente africano por parte das potências coloniais. Este mito da superioridade se difundiu de tal forma que, até hoje, se faz presente nas mais distintas sociedades, alimentando um interminável preconceito, não só contra o negro, definido na classificação como o africano padrão, mas também contra o árabe, figura majoritária no Magreb, de fisionomia moura e de cultura muçulmana, que foram submetidos aos mesmos processos de subjugação e exploração que os povos da África subsaariana – vide a história colonial argelina¹⁰ (a questão oriental e o orientalismo dividiram, concomitantemente à partilha da África, a atenção das metrópoles europeias).

2.2 DISCUTINDO O IMPERIALISMO CAPITALISTA COLONIAL

De acordo com o filósofo congolês V. Y. Mudimbe (2013), *“a disputa por África, no período mais intenso, durou menos que um século e envolveu uma grande parte do continente africano, entre o final do século XIX e meados do século XX”*. Para ele, *“embora generalizações sejam obviamente perigosas”*, colonialismo significou essencialmente organização, arranjo¹¹. Tal organização, arranjo fora baseada em um tripé de ações complementares: o domínio do espaço físico, a reforma das mentes nativas e a

⁸PRATT, Mary L. Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação. Bauru: EDUSC, 1999.

⁹ Ibid.

¹⁰O filme “A batalha de Argel”, do diretor italiano Gillo Pontecorvo e os livros “Histoire de l’Algerie”, de Charles-Robert Angeron, “Coloniser, exterminer – Sur la Guerre e L’état colonial”, de Olivier LeCour Grandmaison e “A revolução argelina”, de Mustafa Yazbek, são obras que tratam sobre o assunto.

¹¹MUDIMBE, V. Y. A invenção de África: gnose, filosofia e a ordem do conhecimento. Ramada: Edições Pedagogo, 2013.

integração de histórias econômicas locais segundo a perspectiva ocidental¹². Jean-Michel Mabeko-Tali defende que:

“O debate sobre os diferentes sistemas coloniais tem ao menos um elemento de consenso: britânico ou francês, belga, português ou espanhol, todos eles eram baseados em idênticos fundamentos. E o primeiro desses fundamentos era o fato de que se tratava de uma violência virada para um funcionamento eficaz do sistema econômico, única justificativa historicamente objetiva do processo colonial. Desta forma, as diferenças apenas provieram do modo de estruturar a violência” (MABEKO-TALI, 2013)

Mabeko-Tali e Mudimbe se complementam: “*o domínio do espaço físico, a reforma das mentes nativas e a integração de histórias econômicas locais segundo a perspectiva ocidental*” foram feitos através da violência, sendo ela das mais diversas formas possíveis: física, verbal, simbólica, dentre outras. Por exemplo: Mahmood Mamdani (2002) diz que “*The starting point of that violence was colonial pacification, which took on genocidal proportions where settlers set out to appropriate native land, as in southern Africa and Congo*”; Phyllis Martin (1997), em sua obra “***Leisure and Society in Colonial Brazzaville***”, ao discutir sobre práticas de lazer na capital da África Equatorial Francesa, aborda como a forma ocidental de controle do tempo foi importante para a introdução de uma nova dinâmica econômica na colônia, se inscrevendo a formas de contagem do tempo que seguiam uma lógica biológica (como determinar a passagem do tempo através das fases da lua) e que eram amplamente utilizadas em sociedades tradicionais africanas – isto também pode ser enxergado como uma forma de violência. Tal violência, utilizada de forma sistêmica, acabou por produzir uma consequência inevitável nas colônias: o genocídio. Nas possessões belgas, que além dos territórios referentes à RDC, incluía Ruanda-urundi, porção que atualmente corresponde a República de Ruanda e a República do Burundi, existem exemplos marcantes deste fenômeno. Em Ruanda, em 1994, ocorreu um genocídio, onde grupos extremistas Hutus, maioria étnica no país, massacraram a minoria Tutsi:

“No one can say with certainty how many Tutsi were killed between March and July of 1994 in Rwanda. In the fateful one hundred days that followed the downing of the presidential plane – and the coup d’état thereafter – a section of the army and civilian leadership organized the Hutu majority to kill all Tutsi, even babies. In the process, they also killed not only the Hutu political opposition, but also many nonpolitical Hutu who showed reluctance to perform what was touted as a “national” duty. The estimates of those killed vary: between ten and fifty thousand Hutu, and between 500.000 and a million Tutsi.

¹²MUDIMBE, V. Y. A invenção de África: gnose, filosofia e a ordem do conhecimento. Ramada: Edições Pedago, 2013.

Whereas the Hutu were killed as individuals, the Tutsi were killed as a group, recalling German designs to extinguish the country's Jewish population. This explicit goal is why the killings of Tutsi between March and July of 1994 must be termed "genocide". This single fact underlines a crucial similarity between the Rwandan genocide and the Nazi Holocaust" (MAMDANI, 2002, p.05)

Apesar de ter ocorrido décadas após Ruanda ter conquistado sua independência política da Bélgica, o genocídio pode ser visto, como toda certeza, como uma consequência dos anos de colonização belga. Primeiro porque, como defende Mamdani (2002), o horror do colonialismo leva a dois tipos de impulsos genocidas: o genocídio de nativos pelos colonos e à vontade dos nativos de eliminarem os colonizadores. Segundo porque Tutsis eram vistos como estrangeiros e colonizadores pela maioria Hutu em Ruanda, uma imagem construída por meio de privilégios políticos que o grupo étnico minoritário já possuía antes da colonização e que, por interesse belga, foram mantidos durante os anos de ocupação¹³: além da divisão racial entre nativos, povos que deveriam ser civilizados, e não nativos, povos que tinham a missão civilizatória nas mãos, houve, em Ruanda-urundi, uma divisão étnica, baseada na hipótese hamita (os descendentes de Cam, um dos filhos de Noé), entre os povos de origem Bantu (Hutus), que eram vistos como menos civilizados entre os nativos, e os povos descendentes de Cam (Tutsi), por isso mais próximos do nível evolutivo dos belgas e que, portanto, deveriam colaborar com a missão civilizatória. Por isso, Mamdani (2002) explica que *"only in Rwanda and Burundi did the Hamitic hypothesis become the basis of a series of institutional changes that fixed Tutsi as a race in their relationship to the colonial state"*. As consequências foram que:

"It was a genocide by those who saw themselves as sons – and daughters – of the soil, and their mission as one of the clearing the soil of a threatening *alien* presence. This was not an "ethnic" but a "racial" cleansing, not a violence against one who is seen as a neighbor but against one who is seen as a foreigner, not a violence that targets a transgression across a boundary into home but one that seeks to eliminate a foreign presence from home soil, literally and physically. From this point of view, we need to distinguish between racial and ethnic violence: ethnic violence can result in massacres, but not genocide. Massacres are about transgression, excess; genocide questions the very legitimacy of a presence as alien."(MAMDANI, 2002, p.14)

Mary Douglas, antropóloga inglesa, realizou pesquisas de campo no antigo Congo Belga e, em 1963, publicou *"Os Lele do Kasai"*; Em 1987, revisitou a região onde em 1953 havia desenvolvido suas pesquisa de campo, publicando um artigo sobre esta

¹³MAMDANI, Mahmood. When Victims Become Killers. Colonialism, Nativism, and the Genocide in Rwanda. Princeton: Princeton University Press, 2002.

experiência que explicita os efeitos do genocídio na cultura da antiga colônia belga.

Segundo Douglas:

“A crença na feitiçaria fazia parte da tradição ancestral dos Lele, mas antes da cristianização eles haviam desenvolvido meios de controlar o temor e de limitar as acusações contra os feiticeiros. Padre Hubert, fundador e diretor da Oblats de Marie Immaculée – OMI, missão de Mapangu, ensinou aos cristãos convertidos a não crerem em feitiçaria, pedindo, ao contrário, que acreditassem na graça divina e no poder dos sacramentos da igreja. Solicitava que não recorressem às velhas práticas de cura e divinação, e principalmente, que não participassem de cultos antifeitiçaria que, de tempos em tempos, varriam a região. Em 1987 o cenário era outro: o medo da feitiçaria havia sido assimilado à prática e ao pensamento cristãos, e havia escapado totalmente ao controle” (DOUGLAS, 1999)

Mesmo dentro da perspectiva adotada por Mabeko-Tali – violência, não só física, estruturada afim de se cumprir eficazmente a função econômica das colônias -, não é possível traçar uma tipologia daqueles países que foram as principais nações a explorarem de forma sistêmica outras regiões do mundo: EUA, Inglaterra, França, Holanda, Bélgica, Portugal e Espanha. Isto porquê não houve uma homogeneização dos sistemas de colonização aplicados por cada potência colonial em suas diversas colônias – no caso belga, por exemplo, a estratégia de se criar uma cisão étnica foi usada apenas em Ruanda-urundi, e não no Congo Belga, território vizinho em que foi utilizada outra dinâmica. E assim se sucedeu em todos os outros impérios coloniais também.

2.3 A REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO – DO REINO DO KONGO A PATRICE LUMUMBA

A República Democrática do Congo (RDC) é um país localizado na África Central¹⁴. Com uma área total de 2.345.409 Km², o país, também é chamado de Congo-Kinshasa (em referência ao nome de sua capital). Em seus 9.165 km de fronteiras, faz divisa com 9 países: República do Congo – ou Congo-Brazaville – a oeste; República Centro-Africana e Sudão, ao norte; Uganda, Ruanda, Burundi e Tanzânia, a leste; Zâmbia, a sudeste; e Angola, ao Sul¹⁵. A região costeira do país possui 17 km de

¹⁴Segundo Bethwell Allan Ogot (2010): “Entendemos por África Central os seguintes países: Zaire, República Centro-Africana, República Popular do Congo, Gabão, Camarões e, em parte, Angola, Ruanda e Burundi”.

¹⁵MUNANGA, Kabengelê. A República Democrática do Congo - RDC. Disponível em: <<http://www.casadasafricas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/09/A-Republica-Democratica-do-Congo.pdf>>. Acesso em: 12/ 03/ 2016.

extensão, mais ou menos, e, segundo Munanga (2011), encontra-se “entre o enclave angolano de Cabinda e a desembocadura do rio Congo”.

Figura 1: Mapa Político da República Democrática do Congo (Fonte: CIA, 2019).

Seu território é extremamente rico em recursos naturais: estima-se que 1/5 das reservas hídricas da Terra estejam lá¹⁶; seu solo fora declarado, em 1892, pelo geólogo belga Cornet, um “escândalo geológico”¹⁷, pois apresenta enormes fontes, dentre outras coisas, de cobre (faz parte do chamado *copperbelt*), diamante, manganês, estanho, urânio, zinco e cobalto¹⁸; além destes minerais, o Congo ainda possui jazidas relevantes de ouro, bauxita, prata, platina, chumbo, carvão e petróleo¹⁹. A maior parte destas riquezas, no entanto, se concentram no leste do país, abrangendo a província do Catanga e suas

¹⁶MUNANGA, Kabengelê. A República Democrática do Congo - RDC. Disponível em: <<http://www.casadasafricas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/09/A-Republica-Democratica-do-Congo.pdf>>. Acesso em: 12/ 03/ 2016.

¹⁷CORNEVIN, Robert. Le Zaïre. Paris: Presses Universitaires de France, 1972.

¹⁸MUNANGA, Kabengelê. A República Democrática do Congo - RDC. Disponível em: <<http://www.casadasafricas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/09/A-Republica-Democratica-do-Congo.pdf>>. Acesso em: 12/ 03/ 2016.

¹⁹Ibid.

adjacências²⁰. Segundo Cornevin (1972), tal concentração pode ser explicada geologicamente, pois é na parte oriental do país que se encontram as formações geológicas mais antigas.

Figura 2: Mapa geológico da República Democrática do Congo (Fonte: BBC, 2019).

Etnologicamente, a RDC é um país ultra diverso: são 250 etnias diferentes habitando seu território²¹. Porém, em sua obra clássica *“Introdução à etnografia do Congo”*, Jan Vansina dividiu estes 250 povos em 4 grandes grupos etnológicos²²:

- 1) Povos de savana do norte, tendo como expoentes as etnias Ubangi e Uele;
- 2) Povos da floresta, tendo como grandes exemplos os pigmeus;
- 3) Povos de savana do sul, tendo como maior etnia os Kongo;

²⁰MUNANGA, Kabengelê. A República Democrática do Congo - RDC. Disponível em: <<http://www.casadasafricanas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/09/A-Republica-Democratica-do-Congo.pdf>>. Acesso em: 12/ 03/ 2016.

²¹CORNEVIN, Robert. Le Zaïre. Paris: Presses Universitaires de France, 1972.

²²Ibid.

4) Povos pastores do leste do Congo, que tem como maiores exemplos os Bantus.

Os pigmeus, de nome tradicional Mbuti e Batwa, compõem o grupo populacional mais antigo presente no território da atual RDC²³.

Em termos linguísticos, o Congo Kinshasa pode ser dividido em 3 grandes grupos: Bantus, sudaneses e nilóticos²⁴.

Ainda que a riqueza mineral do país salte aos olhos, a economia congoleza é essencialmente agrícola. Munanga (2011) destaca que, em 1957:

“[...] o país contava com 2.400 plantações exploradas pelos colonos e raros congolezes. Os produtos eram por ordem de importância: cacao, chá, borracha, café, óleo de palmeira e cereais. Salvo cerca de 300.000 trabalhadores rurais das plantações, a maioria da população do campo vivia numa economia de subsistência com uma produção orientada para a alimentação básica como a mandioca, o milho, o amendoim e a banana. Em algumas regiões a produção do algodão, que, iniciada por imposição colonial, desenvolveu-se rapidamente” (MUNANGA, 2011).

2.3.1 História pré-colonial: a era dos grandes reinos Bantus

Os nomes do país, República Democrática do Congo, do vizinho, República do Congo, bem como do maior rio da região, o rio Congo, têm todos a mesma origem: O Reino do Kongo²⁵; Segundo Amailton Magno Azevedo (2010):

“sua fundação ainda é bastante desconhecida, no entanto, na tradição oral o ponto de fundação do Congo estaria localizado em Mbanza Kongo ou São Salvador (nome cristão), tendo em Nimi a Lukeni, o primeiro Manicongo na segunda metade do século XIV” (AZEVEDO, 2010, p. 366)

Ainda de acordo com este autor, *“a produção de cobre e sal tornou o Congo uma força política e econômica não só interna, mas também mundialmente”* (AZEVEDO, 2010): era uma monarquia altamente centralizada com uma nobreza muito influente, moeda corrente comum e grande força militar – no final do século XVI, a guarda real era composta por entre 16 e 20 mil escravos²⁶; isto o permitiu ser o maior dos reinos da

²³MUNANGA, Kabengelê. A República Democrática do Congo - RDC. Disponível em: <<http://www.casadasafricanas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/09/A-Republica-Democratica-do-Congo.pdf>>. Acesso em: 12/ 03/ 2016.

²⁴CORNEVIN, Robert. Le Zaïre. Paris: Presses Universitaires de France, 1972.

²⁵MUNANGA, Kabengelê. A República Democrática do Congo - RDC. Disponível em: <<http://www.casadasafricanas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/09/A-Republica-Democratica-do-Congo.pdf>>. Acesso em: 12/ 03/ 2016.

²⁶OGOT, Allan B. (Org). História Geral da África, V: África do Século XVI ao Século XVII. Brasília: UNESCO, 2010.

África Central, ocupando um território que hoje corresponde a parcelas da RDC, do norte de Angola, da República do Congo, e do atual Gabão²⁷. Sua antiga capital, Mbanza Kongo, localiza-se na província do Zaire, atual Angola, e especialistas estimam que, na mais pessimista das previsões, o reino contava com 2 milhões de habitantes²⁸.

Figura 3: Mapa político do antigo Reino do Kongo (Fonte: SAHO, 2019).

A dinâmica política do Reino do Kongo era muito sofisticada e, sob alguns ângulos, lembrava, sob uma óptica ocidental, uma “semi-democracia”:

“A realza baseava-se em eleições: o conselho real comportava 12 membros – dos quais 4 eram mulheres – que representavam, segundo Hilton, os clãs dos avós do rei 12 . Apesar dessa instituição, as lutas de sucessão eram corriqueiras” (OGOT, 2010, p. 676).

O primeiro contato da região com a Europa se deu justamente neste período, quando ainda era parte do Reino do Kongo: em 1482, o explorador português Diego Cão

²⁷OGOT, Allan B. (Org). História Geral da África, V: África do Século XVI ao Século XVII. Brasília: UNESCO, 2010.

²⁸Ibid.

descobriu a bacia do rio Nzadi. O nome, em língua Quicongo, fora traduzido como rio Zaire para o português²⁹. De acordo com Merriam (1963), supõe-se que “Nzadi” deriva da palavra africana “zadi”, que significa “água grande”.

No Kongo, o explorador português “*estabeleceu relações diplomáticas em nome do Soberano de Portugal, da Espanha e do Papa em Roma*”(MERRIAM, 1963, p. 15). O grande Reino do Kongo começou a ruir no fim do Século XVI, por razão de uma combinação de problemas que envolviam complicações na distribuição de cargos na burocracia do reino por parte dos reis para seus familiares, dificuldades para se manter o estilo de vida introduzido por Portugal na nobreza kongolesa, já que esta agora era católica, letrada e gostava de ir estudar na pátria lusa, o que fez com que os gastos estatais aumentassem consideravelmente e os abismos sociais fossem acentuados, além da quebra, por parte de traficantes afro-lusitanos alocados em São Tomé, do monopólio real kongolês no comércio de escravos, que seguia regras bem definidas e tinha seu imposto coletado, o que, comercialmente, dava vantagem aos traficantes. Soma-se a todos estes outros fatores o esforço diplomático de Portugal, grande potência mundial à época, para enfraquecer o Reino do Kongo, devido ao interesse na já sabida grande riqueza mineral de seu território e no comércio de escravos: da proibição da venda de navios ao reino africano, até a oposição a sistemas de transportes kongoleses³⁰, uma variedade de ferramentas foram utilizadas.

A derrocada final se deu quando Portugal estabeleceu em Luanda, capital da atual Angola, uma colônia³¹:

“From 1575, the Portuguese established a colony in Luanda, Angola, just to the south of Kongo, and some governors used the position to launch raids into Kongo to gather slaves, or in an attempt to take tracts of territory. In 1622, a full-scale Portuguese invasion from Angola was eventually beaten off, but in 1665, Kongo suffered a serious defeat at the battle of Mbwila, resulting in the deaths of the Kongolese king Antonio I and many of his nobles. Kongo was plunged into half a century of civil war, which included the abandonment of the capital. Although Portugal did not effectively take over Kongo until 1857, its independence until then was severely reduced, and the power of the kings to control the whole country was broken”. (THE BRITISH MUSEUM, 2010)

²⁹MUNANGA, Kabengelê. A República Democrática do Congo - RDC. Disponível em: <<http://www.casadasafricanas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/09/A-Republica-Democratica-do-Congo.pdf>>. Acesso em: 12/ 03/ 2016

³⁰OGOT, Allan B. (Org). História Geral da África, V: África do Século XVI ao Século XVII. Brasília: UNESCO, 2010.

³¹The British Museum. The Wealth of Africa: The Kingdom of Kongo. Disponível em: <https://www.britishmuseum.org/pdf/KingdomOfKongo_TeachersNotes.pdf> Acesso em: 31/05/2016.

2.3.2 Formação do Estado Livre do Congo

Pode-se dizer que quatro nomes foram os pioneiros responsáveis pela ocupação e exploração da África Central: em ordem cronológica, o português já citado Diogo Cão, o missionário escocês David Livingstone, o anglo-americano Henry Morton Stanley e o ítalo-francês Savorgnan de Brazza. Todos eles influenciaram a trajetória histórica do Congo-Kinshasa, porém, seu grande protagonista foi, sem dúvida alguma, Henry Stanley.

Segundo Merriam (1963), até 1870, *“os exploradores não tinham penetrado no interior da Bacia do Congo, mas somente tocado algumas pequenas partes da sua região oriental”*. Isto porque, primeiramente, naqueles dias, a maioria dos exploradores que conheciam a região a alcançavam através do Lago Tanganica, que integra o que se chama de grandes lagos africanos; o ímpeto era alcançar a nascente do rio Nilo. Em segundo lugar, porque a bacia do Congo é uma região envolta em densa floresta equatorial e cercada por grande mística, como a dos povos pigmeus³². Até então, o Congo oriental era território de mercadores e colonos da África Oriental:

“No século XIX, a parte oriental foi grandemente dominada por mercadores e colonos da África Oriental, na época citados como “árabes”, embora fossem de fato o que hoje chamamos de suaíles, isto é, africanos orientais de uma área nominalmente sob o controle do sultão de Zanzibar. O principal potentado na área, o homem que conquistara uma grande parte do Zaire oriental, era Hamed Ibn-Muhammad, mais conhecido como Tippu Tipp”. (WESSELING, 2008, p. 84)

Quem, neste período, havia ido mais longe território do Congo adentro, tinha sido o escocês Livingstone; de 1840 a 1872, ele conduziu uma série de expedições na África, durante as quais cruzou algumas vezes o território congolês³³. Fora justamente a procura do missionário que, em 1871, partiu para o continente negro um galês de 30 anos de idade, chamado John Rowlands, que, mais tarde, ficaria conhecido sobre a alcunha de Henry Morton Stanley – a essa altura, já fazia dois anos que não se tinha notícias sobre David Livingstone na Europa. Stanley, nascido em 28 de janeiro de 1841, na cidade de Denbigh, era filho de uma moça que, à época de seu nascimento, tinha 18 anos, era solteira e, até o fim de sua vida, teria mais 3 filhos de outros 2 homens. Henry nunca conheceu seu pai e sua mãe lhe largou com o avô, quem o criou até os 5 anos de idade,

³²Isto porque, segundo Merriam (1963, p. 29), entre os pigmeus a “crença nos sortilégios é forte, estando ligada ao conceito de força vital no universo”.

³³MERRIAM, Alan P. Congo. Rio de Janeiro: Editora Letras e Artes, 1963.

quando morreu. Após a morte do avô, Stanley fora enviado a uma *work house*, que era, no sentido estrito da palavra, um orfanato. O lugar não era o mais adequado para o desenvolvimento de uma criança / adolescente, tanto que Stanley de lá fugiu. Tempos após a fuga, o galês arrumou emprego em barco, meio pelo qual chegou aos Estados Unidos da América, estabelecendo-se em New Orleans; lá, conheceu e assumiu o posto de filho de um rico comerciante de algodão chamado Henry Hope Stanley³⁴, de quem ganhou um novo nome, nome este que adotaria para o resto de seus dias. Nos EUA, após a morte de seu “pai adotivo”, ele serviu para os dois lados na Guerra Civil Estadunidense: primeiramente, lutou pelos Confederados; fora capturado, liberto e se alistou novamente, desta vez nas forças da União. Foi lá que fora contratado, em 1867, pelos jornais New York Herald, dos EUA, e Daily Telegraph, da Inglaterra, para atuar como correspondente. Neste posto, foi mandado em expedição pelo continente negro, a procura do missionário perdido.

Seguindo pistas, Morton Stanley adentrou pelo que hoje corresponde a RDC através do Lago Tanganica. Em 10 de novembro de 1871, em Ujiji, cidade localizada na atual Tanzânia, Stanley encontrou o escocês doente, proferindo sua famosa frase: “*Dr. Livingstone, I presume?*”³⁵. Em maio de 1873, David Livingstone morreu, mesmo mês no qual Henry Morton retornou à Europa. Ele havia não só encontrado o escocês, como também havia feito uma descoberta preciosa e que, mais tarde, se mostraria estratégica: o rio Lualaba, depois que seu curso atravessava o Lago Stanley, se tornava uma excelente entrada para a África Central³⁶.

Henry Morton Stanley, retornado à Grã Bretanha, acreditou que a Rainha se interessaria pela informação que tinha em mãos, bem como se entusiasmaria pela oportunidade de ocupar extraordinária porção da África Central; se enganou completamente. Além de não ser bem quisto entre os ingleses, onde adjetivos como “agressivo” e “dominador” eram usados para defini-lo³⁷, Stanley havia alimentado

³⁴WESSELING, Henk. Dividir para Dominar: A partilha da África, 1880 - 1914. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

³⁵MERRIAM, Alan P. Congo. Rio de Janeiro: Editora Letras e Artes, 1963.

³⁶WESSELING, Henk. Dividir para Dominar: A partilha da África, 1880 - 1914. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

³⁷Ibid.

inimizade com John Kirk, cônsul britânico dito “vice-rei sem coroa de Zanzibar”³⁸; além disto, era grande, dentro da Europa naquele tempo, o sentimento de que colônias não significavam lucro, mas sim apenas gastos – o sentimento era tão forte que a França chegou a cogitar deixar sua colônia do Gabão³⁹. Neste contexto, o único caso que parecia ter sucesso era a ocupação holandesa da Ilha de Java, na atual Indonésia. Este *case* fora justamente o que o advogado inglês J.W.B Money usou para escrever o livro ***“Java or How to Manage a Colony”***, que se tornou uma bíblia para o rei Leopoldo II, da Bélgica.

Em 1865, quando Leopoldo II subiu ao trono da Bélgica, havia apenas 31 anos que o país conquistara o *status* de nação independente, desanexada do Reino dos Países Baixos⁴⁰. Leopoldo de Saxe-Coburg, seu pai, foi então o primeiro mandatário daquele pequeno reino. Com uma economia voltada para o continente, o país tinha um espírito altamente liberal, e sua principal atividade era a indústria siderúrgica. O reino belga não dispunha de uma Marinha e, aliado a isto, trazia na memória uma aventura colonial fracassada na Guatemala, ocorrida por volta de 1840. Tais fatores faziam com que os belgas, naquele tempo, encarassem como quase impossível a entrada de seu país no fato colonial. No entanto, Leopoldo II queria tornar seu pequeno reino uma potência, assim como França e Grã-Bretanha eram, e, se estes países possuíam colônias, segundo o raciocínio de Leopoldo, a Bélgica também deveria ter.

A Leopoldo II parecia que seu sonho não teria solução: foram muitas as sondagens e estudos diplomáticos feitos para que uma colônia palpável aos interesses belgas fosse adquirida - Filipinas, China, Japão, Bornéu, Nova Guiné, Formosa, Tonquim, Sumatra...; todos os projetos fracassaram⁴¹. Foi neste ponto que o mandatário belga resolveu mudar sua estratégia: não se apresentaria mais como portador dos interesses do reino europeu, mas sim como um homem poderoso e rico atrás de empreendimentos ultramarinos; assim o fez, declarando que nesta empreitada fora dos domínios belgas, não pediria um centavo ao ministro das finanças⁴².

³⁸WESSELING, Henk. Dividir para Dominar: A partilha da África, 1880 - 1914. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

³⁹Ibid.

⁴⁰Ibid.

⁴¹Ibid.

⁴²Ibid.

No ano de 1875, ocorreu, na capital francesa, o congresso da Sociedade Geográfica Francesa. Lá, Leopoldo II se inteirou das possibilidades territoriais e, pela primeira vez, voltou seus olhos à probabilidade de possuir uma colônia no continente africano: a África Central permanecia inexplorada pelos interesses europeus. Ali, também, tomou conhecimento das expedições de Henry Morton Stanley e Brazza, que naquele mesmo ano havia partido, a serviço da Marinha francesa, ao Gabão⁴³. Impressionado com as possibilidades, o rei belga convocou, para o ano seguinte, a Conferência Geográfica de Bruxelas.

Oficialmente, o evento fora organizado, como cunhou Kabengelê Munanga, num esforço para “abrir a bacia do Congo à civilização ocidental”⁴⁴ e reuniu especialistas de países como Inglaterra, Áustria, Rússia, França e Itália. Houve fácil consenso entre os presentes sobre a construção de bases operacionais no estuário do rio Congo, bem como sobre a criação de uma organização internacional de caráter filantrópico para administração destas bases e facilitação do trabalho civilizatório. Nasceu assim, a Associação Internacional Africana (AIA), que tinha como presidente o próprio Leopoldo II.

A AIA, como uma organização internacional, foi um grande fracasso. Isto porque todos os países que participaram de sua fundação logo perceberam que o interesse de Leopoldo II não tinha nada a ver com filantropia. Além do mais, boa parte dos países europeus já contavam com suas próprias organizações geográficas e não estavam dispostos a despendar dinheiro e sobrepôr uma instituição nacional com um organismo internacional. Desta forma, apenas belgas e, em menor medida, holandeses, levaram a AIA a sério.

Em 1878, quando Henry Stanley chegou de sua expedição, como exposto anteriormente, tentou “vender” seus planos sobre o Congo ao governo britânico – não foi bem recebido. Então, o mandatário belga pediu que o embaixador da Bélgica em Londres, Henry Solvyns, convidasse Morton Stanley para ir a Bruxelas conversar pessoalmente com o rei. Na capital belga foi pomposamente recebido e suas idéias foram

⁴³WESSELING, Henk. *Dividir para Dominar: A partilha da África, 1880 - 1914*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

⁴⁴MUNANGA, Kabengelê. *A República Democrática do Congo - RDC*. Disponível em: <<http://www.casadasafricas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/09/A-Republica-Democratica-do-Congo.pdf>>. Acesso em: 12/ 03/ 2016.

ouvidas com extremo entusiasmo por Leopoldo II. O plano era simples, mas trabalhoso e grandioso: transformar as bases da AIA em colônias belgas; seguindo o plano de Stanley, construir uma ferrovia contornando as caudalosas cataratas do Matadi⁴⁵, para que o território ficasse completamente conectado; e, por último, incorporar Henry Morton Stanley ao Serviço do Rei, para que o explorador fosse o grande responsável por todo este trabalho.

Poderia parecer sem sentido, mas o fato de, além da Bélgica, a Holanda ter sido o único país a ter acreditado minimamente na AIA não foi em vão. O país era pátria de Kerdijk e Pincoffs, dois *nouveau riche* de Roterdã que eram donos da Afrikaanische Handels-Vereenigign (AHV), companhia de comércio possuidora de 44 entrepostos comerciais na região do Congo e, de longe, a grande empresa da região à época⁴⁶. Leopoldo II precisava de sócios, principalmente para pôr em prática a empreitada da ferrovia imaginada por Stanley. Desta forma, recebeu, em 1878, os holandeses em seu palácio; ouviu, dos holandeses, uma generosa recíproca, que incluía transporte gratuito ao Congo, hospedagem em seus entrepostos e ajuda de seus funcionários⁴⁷ - a verdade é que os negócios africanos de Kerdijk e Pincoffs iam mal e estes viram no rei belga uma bela oportunidade de se livrarem deles⁴⁸.

Visto isto, o belga e os holandeses fundaram, sendo o primeiro sócio majoritário e os segundos sócios minoritários, o Comité d'Études du Haut-Congo (CEHC)⁴⁹. Estava pavimentado o caminho para que Henry Morton Stanley voltasse à África central e começasse a pôr em prática os planos que o rei belga havia arquitetado com ele:

“Stanley chegou ao Congo em 14 de agosto de 1879. No dia 13 de junho do ano seguinte, assinou o primeiro dos tratados de que fora incumbido. Este mencionava o direito único e exclusivo de explorar a atividade agrícola, o direito exclusivo de construir estradas, e assim por diante. Os outros tratados que Stanley iria assinar nos anos seguintes foram regidos de forma semelhante. Nesse período inicial, não se fazia ainda qualquer menção a ceder territórios e soberania. Monopólios – isso foi que motivou o homem que iria adquirir o Congo com a promessa de livre comércio” (WESSELING, 2008, p. 106).

Savorgnan de Brazza havia nascido na Itália. Simpatizante do mar, encontrou na Marinha francesa refúgio, uma vez que nascera numa Itália ainda não unificada e sua

⁴⁵WESSELING, Henk. Dividir para Dominar: A partilha da África, 1880 - 1914. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

⁴⁶Ibid.

⁴⁷Ibid.

⁴⁸Ibid.

⁴⁹Ibid.

família era amiga de Ferdinand de Lesseps, que foi chefe da Marinha da França. Na Marinha francesa, apesar do crescente sentimento de carinho que alimentava pelo país que adotara, Brazza nunca foi aceito como um francês, o que atrapalhou sua progressão na carreira. Mesmo assim, em 1879, o ainda jovem oficial da partiu em uma expedição à África, que só havia conseguido por influência direta do amigo francês de sua família e para a qual recebera um subsídio muito menor do que o necessário para cumprir com sua missão: sua família acabou sendo a maior financiadora de uma viagem que mudou a trajetória do neocolonialismo francês na África. Como dito anteriormente, em meados do século XIX a França estava prestes a abandonar sua colônia do Gabão – já quase não havia mais exploração sistemática do território. Porém, percebendo os movimentos de Leopoldo II, Brazza, um entusiasta da “responsabilidade europeia em civilizar a África”, assim como Stanley o era, pediu autorização para fazer algo a respeito – não conseguiu. Lesseps então interferiu, conseguindo com que o ítalo-francês fosse enviado ao Gabão para estabelecer dois postos de hospedagem e científicos em nome do cambaleante comitê francês da AIA⁵⁰. Ao invés disto, o jovem oficial começou a firmar acordos, com lideranças locais, para concessão de suas terras e cessão de direitos de hereditariedade à pátria francesa em troca de proteção: o primeiro destes acordos fora firmado em 10 de setembro de 1880 (o acordo Brazza-Makoko)⁵¹. Brazza fechou uma série de acordos, delimitando o território que hoje corresponde a República do Congo – a capital, Brazzaville, recebe este nome em sua homenagem.

Do outro lado do rio Congo, Stanley fazia o mesmo trabalho, em nome de Leopoldo: em 5 anos, o explorador fechou entre 400 e 500 acordos com lideranças locais em nome das associações do soberano belga⁵².

Estes esforços, tanto do lado belga, quanto do lado francês, causaram um choque diplomático, não só entre os dois países, mas também entre eles, Inglaterra e Portugal. Os portugueses, vendo o avanço de Stanley, como primeiros europeus a terem pisado na região, contestaram seu direito original à terra; os ingleses ficaram temerosos, em primeiro lugar, quanto ao impacto que aquelas ocupações poderiam causar no movimento

⁵⁰WESSELING, Henk. *Dividir para Dominar: A partilha da África, 1880 - 1914*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

⁵¹Ibid.

⁵²Ibid.

comercial, pois franceses tinham fama de ser protecionistas, e portugueses tinham fama de, além de serem protecionistas, serem extremamente corruptos; ademais, França e Inglaterra eram as grandes potências mundiais naquele contexto e, assim sendo, disputavam espaço no quebra-cabeça das relações internacionais.

A tensão sobre o assunto só aumentava: Inglaterra ameaçou traçar um acordo com Portugal, reforçando a posição que os portugueses exigiam, para evitar que aquela porção de terra caísse em mãos francesas. No entanto, Leopoldo II e sua diplomacia tomaram rápidas e eficazes medidas para esfriar os ânimos e garantir suas posses na África Central: garantiu, aos britânicos, o direito de livre navegação na bacia do Congo, além de nenhuma tarifa alfandegária; aos franceses, cedeu o *droit de préférence* sobre o território ultramarino belga – caso a aventura colonial não desse certo, a França teria direito à posse da parte belga do Congo.

Continuando com seu plano para oficializar a anexação ao seu patrimônio do Congo, em 1883, Leopoldo II muda o nome da AIA para Associação Internacional do Congo (AIC). No ano subsequente, 1884, mais precisamente no mês de novembro, teve início, em Berlim, a Conferência de Berlim, onde ocorrera a tão conhecida “partilha da África”. Este trabalho representou uma grande vitória diplomática para Leopoldo II: as grandes potências mundiais ratificaram o direito de posse belga sobre aquele território, desde que o mandatário belga, em troca, garantisse a livre navegação internacional na bacia do rio Congo⁵³. Estava criado o Estado Livre do Congo.

Logo após o reconhecimento internacional, no dia 30 de abril⁵⁴ daquele mesmo ano, o parlamento da Bélgica passou para Leopoldo II o direito de propriedade sobre o Estado Independente do Congo. Desta forma, Leopoldo II se tornou dono único de um país inteiro⁵⁵.

2.3.3 Exploração e espoliação do Estado Livre do Congo

⁵³MUNANGA, Kabengelê. A República Democrática do Congo - RDC. Disponível em: <<http://www.casadasafricas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/09/A-Republica-Democratica-do-Congo.pdf>>. Acesso em: 12/ 03/ 2016.

⁵⁴MERRIAM, Alan P. Congo. Rio de Janeiro: Editora Letras e Artes, 1963.

⁵⁵MUNANGA, Kabengelê. A República Democrática do Congo - RDC. Disponível em: <<http://www.casadasafricas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/09/A-Republica-Democratica-do-Congo.pdf>>. Acesso em: 12/ 03/ 2016.

Vendo-se com toda aquela vastidão em suas mãos, o monarca belga começou a colocar em prática um plano para tirar o máximo de lucro possível do tesouro africano que tinha para si. A base para exploração do Estado Livre do Congo fora a categorização das terras do país – segundo Munanga (2011), “a pedra angular da exploração econômica residia na atitude adotada a respeito da questão fundiária”. Elas eram divididas em três categorias: terra nativa, terra pertencente a coroa e terra registrada⁵⁶. As duas primeiras categorias classificatórias tem nomes autoexplicativos; já terras registradas carecem de definição, pois serviram como um dos mais importantes pilares da exploração belga do Congo – as concessões e monopólios. Segundo Merriam (1963), eram terras registradas:

“concessões outorgadas através do governo belga. Essa terra continuava sendo propriedade do governo, mas era entregue a uma companhia particular; o governo geralmente conservava direitos sobre os produtos minerais do subsolo, que eram considerados um conjunto completamente separado dos direitos que a companhia exercia na superfície; a pesquisa mineral no Congo era, deste modo, estritamente controlada” (MERRIAM, 1963, p. 22 - 23).

Dentro desta categoria, foram estas as duas principais concessões obtidas:

Comité Espécial du Katanga (CSK): concedida em 1891, cedia os direitos de mineração na província do Catanga durante 99 anos;

Compagnie des Chemins de Fer du Congo Superiér aux Grands Lacs Africains (CFL): concedida em 1902, empresa foi fundada com objetivo de construir uma ferrovia ligando o Rio Congo aos lagos Alberta e Tanganica. Contrato era de 99 anos.

As terras pertencentes a coroa significaram um grande sacrifício ao povo congolês:

“Ao decretar propriedade do Estado as terras ditas vacantes [terras pertencentes a coroa], o rei impedia aos colonos se instalar nessas terras sem pagar algo para sua administração. No lugar dos proprietários autóctones, era o Estado que aferia os lucros da distribuição da terra. Assim, as terras vacantes eram divididas em terras não exploradas em terras exploradas para permitir ao Estado financiar as despesas das primeiras instalações, além de obrigar aos autóctones a fornecer certas quantias dos produtos da colheita, como a borracha e o marfim” (MUNANGA, 2011).

Desta forma, Leopoldo II criou para si uma enorme massa de mão de obra praticamente cativa. A primeira forma de exploração utilizada para usufruir desta mão de obra foi o *portage*. O *portage* era um sistema de transporte de carga que utilizava como força motriz os nativos congoleses. Apesar de este tipo de tarefa estar presente no Congo antes mesmo da chegada dos belgas, estes a introduziram como uma obrigação sistêmica,

⁵⁶MERRIAM, Alan P. Congo. Rio de Janeiro: Editora Letras e Artes, 1963.

aplicada não só para curtas distâncias, mas também em longos trajetos onde os congoleses eram vigiados por agentes a mando do rei e se viam obrigados a carregar, em seus ombros, costas e cabeça, cargas que às vezes superavam 40 quilos⁵⁷. Esta prática, em uma região onde a moeda corrente tardou um pouco a ser introduzida, virou uma ferramenta comum para se saldar dívidas com o fisco.

Neste mesmo período, foram introduzidas as corveias para comida no Estado Livre do Congo. De acordo com esta prática, os congoleses eram obrigados a fornecer certa quantia de alimento para alimentar os belgas e europeus em geral que auxiliavam na ocupação da colônia⁵⁸. Os congoleses, que produziam no campo ao ritmo da subsistência, sentiram muitas dificuldades de se adaptarem à imposição: segundo Munanga (2011), muitas populações ribeirinhas, que eram as mais afetadas uma vez que os rios eram as grandes vias do ir e vir colonial, tentaram migrar para o interior para fugir da medida, causando um esvaziamento das margens dos rios.

Entre 1891 e 1892⁵⁹, a mão de obra nativa foi introduzida na cadeia produtiva das duas atividades econômicas que mais deram lucro a Leopoldo II e que, por consequência, espalharam o terror e o medo pela colônia belga: a extração da borracha e do marfim. A borracha, material importante durante a Segunda Revolução Industrial, que tinha como uma de suas bases a indústria automobilística; o marfim era matéria-prima para artigos essenciais e outros mimos luxuosos, como botões e adornos. Estando as áreas mais ricas nos dois produtos classificadas como terras pertencentes a coroa, o congolês era obrigado a trabalhar nas seringueiras seguindo o seguinte regime de remuneração: 50% do obtido era do Estado, a título de pagamento de impostos; a outra metade era comprada pelo Estado mesmo, a valores baixíssimos, que faziam o nativo não se sentir nem um pouco motivado a trabalhar⁶⁰. Existiam, então, agentes governamentais encarregados de vigiar a obtenção do látex e forçar o nativo a trabalhar: eles eram remunerados por sua capacidade de obrigar os congoleses a produzirem a meta ou superá-las; para isso, usavam toda uma gama de técnicas que iam de missões punitivas até a mutilação, passando por

⁵⁷MERRIAM, Alan P. Congo. Rio de Janeiro: Editora Letras e Artes, 1963.

⁵⁸Ibid.

⁵⁹MUNANGA, Kabengelê. A República Democrática do Congo - RDC. Disponível em: <<http://www.casadasafricas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/09/A-Republica-Democratica-do-Congo.pdf>>. Acesso em: 12/ 03/ 2016.

⁶⁰Ibid.

fuzilamentos e enforcamentos⁶¹. Mutilações eram como troféus que indicavam bravura e rendiam lucro aos agentes em nome da metrópole⁶².

Tais práticas de coerção foram testemunhadas por muitos estrangeiros: no fim do século XIX, uma série de fotografias mostrando mutilações de nativos congolese trazidas por missionários britânicos à Inglaterra causaram grande revolta e comoção acerca do sistema de exploração no Estado Livre do Congo, o que rendeu clamor para que o rei fosse julgado pela recém criada Corte Internacional de Justiça, na Holanda (WHITE KING..., 2003). Em adição, uma série de relatos midiáticos passaram a circular na Europa, lançando luz ao cotidiano na “propriedade” de Leopoldo II. A mobilização forçou uma mudança de postura por parte das autoridades belgas. Como reação, em 1904 uma comissão de inquérito parlamentar de caráter internacional foi criada, e em 1908 Leopoldo II passou o controle de sua propriedade ultramarina para o Estado belga⁶³, que deixou de se chamar Estado Livre do Congo, para ser denominada Congo Belga. Leopoldo, sem nunca ter pisado em África, deixou um rastro de sangue no continente: estima-se que, entre 1880 e 1908, 13 milhões de pessoas tenham morrido no que se entendeu por Estado Livre do Congo⁶⁴.

2.3.4 Congo Belga: uma colônia do Estado Belga

Com a mudança do controle sob a colônia de Leopoldo II para o Estado belga, apenas o status jurídico do território se modificou; no dia a dia dos congolese, praticamente nada mudou – segundo Kent (2011):

“O grau de continuidade era também evidente na preservação da Compagnie du Katanga e do Comité Spécial du Katanga, que mais tarde teriam uma influência determinante no processo de independência e constituíram, depois de 1960, um elemento importante na questão das transferências económicas e

⁶¹MUNANGA, Kabengelê. A República Democrática do Congo - RDC. Disponível em: <<http://www.casadasafricas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/09/A-Republica-Democratica-do-Congo.pdf>>. Acesso em: 12/ 03/ 2016.

⁶²Ibid.

⁶³KENT, John. Descolonização e Guerra Fria: a ONU, os Estados Unidos e a crise do Congo (1960-1963). Relações Internacionais, Lisboa, n. 30, p. 39-59, jun. 2011. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-91992011000200003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 27 jul. 2018.

⁶⁴MUNANGA, Kabengelê. A República Democrática do Congo - RDC. Disponível em: <<http://www.casadasafricas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/09/A-Republica-Democratica-do-Congo.pdf>>. Acesso em: 12/ 03/ 2016.

financeiras da Bélgica para o Congo independente – ou, mais precisamente, na ausência das mesmas” (KENT, 2011.)

Após a criação do Congo Belga, a espoliação das riquezas congoleas passou a ser feita através do chamado “portfólio congo”. O portfólio era um conjunto de empresas paraestatais – o que, no Brasil, entendemos como empresas de capital misto – baseadas nos antigos sistemas de concessões de Leopoldo II. Fazia parte deste portfólio, por exemplo, o Banco Central congolês. Kent (2011), traz que:

“As entidades paraestatais, incluindo a Administração Fluvial e o Banco Central, eram geridas por conselhos de administração a partir de Bruxelas, e em 1958 encontravam-se avaliadas em 37,5 mil milhões de francos. Os rendimentos do Portefólio foram de mil milhões de francos em 1959, mas não foram tomadas quaisquer medidas visando a sua transferência para o governo independente” (KENT, 2011.)

Além do Estado, que tinha participação de até 50% em todas estas companhias⁶⁵, cinco corporações privadas se tornaram as grandes parceiras do governo belga no empreendimento da espoliação do Congo Belga:

“As cinco grandes firmas eram a Brufina, que controlava o Banco de Bruxelas além de certas organizações industriais; a Unilever, através de sua subsidiária belga, Huilever, agindo sobre produtos vegetais; Cominière, corporação agrícola e de mineração; o Banco Empain com grandes interesses no do transporte e a Sociéte Générale que detinha interesses vários além de direitos de mineração” (MERRIAM, 1963, p. 44-45).

Merriam (1963) destaca que o poderio destas 5 empresas era tão grande que “*em 1952 noticiou-se que cinco companhias arrendatárias controlavam aproximadamente 70% de todos os negócios no Congo*”.

No Congo Belga, o governo Belga instalou um governo altamente paternalista e isolacionistas – duas foram as consequências disto. A primeira foi, curiosamente, a instalação de um estado de bem social que era o mais extenso de África: havia um sistema de previdência social que previa auxílio doença e pensões por aposentadoria para todos os africanos trabalhando no Congo⁶⁶; o *posho* obrigava todos os empregadores da colônia a fornecerem a seus trabalhadores cobertores, calções, agasalhos e alimentação sadia⁶⁷; escolas primárias e de formação profissional se espalharam pelo país (consolidando o poderio da igreja católica dentro do empreendimento colonial belga, uma vez que ela era responsável pela maioria das escolas de ensino primário no Congo Belga), ampliando o número de pessoas alfabetizadas e de técnicos qualificados; além disso,

⁶⁵MERRIAM, Alan P. Congo. Rio de Janeiro: Editora Letras e Artes, 1963.

⁶⁶Ibid.

⁶⁷Ibid.

ainda havia uma oferta considerável de empréstimos para aqueles que desejavam comprar imóveis e o Fundo de Bem-Estar Indígena, que, segundo Merriam (1963) “*em seus dez primeiros anos construiu 28 hospitais, 369 enfermarias, 118 maternidades, 124 ambulatórios infantis, 15 asilos para órfãos, 5 sanatórios e 17 centros médicos*”⁶⁸. A segunda foi a formação de um território hermético, portador de uma estrutura altamente repressiva. Apesar da educação primária e profissional terem se massificado na colônia, a educação superior tardou a ser introduzida no Congo; fato é que os belgas viam a chance de dar ensino superior aos congoleses como uma oportunidade de construir contestadores ao regime colonial⁶⁹. Desta forma, o primeiro congolês ao qual foi permitido sair do país para que recebesse ensino superior foi Thomaz Kanza, em 1952 – que foi à Bélgica⁷⁰; a constituição de universidades no Congo Belga tardou ainda mais: a Universidade de Lovanium abriu seus cursos em fevereiro de 1956⁷¹, na região de Kinshasa (então Leopoldville), e a Universidade Oficial do Congo Belga e Ruanda-urundi inaugurou suas aulas no outono de 1956⁷², em Lubumbashi (então Elizabethville). A administração colonial também não garantia aos congoleses o direito de reunião e associação, muito menos a liberdade de imprensa:

“Sob a administração colonial belga a imprensa não era livre. A carta colonial de 1908 reconhecia os seguintes direitos civis: liberdade individual, de religião, de opinião e de educação; inviolabilidade do domicílio, direito de petição, inviolabilidade da correspondência particular, o direito de ação legal contra os funcionários públicos, a inviolabilidade da propriedade privada e a liberdade de emprego. Não reconhecia o direito de reunião e associação e a liberdade de imprensa” (MERRIAM, 1963, p.59)

Apenas em 1959 o rei belga assinou decretos modificando as disposições da Carta Colonial no que tange a imprensa e ao direito de reunião e associação; na prática, a mudança foi nula: Segundo Merriam (1963) o decreto relativo à “liberdade de imprensa”, em seu segundo dos cinco artigos que continha, “*autorizava o Governador Geral ou seu delegado a proibirem a introdução e circulação no Congo de periódicos [...] que pudesse perturbar a ordem pública*”; o mesmo Merriam (1963) informa que o segundo artigo do decreto que tratava sobre o direito de reunião e associação “*autorizava o Governador Provincial, depois de emitir uma comunicação prévia, a dissolver qualquer organização*

⁶⁸MERRIAM, Alan P. Congo. Rio de Janeiro: Editora Letras e Artes, 1963.

⁶⁹Ibid.

⁷⁰Ibid.

⁷¹Ibid.

⁷²Ibid.

cuas atividades, a seu critério, pudessem comprometer a ordem pública”, sendo que, em caso de emergência, *“funcionários de menor categoria estavam autorizados à mesma prática”*. Munanga (2011) destaca que no mesmo ano em que estes decretos entraram em vigor, um rapaz congolês ficou preso por 3 meses porque foi pego com um exemplar antigo do jornal comunista belga *Le Drapeau Rouge*.

O rádio era mais difícil de ser censurado – no Congo Belga, recebia-se sinal radiofônico de emissoras de Brazzaville, do Cairo e de Pequim, por exemplo⁷³; no entanto, a Rádio do Congo Belga era rigidamente controlada⁷⁴.

Outros dois fatores eram pontos sensíveis dentro da população congoleza: até 1947, não havia estritamente a participação de nenhum congolês nas decisões políticas tomadas sobre a colônia; esta situação se modificou quando, no citado ano, 2 nativos foram nomeados para o Conselho Governamental – número que saltou para 8 em 1951⁷⁵; em 1957, houveram algumas cidades onde o voto direto para a escolha de conselheiros municipais foi introduzido⁷⁶; a questão racial também era latente, uma vez que brancos evitavam o convívio social com negros, haviam leis que permitiam castigos físicos e delimitavam as posições que congolezes poderiam alcançar dentro do serviço público⁷⁷, bem como os bairros das cidades congolezas eram segregados – existiam os bairros das populações brancas e os bairros das populações negras⁷⁸; apenas em 1957 o ódio racial foi abolido por lei e em 1958 a primeira família negra se mudou para o setor branco de Leopoldville⁷⁹.

2.3.5 O processo de independência congolês

Todos estes fatores citados no subcapítulo anterior formaram o contexto que resultou na luta pela independência congoleza. Em 1955, o rei belga Balduino I visitou Leopoldville. Os congolezes esperavam que o soberano se comprometesse a acabar com a

⁷³MERRIAM, Alan P. Congo. Rio de Janeiro: Editora Letras e Artes, 1963.

⁷⁴Ibid.

⁷⁵Ibid.

⁷⁶Ibid.

⁷⁷Ibid.

⁷⁸Ibid.

⁷⁹Ibid.

situação de repressão e segregação que havia na colônia, o que não aconteceu⁸⁰: Munanga (2011) afirma que *“o rei limitou-se a apelar a uma união mais íntima e estreita entre a Bélgica e sua colônia e a invocar a mística comunidade de destino que ligava uma a outra”*. No mesmo ano de 1955, o pesquisador belga Van Bielsen, publicou um estudo em que defendia um processo de independência gradual do Congo Belga, para o qual a Bélgica deveria, o mais rápido possível, começar a formar um quadro de congoleses preparados a assumirem o Estado independente, Estado este que deveria elaborar uma constituição federal que respeitasse toda sua pluralidade étnica⁸¹. Segundo estimativa de Bielsen, este processo deveria levar trinta anos para ser concluído de forma efetiva.

As ideias de Van Bielsen reverberaram na colônia, desdobrando-se na divulgação de dois manifestos: um grupo de jovens profissionais congoleses e que tinham como ponto de convergência o periódico *Consciência Africana* divulgou um manifesto se opondo à dominação colonial e ao discurso do rei que incluía o Congo dentro de uma comunidade belgo-congolesa; semanas depois, a Abako, uma associação cultural Bacongo, publicou um outro manifesto exigindo a politização do Congo Belga através da pluralidade de partidos políticos.

1958 foi o ano em que, através de 3 eventos distintos, determinou-se que a independência do Congo era um processo sem volta. Primeiramente, ocorreu, em Bruxelas, uma exposição mundial, onde vários representantes regionais do Congo e Ruanda-urundi foram convidados a participar⁸²; ali, diversos líderes étnicos e políticos se encontraram e puderam iniciar articulações em prol da independência, além de levar, às suas regiões de origem, as ideias que estavam sendo desenvolvidas. Em segundo lugar, em agosto de 1958, o general De Gaulle, mandatário francês, visitou Brazaville, capital do Congo francês. Por lá, disse que a independência das colônias francesas estava disponível a quem quisesse pegá-la⁸³; os congoleses do lado belga tomaram conhecimento do discurso de De Gaulle e começaram a exigir um plano de independência também de suas autoridades metropolitanas. O terceiro dos 3 importantes

⁸⁰MERRIAM, Alan P. Congo. Rio de Janeiro: Editora Letras e Artes, 1963.

⁸¹MUNANGA, Kabengelê. A República Democrática do Congo - RDC. Disponível em: <<http://www.casadasafricas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/09/A-Republica-Democratica-do-Congo.pdf>>. Acesso em: 12/ 03/ 2016.

⁸²Ibid.

⁸³Ibid.

eventos ocorridos em 1958 foi a realização em Acra, capital da então recém independente Gana, do Congresso Pan-Africano. No congresso, os congoleses foram representados pelo líder do Movimento Nacional Congolês (MNC) Patrice Emery Lumumba. Lá, Lumumba se consolidou como um dos grandes nomes da luta pela independência dos países africanos, ganhando a admiração de figuras como Gamal Nasser, Kwame Nkrumah e Sékou Touré – fora eleito membro do secretariado permanente do congresso⁸⁴. Segundo Munanga (2011), *“seu discurso expressava o primeiro programa de ação estabelecido por um líder congolês contra o poder colonial: “Abaixo o imperialismo, abaixo o racismo, o tribalismo; viva a nação congolesa, viva a África independente””*.

Em janeiro de 1959, uma confusão ocorrida em um encontro da Abako acabou com a *Force Publique* abrindo fogo contra uma multidão africana; o saldo foi de 49 africanos mortos e outros 101 feridos⁸⁵. Isto serviu de gatilho para que aquele ano fosse marcado por uma série de manifestações, muitas delas terminadas em violência, em favor do fim do sistema colonial. A consequência disto foi a convocação, por parte dos belgas, de uma mesa-redonda para negociação com todos os chefes políticos congoleses de 20 de janeiro a 20 de fevereiro de 1960, em Bruxelas⁸⁶. Os líderes congoleses foram irredutíveis quanto à independência, exigindo-a a curto prazo; os belgas aceitavam a independência política, mas o seu ideal de relações neocoloniais com o Congo não incluíam mudanças significativas na administração do portfólio Congo. No fim, todos foram surpreendidos quando a metrópole não só aceitou a independência, mas também determinou a data de 30 de junho de 1960⁸⁷ como o dia da passagem do poder político para os congoleses – apenas 3 meses após o fim das negociações em Bruxelas. Munanga (2011) defende que nada foi por acaso:

“A pressa se explica em parte pela pressão exercida pelos líderes congoleses, mas também por um cálculo maquiavélico orquestrado por uma ala da política belga e os representantes dos meios de negócios. Os líderes africanos queriam imediatamente sua independência; os meios políticos belgas de acordo com seu cálculo maquiavélico resolveram outorgar-lhes a independência no justo momento que eles não saberiam como e o que fazer com ela, pois não havia

⁸⁴MUNANGA, Kabengelê. A República Democrática do Congo - RDC. Disponível em: <<http://www.casadasafricas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/09/A-Republica-Democratica-do-Congo.pdf>>. Acesso em: 12/ 03/ 2016.

⁸⁵Ibid.

⁸⁶Ibid.

⁸⁷CORNEVIN, Robert. Le Zaïre. Paris: Presses Universitaires de France, 1972.

nenhum quadro administrativo africano experiente e competente. Bem! Não tendo um quadro administrativo experiente, o governo independente ia necessária e absolutamente precisar ainda por certo tempo do quadro administrativo colonial composto de brancos. A mesma dificuldade se colocava no plano militar que até então contava somente com o comando dos oficiais belgas. Estando a administração pública e o exército ainda inteiramente nas mãos dos colonizadores de ontem, os governantes de hoje não tinham outra saída a não ser curvar-se a uma situação de continuidade, ou seja, de uma independência fictícia e nominal. Mais do que isso, lembramos que na data de proclamação da independência em 30 de junho de 1960, o país tinha apenas nove jovens universitários inexperientes recém-formados que por mais competentes e voluntaristas que fossem não seriam numericamente suficientes para administrar um país tão grande territorialmente.” (MUNANGA, 2011)

Em maio de 1960⁸⁸ foram realizadas eleições provinciais e nacionais no Congo.

Como havia sido determinado na Lei Fundamental, que fazia o papel de uma constituição provisória, o país teria um presidente e um primeiro-ministro, além de ser uma república parlamentar. No seu primeiro pleito, o Congo elegeu Joseph Kasa-Vubu como seu presidente e Lumumba como seu primeiro-ministro⁸⁹. A emergência ao poder de Patrice Lumumba, sua imagem de radical e o medo de que Lumumba se aproximasse do comunismo, fez com belgas tomassem uma decisão drástica:

“[...] o nacionalismo de Lumumba fez-se acompanhar de ideias radicais e nacionalistas de esquerda, e é pouco provável que este visse com bons olhos a manutenção das relações económicas coloniais, bem como a sua institucionalização nos acordos postos em prática sob a égide do Estado Livre de Leopoldo. Por conseguinte, assim que os resultados das eleições foram conhecidos, Ganshof van der Meersch, o ministro no Congo, foi incumbido da tarefa de nomear o *formateur* do novo governo, de acordo com a *loi fondamentale* belga na qual se baseava a Constituição do Congo. E, em vez de nomear Lumumba, o líder do principal partido, Van der Meersch, voltou-se para Joseph Kasavubu, o líder bacongo, que não foi capaz de assegurar o apoio necessário para formar um governo sem Lumumba. A estratégia anti-Lumumba foi posta em prática antes sequer de se poder verificar que este era comunista ou que estava a ser instrumentalizado pelo comunismo soviético” (KENT, 2011)

Incentivada pela Bélgica, a província do Catanga iniciou um processo de separação do Congo oficializado em 11 de julho de 1960, data na qual Móis Tshombé, então governador da província, ratifica a intervenção belga na região⁹⁰. No dia seguinte, 12 de julho, o mesmo Tshombé nomeia o comandante belga Weber como coordenador militar do Catanga⁹¹. Este fato deixou Patrice de mãos totalmente atadas, afinal aquela

⁸⁸MUNANGA, Kabengelê. A República Democrática do Congo - RDC. Disponível em: <<http://www.casadasafricas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/09/A-Republica-Democratica-do-Congo.pdf>>. Acesso em: 12/ 03/ 2016.

⁸⁹Ibid.

⁹⁰Ibid.

⁹¹Ibid.

província representava 45% do produto interno bruto do recém-independente país⁹². Ao mesmo tempo de todos estes desdobramentos, paraquedistas belgas desembarcavam na base aérea de Kamina, no Catanga, abastecendo a província com mais de 100 toneladas de armamentos entre 1 de julho e 1 de setembro daquele ano⁹³.

Uma semana antes dos acontecimentos no Catanga, um motim nas forças armadas havia começado e tornado quase a totalidade das tropas em situação de insubordinação a Lumumba: os soldados exigiam a africanização dos quadros de comando da armada e a destituição do general belga Janssens⁹⁴; Lumumba, para contornar a situação, propôs a promoção de todos os soldados para um cargo acima do que ocupavam, além de nomear Joseph Mobutu, congolês, Coronel Chefe do Estado-Maior⁹⁵. Infelizmente, a saída encontrada por Lumumba não foi suficiente.

As crises no Catanga e no exército se espalharam pelo país: a Abako se virou contra o primeiro-ministro e Joseph Kasa-Vubu, líder do agora partido político, decretou a revogação do mandato de Patrice Lumumba e a dissolução do governo nacional. Lumumba, por sua vez, não aceita a medida do presidente Kasa-Vubu e o revoga do cargo⁹⁶; outras províncias, como o Kasai, seguem os passos do Catanga e declaram separação do Congo; em 14 de setembro, Lumumba é detido, mas foge posteriormente⁹⁷; em 9 de dezembro a ONU envia tropas ao país que ocupam o aeroporto de Elizabethville, permitindo pousos e decolagens apenas de aeronaves da própria organização⁹⁸; Patrice Lumumba é recapturado e enviado ao Catanga, onde é assassinado em 17 de janeiro de 1961⁹⁹. Após a morte do primeiro-ministro, o Congo eclode em rebeliões provinciais, alimentadas por mercenários e tropas belgas. A situação só vai se estabilizar em 1965, após a instauração de uma ditadura e a neutralização, em 1964, do presidente Joseph Kasa-Vubu¹⁰⁰.

⁹²MUNANGA, Kabengelê. A República Democrática do Congo - RDC. Disponível em: <<http://www.casadasafricas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/09/A-Republica-Democratica-do-Congo.pdf>>. Acesso em: 12/ 03/ 2016.

⁹³Ibid.

⁹⁴Ibid.

⁹⁵Ibid.

⁹⁶Ibid.

⁹⁷Ibid.

⁹⁸Ibid.

⁹⁹Ibid.

¹⁰⁰Ibid.

O fim da Segunda Guerra Mundial determinou a formação de uma conjuntura que abriu espaço para o início dos processos de independência política das colônias na África e na Ásia. A geopolítica internacional sofreu um rearranjo que tornou as disputas de poder no colonialismo ainda mais complexas: o mundo se tornara bipolar, vendo uma disputa entre dois sistemas político-econômicos distintos; um era a democracia representativa de base liberal, que tinha como expoente e superpotência os Estados Unidos da América; o outro era o socialismo real, que tinha como superpotência a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Apesar de estar alinhado com os EUA em boa parte de sua agenda, o capitalismo imperialista colonial adotado pelas metrópoles europeias se diferenciava e muito do modelo capitalista adotado pela superpotência; além disto, após 1960, URSS e Cuba começaram a colocar a África em suas respectivas pautas diplomáticas.

A RDC, como exposto anteriormente, por sua riqueza mineral, era chamada de “escândalo geológico”¹⁰¹ e, nesta perspectiva, para seu azar, apresenta grandes reservas dos minerais que formam a base das indústrias aeroespacial, eletrônica e de informática - o Congo-Kinshasa foi estratégico no contexto da Guerra Fria e assim continua a ser: Jeffrey Gettleman, vencedor do prêmio Pulitzer e ex-chefe do escritório do The New York Times para o leste da África, em uma reportagem para National Geographic Magazine cunhou “*Turns out your laptop—or camera or gaming system or gold necklace—may have a smidgen of Congo’s pain somewhere in it*”¹⁰².

¹⁰¹CORNEVIN, Robert. Le Zaïre. Paris: Presses Universitaires de France, 1972.

¹⁰²GETTLEMAN, Jeffrey. The price of precious. Disponível em: <<http://ngm.nationalgeographic.com/2013/10/conflict-minerals/gettleman-text>>. Acesso em: 31/05/2016.

3 NO OUTRO LADO DO OCEANO

Neste capítulo é traçado um histórico dos fluxos emigratórios que convergiram à RDC durante sua história, assim como da diáspora congoleza, vista com maior especificidade em sua faceta belga.

3.1 PERÍODOS PRÉ-COLONIAL E COLONIAL

Durante a maior parte de sua história, as regiões que hoje compõem a República Democrática do Congo foram áreas receptoras de emigrantes. De acordo com Igor Kopytoff (1989), boa parte da população que hoje ocupa a África subsaariana tem suas origens na porção norte do continente. Assim disse o antropólogo:

“The reconstruction of the ancestral distribution of African language families (Greenberg 1970), bolstered by culture-historical data (Murdock 1959) and archeology (Clark 1970, Fagan and Oliver 1979), suggests that from the beginning of the North African Neolithic, sometime about 5000 B.C., and until 3500 B.C., or so, most of the populations ancestral to the present population of Sub-Saharan Africa were concentrated in the northern half of the continent, specifically in the now barren but then fertile Saharan-Sahelian band that spans the the continent from east to west” (KOPYTOFF, 1989, p. 9)

O autor complementa trazendo que:

“A second spurt in the occupation of the southern part of the continent by way of the central forests began during the first millennium B.C., leading to the spread of speakers of Bantu languages throughout most of the then very sparsely inhabited southern third of Africa.” (KOPYTOFF, 1989, p. 10)

A atual RDC não se manteve inerte a estes movimentos de populações Bantus provenientes da faixa do Saara / Sahel. Pode-se dizer que estes Bantus, ou negros verdadeiros¹⁰³, formaram os primeiros fluxos emigratórios que chegaram ao país e, hoje, a maior parte da população congoleza é de origem Bantu. Nas palavras de Merriam (1963):

“Acredita-se geralmente que os primeiros imigrantes Bantus naquelas áreas vieram do noroeste, entre Léopoldville e Coquilhatville, e do ocidente, ao longo da costa atlântica, estabelecendo-se nas regiões do Baixo e Médio Congo, Kuango, Kasai, Sankuru, e do lago Leopoldo II. Em seguida a essa primeira invasão outros grupos de negros Bantus chegaram em vagas, entre o décimo e o décimo quarto século. Vieram do norte, descend o rio Ubangi, do nordeste para o sudeste, através da região entre os lagos Alberto e Tanganica, e continuando para o sul atravessando e também saindo do território que hoje é o Congo. Os Bantus estabeleceram um grande número de reino dos quais ficaram

¹⁰³MERRIAM, Alan P. Congo. Rio de Janeiro: Editora Letras e Artes, 1963.

algumas notícias, incluindo o reino Bakongo que existiu no século XIV, o império Baluba fundado pelos Basongye no século XV, o Segundo império Baluba no século XVI e o império Luanda no século XVII, além de vários outros.” (MERRIAM, 1963, p. 28)

No mesmo período, a região recebeu também, em menor escala, um fluxo de povos nilotas provenientes do que hoje é o Sudão¹⁰⁴. No final do século XV, como já dito anteriormente, o explorador português Diogo Cão chegou ao Reino do Kongo. O estabelecimento de contato entre o Reino e a Europa foi determinante para que, praticamente até o século XIX, quando os belgas chegaram a região, os fluxos migratórios fossem compostos por exploradores e missionários europeus, emigrantes no Congo, e escravos, imigrantes obrigados a deixar sua terra forçosamente – segundo Flahaux e Schoumaker (2016), estima-se que 1,5 milhões de pessoas tenham sido levadas da região como escravos.

A atual República Democrática do Congo foi uma colônia belga entre 1886 e 1960. Neste período, apesar da conhecida violência presente no dia a dia do regime colonizatório belga, a região continuou como um polo atrator de emigrantes. Estes emigrantes, em sua grande maioria, iam à colônia para trabalhar na indústria mineira ou em atividades de suporte a ela. Estes fluxos eram compostos por europeus e por africanos vindos de regiões vizinhas, como Ruanda, por exemplo. A metrópole nunca incentivou a imigração de belgas à colônia ou a ida de congoleses à Europa. Na verdade, esta constatação pode ser dada como um resultado direto do sistema de colonização exploratório e segregacional que os belgas aplicavam no Congo¹⁰⁵, que, mesmo quando a metrópole, no fim da Segunda Guerra Mundial, precisou importar mão de obra, preferiu marroquinos e turcos, ao invés de congoleses, ruandeses e burundeses¹⁰⁶. De acordo com Sarah Demart (2013), assim poderia ser resumida a presença congolesa na Bélgica até a independência do país:

¹⁰⁴FLAHAUX, Marie-Laurance; SCHOUMAKER, Bruno. Democratic Republic of the Congo: a migration history marked by crises and restrictions. Disponível em <<https://www.migrationpolicy.org/article/democratic-republic-congo-migration-history-marked-crises-and-restrictions>>, acesso em 24 jul. 2018.

¹⁰⁵DEMART, Sarah. Congolese Migration to Belgium and Postcolonial Perspectives. African Diaspora, n. 06, p. 01-20, jun. 2013. Disponível em <http://booksandjournals.brillonline.com/docserver/18725465/6/1/18725465_006_01_s001_text.pdf?expires=1532712834&id=id&accname=guest&checksum=9D21A8E3A6EC84A5EEB5E447E2078A6E>.

acessos em 24 jul. 2018.

¹⁰⁶Ibid.

“Yet, this presence remained extremely limited until the late 1950s (Etambala 1989; Kagne 2000; Cornet 2004; Ceuppens 2009). In the aftermath of the Second World War for example, 1,838 Africans and only ten Congolese resided in Belgium (Kagne et Martiniello 2001). Those who reached the European continent were students (Etambala 2011), “evolues, domestics following their masters, volunteer corps such as Paul Panda Farnana (Tshitungu 2011) – the first intellectual and Pan-Africanist Congolese (1888-1930)⁵ – or sailors, catechist and metis (the descendants of colonial masters) (Jeurissen 2003). In addition, colonial exhibitions brought Congolese individuals to Belgium in 1897 and then again in 1958 (Etambala 1992, 2002). The 1930 World Exhibition in Antwerp involved an important presence of Congolese ‘Force publique’ (security forces) and from 1951 the colonies minister started to invite each year between 15 and 17 Congolese notables for a study’s trip. With around 700 congolese as “invited guests” staying for a period of six months, the 1958 World Exhibition held in Brussels – two years before the Congolese Independence – constituted a major turning point in terms of collective presence in Belgium (Ndaywel 1998: 531)” (DEMART, 2013)

A imigração em massa de belgas ao Congo foi uma fenômeno curto, muito bem delimitado temporalmente. Durante o período do Estado Livre do Congo, ela não existiu; começou a ocorrer timidamente no início do século XX, quando o controle da colônia passou para o Estado belga e explodiu junto com a Segunda Guerra Mundial, consequência não só do conflito em si, mas também da intensificação das atividades econômicas na colônia. Às portas da independência congolese, em 1960, a comunidade belga presente no então Congo Belga evadiu, diminuindo de forma drástica em pouco tempo. Nas palavras de Flahaux e Schoumaker (2016):

“Belgian migration to the Congo was limited during the Congo Free State period, with at most about 1,500 Belgians in-country in a given year. This population gradually increased to about 17,000 in 1930, and began to expand rapidly after World War II. On the eve of independence in 1959, nearly 89,000 Belgians lived in the colony, largely working as civil servants, missionaries, or employees of mining companies. Initially, Belgians comprised a minority of the foreign white population, accounting for 40 percent in 1890, as other Europeans worked as missionaries and for private companies. As the Belgian community grew, so did its share of the foreign population, reaching about 80 percent in 1959.” (FLAHAUX; SCHOUMAKER, 2016)

A urbanização não foi um fenômeno restrito ao período colonial, mas que teve na colonização seu principal vetor: não só antigas cidades se expandiram, como também novos agrupamentos urbanos foram formados; ela constituiu as cidades como espaços de hibridização (ou criouliização), moldados ao gosto das ambições de exploração europeia. Isto fez com que movimentos populacionais internos fossem gerados dentro do Congo: da mão de obra desejada (congolese ou estrangeiros) em direção a estas áreas urbanas, e de nativos, que, por ventura atrapalhassem o caminho do desenvolvimento traçado pelos colonizadores, em sentido contrário. As duas maiores cidades congolese, Kinshasa e

Lubumbashi, constituem-se como dois exemplos emblemáticos disto. Lubumbashi, localizada no extremo sudeste do país, é a atual capital administrativa da província do Catanga. Foi fundada em 16 de novembro de 1910 com o nome de Elizabethville, em homenagem a Rainha Elizabeth do Reino Unido¹⁰⁷; fruto de interesses políticos e econômicos, Lubumbashi emergiu de um território até então inabitado, localizado às margens do Rio Lubumbashi, por iniciativa da Union Minière du Haut-Katanga¹⁰⁸; as riquezas das minas Ruashi e a passagem por ali de uma linha férrea que continuava em direção ao oeste africano e oceano Atlântico¹⁰⁹, fizeram com que a cidade se expandisse rapidamente, se tornando, em um período relativamente curto, a maior e mais relevante cidade congoleza depois da capital Kinshasa. Kinshasa – de nome colonial Leopoldville – foi criada a partir de um assentamento formado em 1881, às margens do lago Malebo (batizado de lago Stanley pelos belgas). Para construção deste assentamento, populações nativas Ndolo, Kintambo, Lemba e Kimpoko foram expulsas de forma violenta pelos colonizadores.

3.2 URBANIZAÇÃO E MIGRAÇÃO INTERNA COMO FERRAMENTAS PARA A FORMAÇÃO DE BARREIRAS DE GÊNERO NO CONGO BELGA

No Congo Belga, as mulheres eram maioria dentro da força de trabalho¹¹⁰. Entretanto, assim como as barreiras raciais estabelecidas pelo sistema colonial belga eram extremamente rígidas, eram também as barreiras de gênero. Kinshasa se tornou um importante centro industrial, para onde confluíram centenas de milhares de pessoas. Até a década de 1930, os únicos sujeitos encorajados pelo sistema colonial a migrarem até a cidade eram os que se chamava de HAV: *hommes adultes valides*¹¹¹. As mulheres, que eram importantes no campo para a produção de alimentos, eram desencorajadas a migrar para os espaços urbanos, não só pelos homens, que reconheciam esta importância

¹⁰⁷TSHIBAMBE, Germain Ngoie; KABUNDA, Guy Mbuyi. Migratory Dynamics in the DRC: rationale and implications in Lubumbashi. Lubumbashi: University of Lubumbashi, 2010.

¹⁰⁸Ibid.

¹⁰⁹Ibid.

¹¹⁰GONDOLA, Charles Didier. Popular Music, Urban Society, and Changing Gender Relations in Kinshasa, Zaire (1950-1990). In Grosz-Ngate, M. and O. H. Kokole (eds.), Gendered Encounters: Challenging Cultural Boundaries and Social Hierarchies in Africa. New York: Routledge, 1997.

¹¹¹Ibid.

feminina na produção rural e também enxergavam o urbano como um locus masculino, mas também pela igreja, que propagava ser a cidade um ambiente de depravamento, e pelas autoridades coloniais. As mulheres que, neste período, desafiavam as barreiras impostas, eram estigmatizadas pelas autoridades: mulheres que mudavam para Leopoldville tinham a intenção de virarem prostitutas¹¹².

Logo a legislação absorveu esta vontade de desencorajar a migração feminina: mulheres casadas que pleiteavam um emprego como domésticas, deveriam obter uma autorização escrita de seu marido a permitindo a exercer o cargo; em 1922, a comuna de Stanleyville estabeleceu um imposto a ser pago por mulheres nativas solteiras residindo na cidade.

O resultado de tudo isto foi o surgimento de uma enorme desigualdade demográfica em Leopoldville – como assinala Gondola (1997):

“Consequently, the number of women in the congolese capital particularly remained low. In 1928, Léopoldville I, the biggest camp of workers, was populated with 21.500 men and only 5.000 women, among whom 358 were legally married, while the majority had been illegally introduced into the city” (GONDOLA, 1997)

Entre a população branca da capital, a disparidade não era menor: na década de 1920, os dados apontam para a existência de 2.500 homens para apenas 600 mulheres, que, em sua maioria, eram ligadas ao serviço missionário¹¹³.

Esta situação colocou as autoridades coloniais em uma posição complicada. Primeiro porque, até o início da década de 1930, a população africana da capital quase dobrou. Isto fez com que a metrópole fosse obrigada a repensar os campos de trabalho, que não foram concebidos como locais para abrigar tão grande massa populacional e poderiam, por consequência, servirem de estopim para a realização de greves ou então de terreno fértil para a propagação de epidemias: ou eles se tornavam de fato bairros negros, reforçando a segregação racial imposta pelo modelo colonial, ou então as autoridades os ressignificavam – opção esta que acabou prevalecendo. Além disso, havia a questão das necessidades sexuais da população masculina branca da cidade: de início, relações inter-raciais eram condenadas – sendo as mulheres negras que se relacionavam com homens

¹¹²GONDOLA, Charles Didier. Popular Music, Urban Society, and Changing Gender Relations in Kinshasa, Zaire (1950-1990). In Grosz-Ngate, M. and O. H. Kokole (eds.), *Gendered Encounters: Challenging Cultural Boundaries and Social Hierarchies in Africa*. New York: Routledge, 1997.

¹¹³Ibid.

brancos apelidadas de *petit blanc*¹¹⁴ -, situação que se amenizou de forma acentuada após o início da emigração em massa de belgas para a colônia: Gondola (1997) afirma que o fato de o número de crianças mestiças abandonadas ter quase dobrado entre 1932 e 1934 – saltou de 108 para 194 – é uma prova disto.

Foi apenas da Segunda Guerra Mundial em diante que as mulheres foram autorizadas a morar em Léopoldville. Na cidade, eram reservadas a elas as atividades menos prestigiosas dentro do mercado de trabalho, como o serviço doméstico e a jardinagem¹¹⁵. Ainda assim, migrar para a capital representou emancipação para muitas congolesas, que, no ambiente urbano, se viam, por exemplo, livres de algumas de suas tradições étnicas – podiam negociar elas mesmas suas uniões matrimoniais, dentre outras coisas¹¹⁶.

3.3 PERÍODO PÓS-INDEPENDÊNCIA

Em 1960 o Congo se tornou politicamente independente da Bélgica, dando início a um período comumente chamado de primeira república¹¹⁷:

“That period was a time of political instability, in which several parties struggled for power, most of which were constituted on regional or tribal grounds. From the economic point of view, the period was characterized by a stagnating economy, high inflation, and a deterioration of external balance (Peemans 1997; RDC and UNDP 2000)” (SCHOUMAKER et al., 2010)

O tumulto político subsequente à independência provocou desalojamentos internos e migrações forçadas. Ainda assim, pode-se dizer que as consequências da situação econômica sob a população foram limitadas, pois a infraestrutura e os sistemas sociais continuaram ativos¹¹⁸. O cenário só foi se estabilizar em meados de 1965: um jovem militar congolês emergiu como liderança em meio ao caos que tomou o país africano – Mobutu Sese Seko Nkuku Ngbendu wa Za Banga (de nome católico Joseph-

¹¹⁴GONDOLA, Charles Didier. Popular Music, Urban Society, and Changing Gender Relations in Kinshasa, Zaire (1950-1990). In: Grosz-Ngate, M. and O. H. Kokole (eds.), Gendered Encounters: Challenging Cultural Boundaries and Social Hierarchies in Africa. New York: Routledge, 1997.

¹¹⁵Ibid.

¹¹⁶Ibid.

¹¹⁷SCHOUMAKER, B.; VAUSE, S.; MANGALU, J. Political turmoil, economic crisis and international migration in DR Congo: evidence from event-history data (1975-2007). In: KUROSU, S.; BENGTSSON, T.; CAMPBELL, C. (Eds). Demographic responses to economic and environmental crisis. Kashiwa: Reitaku University, 2010.

¹¹⁸Ibid.

Désiré¹¹⁹), que ficou mais conhecido apenas por Mobutu Sese Seko. Ele promoveu um golpe militar que o colocou no comando do país e nesta posição ele ficou por 32 anos (a chamada Segunda República), período em que mudou o nome do país para República do Zaire, instaurando um governo que Peter Evans (1993) denominou de “Estado predatório” - uma ditadura alinhada aos interesses das potências ocidentais que multiplicou seu patrimônio pessoal:

“Desde que Joseph Mobutu Sese Seko assumiu o governo do Zaire em 1965, ele e seu círculo íntimo no interior do aparelho de Estado zairiano têm extraído enormes fortunas pessoais das receitas geradas pela exportação da impressionante riqueza mineral do país. Durante estes vinte anos, o PNB per capita do Zaire declinou a uma taxa anual de 2,1 % ao ano, levando o país pouco a pouco para o último lugar na hierarquia mundial das nações e deixando a população do país numa miséria igual ou pior do que a sofrida durante o regime colonial belga. O Zaire é, em suma, um exemplo de manual de um “Estado predatório” no qual a preocupação da classe política com a busca de renda converteu a sociedade em sua presa.” (EVANS, 1993)

Apesar disto, a primeira década do governo Mobutu foi marcada por uma calmaria econômica, sustentada pela exploração das minas congoleas:

“Between 1965 and 1974, the average GDP growth rate was around 7% per year (Nzisabira 1997; RDC and PNUD 2000). The high prices on the world copper market, the increase of foreign direct investments, and the growing internal market all contributed to the positive economic performances (Peemans 1997; Nzisabira 1997)” (SCHOU MAKER et al., 2010)

Tal situação continuou a atrair mão-de-obra estrangeira ao Congo, não só de africanos, mas também europeus, em um arranjo social que ainda seguia os padrões estabelecidos no período colonial:

“Following independence in 1960, the foreign migrants most in evidence in Katanga province were European nationals, with Belgians – the former colonists – heading the list, followed by the Greeks, Portuguese and Italians. A division of labour under colonial rule governed the shape of social relationships. The Belgians were white-collar workers in the large chartered mining companies and the public administration; the Greeks, Italians or Portuguese were traders. The industries belonged to the nationals of all the European countries due to the investments made by those countries” nationals in this country. This arrangement arose from the regime resulting from the Final Act of the Berlin Conference (1884-1885) [...]

In the city of Lubumbashi, there is also a private club for Italians (Casa Degli Italiani), a private club for Greeks and a private club for Belgians. Moreover, these clubs are all located close to one another along the same street (Avenue Lumumba in the commune of Lubumbashi).” (TSHIBAMBE; KABUNDA, 2010)

Neste período, estabeleceu-se, entre o Congo e a Bélgica, um fluxo de imigrantes temporários, formado principalmente por homens estudantes, diplomatas, servidores civis

¹¹⁹FABIAN, Johannes. Moments of Freedom: Anthropology and Popular Culture. Charlottesville: University Press of Virginia, 1998.

e seus respectivos núcleos familiares, além de turistas¹²⁰. Uma elite congolese, constituída em volta de Mobutu e seu Estado predatório, também passou a ir frequentemente a Europa, principalmente à Bélgica:

“While there was intense back-and-forth mobility (five flights per week) connecting Kinshasa with Brussels, seeking refugee status was unthinkable for this Congolese elite since this would be synonymous with shame and scandal (Mayoyo 1995; Demart 2013)” (DEMART, 2013).

Em 1970 haviam apenas 5.244 pessoas provenientes do Zaire vivendo na Bélgica¹²¹ e, mesmo assim, esta já era a mais significativa comunidade de imigrantes da África subsaariana presente por lá. Os ventos começaram a mudar no então Zaire em 1973, com o choque do petróleo e uma subsequente baixa internacional no preço das commodities¹²²; rapidamente a situação econômica congolese começou a se deteriorar. Os estudantes, que eram parte importante do fluxo de imigrantes temporários que se formou entre a ex-colônia e sua ex-metrópole, mas que tinham um status econômico menos elevado que os outros estratos que compunham aquele movimento e dependiam de bolsas fornecidas pelo Estado para se manterem no exterior, viram-se rapidamente em sérias dificuldades:

“As of 1982, after several years of irregular payment of scholarships (since 1976), the Zairian State permanently stopped providing scholarships. This left students in conditions of extreme hardship since Belgian law did not allow them to work. Some crossed the border and settled in France while others managed to get by through illegal work or on their partner’s salary, often for domestic tasks. In contrast to the general trend, the Congolese were (and still are) more present in France than in the former metropole during the 1990s (Lututala 1997)” (DEMART, 2013)

Já no final da década de 1970, as dificuldades econômicas que o Zaire começava a enfrentar geraram uma crescente insatisfação com Mobutu Sese Seko, levando o país a instabilidade política: em 1977 e 1978, opositores de Mobutu tentaram tomar o controle do país, através da Guerra de 80 dias e da Guerra do Shaba, respectivamente; o apoio

¹²⁰DEMART, Sarah. Congolese Migration to Belgium and Postcolonial Perspectives. *African Diaspora*, n. 06, p. 01-20, jun. 2013. Disponível em http://booksandjournals.brillonline.com/docserver/18725465/6/1/18725465_006_01_s001_text.pdf?expires=1532712834&id=id&accname=guest&checksum=9D21A8E3A6EC84A5EEB5E447E2078A6E. acessos em 24 jul. 2018.

¹²¹Ibid.

¹²²FLAHAUX, Marie-Laurance; SCHOU MAKER, Bruno. Democratic Republic of the Congo: a migration history marked by crises and restrictions. Disponível em <https://www.migrationpolicy.org/article/democratic-republic-congo-migration-history-marked-crises-and-restrictions> >. acesso em 24 jul. 2018.

internacional ao regime foi decisivo para que as duas tentativas fossem frustradas¹²³. A “zairinização”, apelido dado ao processo de nacionalização da vida econômica do país promovido por Mobutu, acabou por frear a chegada de emigrantes estrangeiros ao país¹²⁴.

A década de 1980 foi marcada por tentativas de contenção da crise econômica e de uma sobrevida a Mobutu e seu regime. Ela iniciou com o ditador promovendo reformas estruturais junto ao Banco Mundial e o FMI, e terminou com o mesmo rompendo relações com as instituições de Bretton Woods:

“The period from 1983 to 1989 started with economic reforms, and with a slight increase of the GDP, along with the start of a structural adjustment program with the World Bank and the IMF (Nzisabira 1997; RDC et PNUD 2000). In 1986, the country broke off with Bretton Woods institutions, and the GDP growth rate plunged (Nzisabira 1997). Inflation increased (from 65% in 1986 to 75% in 1987), and the devaluation of the currency accelerated (Peemans 1997). At the end of the period, the growth rate was negative (-1.3 % in 1989)” (SCHOU MAKER et al., 2010)

A década de 1990 começou com a queda do Muro de Berlim e o desmantelamento da União Soviética. Assim, o apoio do qual o Zaire gozava dentro do contexto da Guerra Fria, por ser uma fonte estratégica de minerais, cessou, complicando ainda mais a situação da ditadura de Mobutu. Em abril de 1990, o líder congolês se viu obrigado a realizar uma série de medidas democratizantes¹²⁵, numa tentativa de aliviar a pressão que sofria; Demart e Bodeux (2013) exemplificam uma delas: *“On April 24th 1990, the return to a multiparty system was officially announced. In the following months, almost 400 parties were created (around 300 were allowed) and a few of them were immediately represented in Belgium, France, and Germany”*. O pacote de mudanças não surtiu o efeito esperado e, em 1991, uma onda de rebeliões tomou as ruas da capital Kinshasa¹²⁶. Iniciava-se ali um dos períodos mais violentos do então Zaire em que, dubiamente, o Congo-Kinshasa recebeu muitos refugiados, mas também deixou de ser um polo receptor

¹²³SCHOU MAKER, B.; VAUSE, S.; MANGALU, J. Political turmoil, economic crisis and international migration in DR Congo: evidence from event-history data (1975-2007). In: KUROSU, S.; BENGTSSON, T.; CAMPBELL, C. (Eds). Demographic responses to economic and environmental crisis. Kashiwa: Reitaku University, 2010.

¹²⁴TSHIBAMBE, Germain Ngoie; KABUNDA, Guy Mbuyi. Migratory Dynamics in the DRC: rationale and implications in Lubumbashi. Lubumbashi: University of Lubumbashi, 2010.

¹²⁵SCHOU MAKER, B.; VAUSE, S.; MANGALU, J. Political turmoil, economic crisis and international migration in DR Congo: evidence from event-history data (1975-2007). In: KUROSU, S.; BENGTSSON, T.; CAMPBELL, C. (Eds). Demographic responses to economic and environmental crisis. Kashiwa: Reitaku University, 2010.

¹²⁶Ibid.

de emigrantes para se tornar um dos países que mais geram refugiados no mundo. Assim Flahaux e Schoumaker descreveram este período histórico:

“In 1994, ethnic strife and civil war began spilling into DR Congo from neighboring Rwanda. The Rwandan genocide forced more than 1.2 million refugees across the Congolese border in July 1994. Among those who fled were remnants of Hutu militias who began crossborder attacks, prompting the Rwandan army to attack camps in DR Congo. Amid this instability, Laurent-Désiré Kabila launched an armed campaign against President Mobutu with the backing of Rwandan and Ugandan troops in the First Congo War (1996-97), deposing Mobutu after 32 years in power. A rebellion to depose Kabila began in 1998, starting the Second Congo War, which lasted until 2003. This conflict, which became known as Africa’s Great War, led to forced migration of refugees and more than 1.2 million internally displaced persons (IDPs). Following the 2001 assassination of Kabila, his son, Joseph, became president, a post he continues to hold.” (FLAHAUX; SCHOUMAKER, 2016)

Este contexto político conturbado e violento serviu como um divisor de águas para as tendências migratórias congoleesas, inaugurando uma era de imigração em massa da RDC para a Bélgica:

“The early 1990s constituted the major watershed. Mobutu’s democratization process, along with the looting and plundering episodes in september 1991 and january 1993, were turning points. More and more Congolese refugees began to flee to Belgium. This political emigration was further incited by the war with Rwanda from 1996 onwards, Laurent-Désiré Kabila’s march to Kinshsa in 1997, and the war with the militia allied to Rwanda and Uganda from 1998 onwards. Since 2000s, family reunion became a migration factor as important as political asylum...” (MERTENS et al., 2013).

Segundo cálculos do *Groupe d’Étude de Démographique Appliquée*, da Universidade Católica de Louvain¹²⁷, o número de congolesees residentes na Bélgica saltou de 17.451, em janeiro de 1991, para 40.301, em janeiro de 2006, registrando um *boom* de 130,94% em 15 anos. Em janeiro de 2008 os congolesees já formavam a 3 maior comunidade de emigrantes não comunitários (proveniente de países de fora da União Europeia) na Bélgica: eram 45. 780 pessoas, o que correspondia a 2,6% do total de emigrantes morando no país europeu¹²⁸. Em linhas gerais, atualmente a imigração congoleesa para a Bélgica é majoritariamente masculina e seus principais motivos são asilo, refúgio e reunião familiar¹²⁹. De acordo com Demart (2013), espacialmente, esta é a divisão da emigração congoleesa dentro do território belga:

¹²⁷QUENTIN, S. Etude de la Migration Congolaise et de Son Impact sur la Presence Congolaise em Belgique: Analyse des principaux donnés démographiques. Groupe d’étude de Démographique Appliquée e Centre pour l’égalité des chances et la lutte contre le racisme, 2010.

¹²⁸Ibid.

¹²⁹Ibid.

“Between 2001 and 2005, 49% of the mainly Francophone Congolese immigrants lived in the Brussels-Capital Region, while around 33% lived in Wallonia and 17% in Flanders, mainly in Antwerp (Meeuwis 1997), Ghent, and Alost (Schoonvaere 2010). According to Schoonvaere (2010) the settlement strategy of new arrivals is fairly similar to the strategies of those who settled two or three decades earlier” (DEMART, 2013)

Ainda de acordo com a pesquisadora francesa, os congoleses apresentam uma tendência de integração socioeconômica paradoxal: combinam, em média, um alto nível de educação formal com os mais altos níveis de desemprego na sociedade belga¹³⁰.

Se até a década de 1980 a Bélgica era o principal destino de imigrantes congoleses fora do continente africano, hoje os fluxos migratórios que partem da RDC ganharam novas tendências:

“France has become the preferred end point since the late 1990s (Figure 2), possibly as a result of greater ease getting visas and of obtaining asylum, and better labor market opportunities. Recent estimates indicate that France and Belgium together host more than 100,000 Congolese migrants, and that more than 50,000 others live elsewhere in Europe (including Germany, the Netherlands, Italy, and the United Kingdom [...])

Outside Europe, the United States and Canada have also become increasingly popular destinations since the 1990s (see Figure 2), each now hosting nearly 30,000 Congolese immigrants. This growing interest is also found among would-be migrants in surveys conducted in Kinshasa. Congolese migration to the United States has taken off since 2005, making the United States the second most popular Congolese destination outside Africa. Refugees and asylees represent a large share of Congolese obtaining permanent status in the United States, around 60 percent over the 2005-13 period. But the face of Congolese migration to the United States has been changing rapidly, with a growing share arriving via the diversity visa program (almost 40 percent of Congolese immigrants in 2013)” (FLAHAUX; SCHOUMAKER, 2016)

A crise humanitária no Congo parece infundável: o país é, por exemplo, o campeão mundial, tanto em números absolutos, quanto em números relativos, em estupros; no Congo-Kinshasa, uma mulher é abusada sexualmente a cada 48 segundos¹³¹. A estimativa de especialistas é que atualmente o número de imigrantes congoleses no mundo gire em torno de 500 mil e 1 milhão de pessoas¹³²; o Estado congolês se refere a

¹³⁰DEMART, Sarah. Congolese Migration to Belgium and Postcolonial Perspectives. African Diaspora, n. 06, p. 01-20, jun. 2013. Disponível em <http://booksandjournals.brillonline.com/docserver/18725465/6/1/18725465_006_01_s001_text.pdf?expires=1532712834&id=id&acname=guest&checksum=9D21A8E3A6EC84A5EEB5E447E2078A6E>. acessos em 24 jul. 2018.

¹³¹GLYNN, Dearbhla. Congo war: 48 women raped every hour at height of conflict. Disponível em: <<http://www.irishtimes.com/news/world/africa/congo-war-48-women-raped-every-hour-at-height-of-conflict-1.2629444>>. Acesso em: 31/05/2016.

¹³²DEMART, Sarah. Congolese Migration to Belgium and Postcolonial Perspectives. African Diaspora, n. 06, p. 01-20, jun. 2013. Disponível em <http://booksandjournals.brillonline.com/docserver/18725465/6/1/18725465_006_01_s001_text.pdf?expires>

um número mais alto ainda: 7 milhões de imigrantes¹³³. A maioria deste grupo concentra-se em países vizinhos, como Uganda, Ruanda, Tanzânia e Zâmbia:

“Congolese migrations within Africa are to a large extent directed to neighbouring countries. Angola and Congo Brazzaville are major destinations for migrants originating from Western Congo (where Kinshasa is located), while Zambia is a common destination among migrants living in the region of Lubumbashi, in Katanga. Congolese migrations to neighbouring countries also include movements of refugees, which have been quite large since Congo’s independence. In 2007, according to the UNHCR (2007), more than 250 000 Congolese refugees were living in neighbouring countries, most of them in Tanzania, Zambia, Rwanda and Uganda. Since the 1990s, South Africa has also become a major destination for Congolese migrants (Steinberg 2005). According to estimates in the early 2000s, more than 20 000 Congolese were registered as refugees in South Africa (Steinberg 2005), and many more were living without refugee status” (SCHOU MAKER et al., 2010)

Infelizmente, 2017 não foi um ano menos agitado e trágico ao país: Joseph Kabila, atual presidente do Congo, segundo a constituição, deveria ter realizado eleições em dezembro de 2016; não as realizou, alegando falta de recursos financeiros. Além disto, um conflito entre a milícia Kamuina Nsapu e as forças de segurança pública já desalojou mais de 200 mil pessoas na província do Kasai, região central do país¹³⁴. Lá, em março de 2017, dois pesquisadores da ONU foram executados enquanto realizavam trabalhos em campo – o estadunidense Michael Sharp e a sueca Zaida Catalan¹³⁵.

A presença europeia na RDC hoje é muito baixa, resumindo-se basicamente a funcionários de ONG’s e outros tipos de organizações de ajuda humanitária¹³⁶; Tshibambe e Kabunda (2010) ainda destacam a presença de uma pequena comunidade grega ligada a setores econômicos específicos, como o comércio, por exemplo: “*The first shop to be described as a supermarket was built by a Greek national in the city of Lubumbashi*”. Com os acontecimentos das décadas de 1970, 80 e 90, os asiáticos, notadamente chineses, indianos, libaneses, e refugiados africanos se tornaram os grupos

[s=1532712834&id=id&accname=guest&checksum=9D21A8E3A6EC84A5EEB5E447E2078A6E](https://www.nytimes.com/2017/03/25/world/africa/congo-militia-police-beheadings.html?rref=collection%2Fsectioncollection%2Fafrica&_r=0)>.

acessos em 24 jul. 2018.

¹³³Ibid.

¹³⁴WEMBI, Steve. Congolese militia beheads dozens of police officers. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2017/03/25/world/africa/congo-militia-police-beheadings.html?rref=collection%2Fsectioncollection%2Fafrica&_r=0>. Acesso em: 16/05/2017.

¹³⁵SENGUPTA, Somini. Bodies of two U.N. researchers are found in a shallow grave in Congo. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2017/03/28/world/africa/missing-un-experts-congo.html?rref=collection%2Fsectioncollection%2Fafrica&_r=0>. Acesso em: 16/05/2017.

¹³⁶TSHIBAMBE, Germain Ngoie; KABUNDA, Guy Mbuyi. Migratory Dynamics in the DRC: rationale and implications in Lubumbashi. Lubumbashi: University of Lubumbashi, 2010.

mais relevantes de emigrantes no Congo-Kinshasa. A presença chinesa e indiana se explica por interesses políticos e econômicos destas duas potências emergentes:

“Indians operate businesses and have more recently invested in the mining sector, public transportation, and warehousing of Indian-made pharmaceutical products. According to the Indian Embassy in Kinshasa, 9,000 Indians and persons of Indian origin are living in DR Congo, not including the 5,000 or so Indian members of the UN peacekeeping operation in Eastern Congo (MONUSCO). Chinese migration to DR Congo has also increased in recent years, as important contracts between Kinshasa and Beijing have been signed giving Chinese companies the right to operate many of DR Congo’s mines in exchange for helping develop the country’s road system and other infrastructure. Many Chinese workers came to provide labor in this context, working in mines and on infrastructure construction projects, and running businesses. According to China’s embassy, between 4,000 and 5,000 Chinese nationals lived in DR Congo in 2015. However, the actual number is probably higher; estimates in 2007 suggested up to 10,000 Chinese nationals were already living in DR Congo” (FLAHAUX; SCHOUMAKER, 2016)

Libaneses estão presentes na região desde o período da Segunda República¹³⁷. Em suma, desenvolvem atividades relacionadas ao comércio, como padarias e restaurantes e a comunidade já ocupa posição proeminente dentro da sociedade congoleza: *“Indeed, following the elections in 2006, a Lebanese man who had taken Congolese nationality, a businessman with a chain of petrol stations and restaurants, was elected to the post of provincial MP [no Catanga]”*¹³⁸. Refugiados Africanos também já são presença de longa data na RDC; sua chegada remonta à Guerra de Independência de Angola, que durou de 1964 até 1975¹³⁹. Em 1990 haviam 650 mil refugiados africanos vivendo em território congolês, número que entre 1994 e 1995 se multiplicou e atingiu seu ápice, consequência do genocídio acontecido na vizinha Ruanda: eram 2 milhões de pessoas buscando refúgio no lado congolês da fronteira¹⁴⁰. Em março de 2016, o número estimado de refugiados africanos vivendo na RDC era de 400 mil; dentro deste grupo, as comunidades mais numéricas eram a de ruandeses, estimadamente 250 mil pessoas, e burundenses, estimadamente 25 mil pessoas¹⁴¹.

¹³⁷TSHIBAMBE, Germain Ngoie; KABUNDA, Guy Mbuyi. Migratory Dynamics in the DRC: rationale and implications in Lubumbashi. Lubumbashi: University of Lubumbashi, 2010.

¹³⁸Ibid.

¹³⁹FLAHAUX, Marie-Laurance; SCHOUMAKER, Bruno. Democratic Republic of the Congo: a migration history marked by crises and restrictions. Disponível em <<https://www.migrationpolicy.org/article/democratic-republic-congo-migration-history-marked-crises-and-restrictions>>. acesso em 24 jul. 2018.

¹⁴⁰Ibid.

¹⁴¹Ibid.

3.4 A “QUESTÃO CONGOLESA”

Na maioria das antigas potências coloniais, na década de 1990, a emigração proveniente das antigas colônias já era uma tradição de longa data e sua massificação estava claramente ligada a necessidade de mão de obra. Na contramão, como já ressaltado no item anterior, temos o fenômeno da imigração congolese para a Bélgica. Segundo artigo de Jamina Mertens, Wouter Goedertier, Idesbald Goddeeris e Dominique de Brabanter (2013):

“As a metter of fact, one can hardly speak of a Congolese migration during those first decades after Congolese independence. Arrivals were highly individualized, and migration currents or waves were absent (KAGNE, 2008). Congolese were not hired to compensate the lack of labor forces in Belgium, and the events of 1960 were not followed by an extensive immigration of black Congolese to the metropole...” (MERTENS et al., 2013).

Isso fez com que as discussões sobre a presença congolese na Bélgica, também chamadas de “questão congolese”, tardassem a iniciarem, tanto no âmbito da opinião pública, quanto no âmbito dos legisladores, *policy makers* e da academia belga: como destaca Demart (2013) *“the Congolese settlement during the late 1980s was last to be taken into consideration by public policies and scholars”*.

A própria Demart (2013) afirma que há uma oposição entre o vasto conteúdo produzido sobre o Congo, uma tradição com raízes profundas no período colonial – apesar da autora destacar que este ramo da produção do conhecimento sofreu uma renovação durante a década de 1990, onde se poderia destacar “O fantasma do rei Leopoldo”, livro de Adam Hochschild, como um dos grandes exemplos disto - e que tinha como objetivo criar uma representação ou “inventar” o outro, e o “ponto cego” que ainda hoje representa os estudos sobre a diáspora congolese na Bélgica, um estudo de vozes silenciadas. Esta agenda de pesquisa da continuidade aos mecanismos de (re)produção de fronteiras raciais aplicados ainda no período colonial¹⁴² e esta dispersão de dados sobre os congolese na antiga metrópole corrobora para o estado de invisibilidade social dessa população migrante.

¹⁴²DEMART, Sarah. Congolese Migration to Belgium and Postcolonial Perspectives. African Diaspora, n. 06, p. 01-20, jun. 2013. Disponível em http://booksandjournals.brillonline.com/docserver/18725465/6/1/18725465_006_01_s001_text.pdf?expires=1532712834&id=id&accname=guest&checksum=9D21A8E3A6EC84A5EEB5E447E2078A6E. acessos em 24 jul. 2018.

Schoumaker et al (2013) vai além: a falta de estudos sobre a imigração congoleza não ocorre apenas na Bélgica, mas sim é um problema nos países ocidentais, onde a pesquisa sobre o assunto tem se resumido a produções que abordam apenas dados estatísticos sobre imigração ou solicitantes de asilo¹⁴³; nos países africanos, que recebem as maiores levas de imigrantes congolezes, há uma escassez de dados estatísticos, o que torna raro também as pesquisas quantitativas; a única exceção dentro deste contexto africano seria a África do Sul¹⁴⁴.

¹⁴³SCHOUMAKER, B.; VAUSE, S.; MANGALU, J. Political turmoil, economic crisis and international migration in DR Congo: evidence from event-history data (1975-2007). In: KUROSU, S.; BENGTSSON, T.; CAMPBELL, C. (Eds). Demographic responses to economic and enviromental crisis. Kashiwa: Reitaku University, 2010.

¹⁴⁴ Ibid.

4 MATONGÉ

Neste capítulo realiza-se a análise dos arquivos on-line do jornal Le Soir, afim de que seja possível construir uma narrativa que revele o imaginário belga acerca dos fluxos migratórios congolese que chegaram ao país entre 1989 e 2000. Aqui, também, é apresentada, de forma mais ampla, a metodologia usada na análise.

4.1 METODOLOGIA

Como já dito anteriormente, esta pesquisa usará como base de dados os arquivos on-line do jornal belga Le Soir. O Le Soir é um dos mais tradicionais periódicos francófonos da Bélgica. Fundado em 1887, o jornal, que é baseado em Bruxelas, permanece ativo até hoje e resistiu, inclusive, à censura nazista durante os anos de ocupação. Apesar de, nos últimos anos, as velhas raízes ideológicas, que ligavam uma publicação a um grupo político ou social específico, terem diminuído na Bélgica, a tradição mostra que o Le Soir representa uma opinião de cunho liberal e progressista¹⁴⁵. Sua escolha, portanto, se deve, secundariamente, a este fato, atrelado a justificativa principal para seu uso: O jornal é o único jornal belga de grande circulação com arquivo on-line disponível, arquivo este que abrange todas as edições desde 1989, período que coincide com a intensificação do fluxo migratório entre a RDC e a Bélgica. O recorte temporal abará o período entre 1989, ano em que se iniciam os desdobramentos políticos que iriam culminar, posteriormente, na queda do ditador Mobuto, marco para o aumento significativo da chegada de imigrantes congolese na Bélgica, e 2000, quando a reunião familiar tornou-se o grande paradigma para a imigração congolese à Bélgica.

Para exploração dos arquivos on-line do jornal Le Soir, foi feito o uso de uma palavra-chave – Mantogé; Matongé é um bairro localizado em Bruxelas onde a grande maioria do comércio presente é administrado por congolese e, por este fato, serve de ponto de encontro para a comunidade da África subsaariana presente na capital belga. Reportagens encontradas a partir da palavra-chave e que tiverem conteúdo relacionado ao

¹⁴⁵MEDIADEM. European Media Policies Revisited: Valuing and Reclaiming Free and Independent Media in Contemporary Democratic Systems. 2010.

cotidiano da comunidade congolesa na Bélgica serão utilizados para a construção de uma narrativa que traga luz ao imaginário belga acerca da imigração congolesa. Tal narrativa será pautada pelos preceitos da teoria da interseccionalidade.

Esta metodologia tem como inspiração as pesquisas desenvolvidas pela professora Gaia Peruzzi, da Universidade de Roma – Sapienza. Gaia, que é professora associada da Faculdade de Letra e Filosofia da referida universidade, trabalha na área de sociologia do processo cultural e comunicativo. Além de ter escrito duas obras que se debruçam sobre a comunicação social, a professora tem duas publicações que abordam o tema das migrações: *“Amori possibili. Le coppie miste nella provincia italiana”* e *“Immagini in movimento Lo sguardo del cinema italiano sulle migrazioni”*. Foi justamente pautado nas pesquisas que resultaram nesta última obra que Gaia Peruzzi veio ao Brasil, no início de 2018, dar um curso na Escola de Verão da FFLCH sobre a representação do imigrante na mídia e na imprensa europeia. O resumo da publicação, presente em uma das redes sociais da docente, faz-se revelador do porquê sua pesquisa foi pega aqui como inspiração para o desenvolvimento da metodologia:

“La visione di un film consente di assumere i punti di vista, le prospettive degli altri; significa conoscere e sperimentare l'esistenza di sguardi diversi dal proprio e, implicitamente, prendere coscienza della relatività della propria prospettiva. Significa, di fatto, interrogare le proprie convinzioni e partecipare alla vita della sfera pubblica, al movimento di costruzione dell'identità collettiva. Il volume, che si rivolge a studenti e studiosi dei fenomeni sociali, ma anche ai non addetti ai lavori, presenta i risultati di una ricerca qualitativa sulle rappresentazioni delle migrazioni e delle figure dei migranti nel cinema italiano. Il testo si propone, quindi, come un viaggio all'interno di quest'ultimo attraverso un'analisi delle immagini, ma anche delle testimonianze dei registi del nostro Paese; di chi produce quello sguardo che può essere utile a riflettere sulle modalità di costruzione delle identità collettive (noi/loro, italiani/stranieri, autoctoni/immigrati) nei contesti di migrazione, siano questi l'Italia di oggi o i luoghi della nostra precedente “diaspora”. In particolare, la ricerca ha avuto quale principale obiettivo quello di comprendere se e in che modo il cinema riesca a svolgere quella funzione di intercettazione, di lettura anticipatoria dei processi di complessificazione sociale e di mescolamento culturale legati alle dinamiche migratorie. Come pure se al cinema si possa riconoscere una funzione etogenica: la capacità cioè di promuovere processi di socializzazione positiva nei confronti di categorie sociali emarginate o emergenti e di contesti sociali sempre più complessi e polimorfi”¹⁴⁶

¹⁴⁶Tradução do autor: "A visão de um filme nos permite assumir os pontos de vista, as perspectivas dos outros; significa conhecer e experimentar a existência de diferentes olhares e, implicitamente, tornar-se consciente da relatividade da própria perspectiva. Significa, de fato, questionar as próprias convicções e participar da vida na esfera pública, no movimento de construção da identidade coletiva. Este volume, que não só é dirigido a estudantes e estudiosos de fenômenos sociais, mas também a não profissionais, apresenta os resultados de uma pesquisa qualitativa sobre as representações de migrações e figuras de migrantes no cinema italiano. Propõe-se, portanto, o texto como percurso dentro deste último, através de

4.1.1 O conceito de interseccionalidade

O conceito de interseccionalidade nasceu no bojo do movimento de mulheres negras. O artigo intitulado *“Mapping the margins: intersectionality, identity, politics and violence against women of color”*, escrito por Kimberlé Crenshaw e publicado na Stanford Law Review em 1991 é tido como marco inaugural desta teoria; nele, tendo como ponto de partida uma pesquisa de campo realizada em abrigos para mulheres vítimas de violência doméstica em regiões periféricas da cidade de Los Angeles, a autora discute como formas multifacetadas e rotineiras de dominação convergem sobre mulheres negras e latinas forçando-as a procurarem estes abrigos:

“Economic considerations-access to employment, housing, and wealth-confirm that class structures play an important part in defining the experience of women of color *vis-à-vis* battering. But it would be a mistake to conclude from these observations that it is simply the fact of poverty that is at issue here”
(CRENSHAW, 1994)

Crenshaw destrincha sua afirmação mostrando que, colado ao fato do emprego, está o acesso díspar de negros e, principalmente, mulheres negras a educação de qualidade e níveis mais altos de educação, que os/as levam ao desemprego ou ao subemprego; a estética negra, o fato de serem negras e serem mulheres, por si só se transformam em barreiras raciais e de gênero intransponíveis para alguns cargos e funções; condições de moradia estão atreladas à situação empregatícia de cada mulher negra, que ou estão desempregadas, ou ganham salários que não as permitem ter uma moradia de qualidade; as condições econômicas estão conectadas às de emprego e acesso à educação. A autora não para por aí: mulheres brancas, que, normalmente possuem melhores condições socioeconômicas, não recorrem a abrigos, mas sim tem condições de serem acolhidas por parentes e amigos ou seguirem suas vidas de forma independente.

Daí fica claro o ponto defendido por Kimberlé Crenshaw de que a pobreza ou a violência doméstica são apenas a ponta do iceberg: “em um nível mais simples”, como

uma análise das imagens e também de testemunhos dos dirigentes do nosso país; quem produz esse olhar, que pode ser útil para refletir sobre como construir identidades coletivas (nós / eles, italianos / estrangeiros, nativos / imigrantes) em contextos migratórios, sejam eles a Itália de hoje ou os lugares de nossa "diáspora" anterior ". Em particular, o objetivo principal da pesquisa fora compreender se e como o cinema é capaz de desempenhar essa função de interceptação, uma leitura antecipatória dos processos de complexação social e mistura cultural vinculados à dinâmica migratória. É como se o cinema pudesse reconhecer uma função ética: a capacidade de promover processos positivos de socialização em direção a categorias sociais marginalizadas ou emergentes em contextos sociais cada vez mais complexos e polimórficos”.

ela escreve no texto, raça, gênero e classe recaem sobre corpos femininos negros e fazem com que políticas identitárias, voltadas para a população negra e mulheres, por exemplo, não sejam suficientes para dar conta de toda a desvantagem social que sofrem.

Tendo em vista a complexidade do tema, a autora divide interseccionalidade em dois tipos distintos: interseccionalidade estrutural – *“the ways in which the location of women of color at the intersection of race and gender makes our actual experience of domestic violence, rape, and remedial reform qualitatively different from that of white women”* - e interseccionalidade política – *“how both feminist and antiracist politics have functioned in tandem to marginalize the issue of violence against women of color”*.

Ao falar sobre interseccionalidade estrutural, Crenshaw ressalta que, apesar de a intersecção entre gênero, classe e raça, constituir a estrutura primária que definirá a experiência de mulheres negras e latinas nos abrigos para vítimas de violência doméstica, em muitas ocasiões, estruturas de poder se interseccionam também sobre estes sujeitos sociais. Para exemplificar isto, a autora trata da situação de muitas mulheres imigrantes não brancas nos EUA, que além de sofrerem com os preconceitos inerentes a sua classe, gênero e raça, são esmagadas por sua condição de imigrantes e pela legislação, que contribui para sua vulnerabilidade e marginalização:

“For immigrant women, for example, their status as immigrants can render them vulnerable in ways that are similarly coercive, yet not easily reducible to economic class. For example, take the Marriage Fraud Amendments to the 1986 Immigration Act. Under the marriage fraud provisions of the Act, a person who immigrated to the United States to marry a United States citizen or permanent resident had to remain “properly” married for two years before applying for permanent resident status,⁵ at which time applications for the immigrant’s permanent status were required by both spouses.⁷ Predictably, under these circumstances, many immigrant women were reluctant to leave even the most abusive of partners for fear of being deported. When faced with the choice between protection from their batterers and protection against deportation, many immigrant women chose the latter (Walt 1990, p. 8). Reports of the tragic consequences of this double subordination put pressure on Congress to include in the Immigration Act of 1990 a Provision amending the marriage fraud rules to allow for an explicit waiver for hardship caused by domestic violence” (CRENSHAW, 1991)

Além disto, muitas das imigrantes possuem dificuldades para cumprir com todos os trâmites ou reunir toda a documentação recorrentes para a regularização de sua situação imigratória, o que perpetua sua situação de vulnerabilidade, marginalização e violência. Algumas outras não dominam as informações legais sobre seus status como

imigrantes, o que também as colocam em uma posição de subordinação às estruturas de poder:

“Immigrant women may also be vulnerable to spousal violence because many of them depend on their husbands for information regarding their legal status. More than likely, many women who are now permanent residents continue to suffer abuse under threats of deportation by their husbands. Even if the threats are unfounded, women who have no independent access to information will still be intimidated by such threats” (CRENSHAW, 1991)

Questões culturais, como o fato de muitas famílias asiáticas possuírem um núcleo familiar estendido que tiram de muitas mulheres ambientes de privacidade onde poderiam fazer uma ligação para denunciar seus companheiros ou procurar por orientação, ou até mesmo o fato de muitas imigrantes não serem falantes do inglês e muitos dos abrigos não contarem com funcionários bilíngues também são fatores que convergem e fazem com muitas delas continuem a se submeterem à violência doméstica. Para muitas, o medo de ver sua família deportada é um fator determinante para aguentar toda esta pressão social.

Kimberlé Crenshaw é enfática sobre as graves consequências que a falta de um olhar interseccional dentro das leis e das políticas públicas causam às vidas de muitas imigrantes, inertes às estruturas de poder:

“the imposition of a policy specifically designed to burden one class--immigrant spouses seeking permanent Resident status exacerbated the disempowerment of those already subordinated by other structures of domination. By failing to take into account the vulnerability of immigrant spouses to domestic violence, Congress positioned these women to absorb the simultaneous impact of its anti immigration policy and their spouses' abuses” (CRENSHAW, 1991)

Nesta pesquisa, através das reportagens do jornal *Le Soir*, tentar-se-a fazer uma análise a partir da interseccionalidade estrutural, pautada, além daquela estrutura primária indicada por Crenshaw, pelas estruturas de poder e pelo histórico colonial compartilhado pelas nações, para saber qual a percepção dos belgas sobre a diáspora congolesa para o país, bem como tentar sentir como esta percepção, de alguma forma, se refletiu nas políticas públicas e na legislação belga dentro do lapso temporal pré-determinado.

4.2 A DIÁSPORA CONGOLESA NA CONCEPÇÃO BELGA – O JORNAL LE SOIR

No ano de 2018 a questão congolesa ganhou repercussão mundial. Isto porque a seleção belga masculina de futebol chegou ao mundial da Rússia como uma das favoritas.

Apelidada de “geração de ouro”, a atual formação do selecionado conta com um time multiétnico, de raízes imigrante e que tem, como um de seus craques, Romelu Lukaku. Lukaku, atualmente jogador do Manchester United, da Inglaterra, é filho de congoleses e, dias antes do mundial, publicou um depoimento no site The Player’s Tribune, popular por dar espaço a textos escritos por atletas famosos, onde expôs todo preconceito sofrido por ser descendente de congoleses e negro vivendo na Bélgica:

“When I started growing taller, some of the teachers and the parents would be stressing me. I’ll never forget the first time I heard one of the adults say, “Hey, how old are you? What year were you born?”

I’m like, What? Are you serious?

When I was 11 years old, I was playing for the Lièrse youth team, and one of the parents from the other team literally tried to stop me from going on the pitch. He was like, “How old is this kid? Where is his I.D.? Where is he from?” I thought, Where am I from? What? I was born in Antwerp. I’m from Belgium. My dad wasn’t there, because he didn’t have a car to drive to my away games. I was all alone, and I had to stand up for myself. I went and got my I.D. from my bag and showed it to all the parents, and they were passing it around inspecting it, and I remember the blood just rushing through me ... and I thought, “Oh, I’m gonna kill your son even more now. I was already going to kill him, but now I’m gonna destroy him. You’re gonna drive the boy home crying now.”” (LUKAKU, 2018).

Mais à frente no texto, o jogador diz:

“When things were going well, I was reading newspapers articles and they were calling me Romelu Lukaku, the Belgian striker.

When things weren’t going well, they were calling me Romelu Lukaku, the Belgian striker of Congolese descent.

If you don’t like the way I play, that’s fine. But I was born here. I grew up in Antwerp, and Liège and Brussels. I dreamed of playing for Anderlecht. I dreamed of being Vincent Kompany. I’ll start a sentence in French and finish it in Dutch, and I’ll throw in some Spanish or Portuguese or Lingala, depending on what neighborhood we’re in.

I’m Belgian.

We’re all Belgian. That’s what makes this country cool, right?” (LUKAKU, 2018).

Se o preconceito sofrido por congoleses ganhou notoriedade mundial apenas em 2018, por ter sido denunciado por uma voz famosa, ele pode ser percebido há muito através das “páginas” da imprensa belga.

No final de 1988, o jornal Le Soir, em uma reportagem, denunciou um cenário de caos no Zaire de Mobutu: Colette Braeckman, enviada especial, cobriu a estada de especialista do FMI em Kinshasa; o mandatário do Zaire, desde início daquele ano, havia rompido com a instituição internacional, deixando de pagar seus débitos, sendo excluído dos programas da instituição; os técnicos do FMI estavam ali para propor medidas de austeridade ao Zaire, para que, depois, novos créditos fossem contraídos pelo país

africano. Braeckman descreve o Zaire como sendo um país em ruínas, ou, ao menos, um país onde o Estado está em ruínas. Os salários eram simbólicos, por causa do baixo valor da moeda, e mesmo os professores universitários tinham de se desdobrar em vários empregos para poder viver:

“«Mon salaire? s'exclame un fonctionnaire. Il est plus que symbolique: que peut-on faire avec 4.000 zaïres? (Moins de 1.000 FB.) Heureusement que ma femme tient un commerce, un petit nganda («café»), où les voisins viennent boire leur bière, se rencontrer. Parfois elle se rend sur la rive d'en face, à Brazzaville, et, là aussi, elle fait du commerce.» Un professeur d'université ajoute: «Moi non plus, mon salaire ne me fait pas vivre, même s'il a été augmenté récemment. Mais, à côté, je suis conseiller dans une société privée. Ici, on ne tient que si on a plusieurs métiers.»” (BRAECKMAN, 1988)

A reportagem fala, descrevendo a situação de Kinshasa, em apagões constantes, vias que, ante a menor chuva, se tornam lamacentas, em táxis e ônibus cada vez mais raros e caros, tornando atividades rotineiras, como ir a escola ou chegar ao trabalho, muito mais difíceis e, muitas vezes, apenas possíveis com a ajuda da rede de relacionamentos de cada um¹⁴⁷. A jornalista destaca que estas dificuldades, no entanto, fizeram a vividez e agitação da cidade se espalhar, ir além do centro:

“Malgré la crise cependant, Kinshasa fait plus que survivre. Elle vit, intensément. Des boutiques sont ouvertes jusque dans les plus lointains quartiers, des musiques s'échappent de toutes les maisons, les ngandas se multiplient ainsi que les dancings: la pénurie de moyens de transport a fait éclater la vie nocturne, qui désormais ne se limite plus à Matongué. Chacun, s'il le peut, danse et s'amuse près de chez soi. Sur les marchés, les femmes vendent des gobelets de sel, des morceaux de poulet, des quignons de pain: infini détail du commerce, où chacun essaie de gagner quelques miettes...” (BRAECKMAN, 1988)

A jornalista descreve que Kinshasa e as regiões mineradoras ainda se encontravam numa posição privilegiada. Os efeitos da crise econômica eram mais devastadores fora da capital e dos olhos do interesse econômico. Para exemplificar, cita o caso da gasolina em Kisangani:

“Si, à Kinshasa, l'essence coûte 50 zaïres (10 FB) ce qui est anormalement bas, à Kisangani, la pénurie a fait flamber les prix. Les revendeurs que l'on appelle, ici comme ailleurs, des Kaddhafi, cèdent des bouteilles d'essence pour 350 zaïres le litre. Le prochain arrivage n'est attendu que dans trois semaines, ou plus tard encore. Au centre ville les magasins sont fermés, la dernière grande surface s'apprête à baisser définitivement ses volets car elle est en rupture totale de stock” (BRAECKMAN, 1988)

¹⁴⁷BRAECKMAN, Colette. L'austérité au Zaïre. Disponível em: <[http://www.lesoir.be/archive/d-19881124-](http://www.lesoir.be/archive/d-19881124-W3RAUZ?referer=%2Farchives%2F Recherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DL%2527aust%25C3%25A9rit%25C3%25A9%2520au%2520Za%25C3%25AFre_o%25C3%25B9%2520I%2527argent%2520reste_le%2520ciment%2520du%2520pouvoir)

[W3RAUZ?referer=%2Farchives%2F Recherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DL%2527aust%25C3%25A9rit%25C3%25A9%2520au%2520Za%25C3%25AFre_o%25C3%25B9%2520I%2527argent%2520reste_le%2520ciment%2520du%2520pouvoir](http://www.lesoir.be/archive/d-19881124-W3RAUZ?referer=%2Farchives%2F Recherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DL%2527aust%25C3%25A9rit%25C3%25A9%2520au%2520Za%25C3%25AFre_o%25C3%25B9%2520I%2527argent%2520reste_le%2520ciment%2520du%2520pouvoir)>. Acesso em: 16/05/2018.

Por causa de uma dívida de então 400 milhões de francos, tinha sido cortado o fornecimento de combustível à companhia nacional de trens, a *Société nationale des chemins de fer zaïrois*, dificultando ainda mais o deslocamento intranacional, que já sofria com a crise do abastecimento de combustíveis e a má condição das estradas¹⁴⁸.

Os indicadores sociais seguiam o resto da situação do país e são descritos na reportagem como algo que se possa dizer catastrófico: com um repasse em 1988 que representava apenas 3% do valor total previsto, a saúde registrava 800 novos casos de lepra por dia na província do Alto Zaire, além de 650 novos casos de tuberculose¹⁴⁹; as mulheres não tinham condições de realizar tratamento pré-natal. As taxas de evasão escolar aumentavam a cada ano, pois os custos para se manter uma criança na escola eram impraticáveis para o congolês médio¹⁵⁰; a Universidade de Kisangani dependia de ajuda internacional para continuar aberta; os dormitórios se encontravam lotados e os alunos tinham de se revezar em turnos para todos poderem dormir; o giz usado na sala de aula era comprado pelos próprios professores¹⁵¹.

Uma medida ainda do FMI, para controle inflacionário, havia proibido o Estado de aumentar os salários. Por isso, para atrair sua mão de obra, as companhias privadas ofereciam benefícios extras aos seus funcionários: escola e tratamento médico para o funcionário e sua família, alguns produtos para consumo¹⁵². As plantações sofriam para recrutar trabalhadores e a mineração, após a liberação da garimpagem de minerais preciosos pelo governo, se tornou, nas palavras da jornalista, “uma lenda de faroeste”:

“C'est que, au Kasai oriental, pays du diamant, ou dans la région d'Isiro, pays de l'or, la libéralisation de l'exploitation des minerais précieux a bouleversé les habitudes de travail de la population. Dans chaque village sont apparus des creuseurs, qui ont déserté les champs traditionnels ou les entreprises locales. Comme au Kivu, ces creuseurs tamisent les rivières, taillent de fragiles labyrinthes dans la terre friable, s'enfoncent dans des souterrains qui, parfois, s'effondrent sur eux” (BRAECKMAN, 1988)

Naqueles dias no Zaire, segundo a reportagem, tudo era uma questão política: ser amigo do presidente ou de quem estava próximo ao poder, era a única alternativa para se

¹⁴⁸BRAECKMAN, Colette. L'austérité au Zaïre. Disponível em: <[http://www.lesoir.be/archive/d-19881124-](http://www.lesoir.be/archive/d-19881124-W3RAUZ?referer=%2Farchives%2Fcherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DL%2527aust%25C3%25A9rit%25C3%25A9%2520au%2520Za%25C3%25A9Fre_o%25C3%25B9%2520I%2527argent%2520reste_le%2520ciment%2520du%2520pouvoir)

W3RAUZ?referer=%2Farchives%2Fcherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DL%2527aust%25C3%25A9rit%25C3%25A9%2520au%2520Za%25C3%25A9Fre_o%25C3%25B9%2520I%2527argent%2520reste_le%2520ciment%2520du%2520pouvoir>. Acesso em: 16/05/2018.

¹⁴⁹Ibid.

¹⁵⁰Ibid.

¹⁵¹Ibid.

¹⁵²Ibid.

fazer negócios ou arrumar um bom emprego. Para quem não estava inserido nas altas rodas, os impostos e taxas se multiplicavam e as portas se fechavam¹⁵³. Mobutu mantinha, na capital, uma vila, asfaltada e com iluminação pública funcionando, onde havia a capela de *Notre-Dame de la Miséricorde*, local onde um padre espanhol rezava as missas em latim e haviam homenagens à sua primeira esposa, Mama Mobutu, o palácio presidencial, e uma área residencial¹⁵⁴. A vila, chamada Gbdolite, foi apelidada de “*Versailles da selva*” por um jornalista sul-africano. A fortuna pessoal de Mobutu, em 1982, era avaliada em 4 bilhões de Dólares¹⁵⁵.

Em fevereiro de 1989, a mesma jornalista, Colette Braeckman, cobriu um protesto de 250 estudantes congolese em Bruxelas. Eles se reuniram em uma sexta-feira pela tarde, na localidade de Champ de Mars, próximo ao quarteirão Matongé, para protestar contra o que foi chamado de desmantelamento da educação do Zaire: a situação difícil em que seus colegas universitários se encontravam no país – as aulas, tanto no colegial, quanto nas universidades, estavam suspensas até de 15 de abril – além da própria dificuldade deles, estudantes que se encontravam no exterior de forma subsidiada, para se manterem ante a situação do Estado do país africano¹⁵⁶. Os manifestantes fizeram demonstrações contra o FMI, Joseph Mobutu e Léon Kengo, primeiro-ministro congolês símbolo das políticas de austeridade¹⁵⁷. A polícia acompanhou de perto a manifestação, que não registrou tumultos ou violência, muito menos atingiu a Embaixada do Zaire, que estava próxima. Colette também destaca a assinatura, por parte do Zaire, da Convenção das Nações Unidas Contra Tortura, um esforço do governo para mostrar que as frequentes

¹⁵³BRAECKMAN, Colette. L'austérité au Zaïre. Disponível em: <http://www.lesoir.be/archive/d-19881124-W3RAUZ?referer=%2Farchives%2F Recherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DL%2527aust%25C3%25A9rit%25C3%25A9%2520au%2520Za%25C3%25AFre_o%25C3%25B9%2520l%2527argent%2520reste_le%2520ciment%2520du%2520pouvoir>. Acesso em: 16/05/2018.

¹⁵⁴Ibid.

¹⁵⁵Ibid.

¹⁵⁶BRAECKMAN, Colette. Quelque 250 étudiants zaïrois. Disponível em: <<http://www.lesoir.be/archive/d-19890225-W3QV1C?referer=%2Farchives%2F Recherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DQuelque%2520250%2520%25C3%25A9tudiants%2520za%25C3%25AFrois>>. Acesso em: 16/05/2018.

¹⁵⁷Ibid.

acusações contra o país de violação dos direitos e das liberdades dos cidadãos eram infundadas¹⁵⁸.

Tais reportagens ilustram bem a conjuntura difícil que os congoleses enfrentavam no final da década de 1980 e que confluía para que os fluxos migratórios para a antiga metrópole se massificassem. Como explicitado em capítulos anteriores, muitos estudantes que se encontravam na Bélgica neste período resolveram ficar no país e se somaram aos congoleses que, por causa das dificuldades econômicas ou das violações dos direitos humanos, imigraram da então República do Zaire para a Bélgica.

A comunidade congoleza na capital belga, mesmo antes da massificação dos fluxos migratórios entre os dois países em questão, formou seu reduto em Bruxelas: o quarteirão Matongé. O nome é uma referência a um bairro de Kinshasa, que, por sua vez, faz alusão ao nome de um fruto:

“Et pourquoi Matonge d'abord? À l'origine, c'est le nom d'un fruit tropical, un peu aigre et rouge à l'intérieur. Et puis, c'est surtout le nom d'un des quartiers les plus chauds de Kinshasa, dans la commune de Kalamu, et où les jeunes vont danser, écouter de la musique et s'éclater jusqu'au petit matin” (GÉRARD et al., 1994)

O quarteirão localiza-se em Ixelles e sua constituição está historicamente ligada a *Maison Africaine*, um albergue e espaço de apoio para estudantes e estagiários africanos na capital belga criada muito por causa da Expo 58 – a exposição mundial¹⁵⁹.

Durante as décadas de 1960 e 1970, a maioria dos africanos que frequentavam a região eram diplomatas ou estudantes. A partir do fim da década de 1980, o público se diversificou¹⁶⁰, mimetizando as características dos fluxos migratórios entre o então Zaire e a Bélgica.

¹⁵⁸BRAECKMAN, Colette. Quelque 250 étudiants zairois. Disponível em: <<http://www.lesoir.be/archive/d-19890225-W3QV1C?referer=%2Farchives%2F Recherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DQuelque%2520250%2520%25C3%25A9tudiants%2520za%25C3%25AFrois>>. Acesso em: 16/05/2018.

¹⁵⁹BOURTON, William. Matonge n'est pas le ghetto noir de Bruxelles. Disponível em: <https://plus.lesoir.be/art/d-19961118-W33FNV?referer=%2Farchives%2F Recherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DMatonge%2520n%25C2%25B4est%2520pas%2520le%2520ghetto%2520noir%2520de%2520Bruxelles#_ga=2.138431091.1347707519.1543946155-130356841.1543946154>. Acesso em: 25/11/2018.

¹⁶⁰Ibid.

Seu epicentro é a Galerie Ixelles, localizada na esquina das vias Wavre e Ixelles¹⁶¹. A galeria, em janeiro de 1990, tinha 60% dos seus estabelecimentos tocados por pessoas de origem zairiana, dentre os quais, a grande maioria era mulheres¹⁶². Apesar de a região ficar conhecida como reduto da comunidade congoleza, naqueles dias, a vizinhança era a mais cosmopolita possível: na área, haviam comércios administrados, dentre outras nacionalidades, por haitianos, russos, paquistaneses, espanhóis, italianos e também por belgas¹⁶³. Dentre os tipos de estabelecimentos por lá encontrados, Lamensch descreve uma grande variedade:

“En remontant de la chaussée de Wavre à la chaussée d'Ixelles, la galerie commerciale offre les devantures les plus variées. Tshuapa propose des poisons fumés et de l'artisanat, Malandi et Adelu tiennent leur snack, Mama Leki vend des étoffes (Wax). On compte encore quelques centres de beauté et salons de coiffure «Afro», un disquaire. Et si les cafés sont encore fermés en cette fin de matinée, on s'affaire déjà derrière l'ordinateur de l'African Business Contacts” (LAMENSCH, 1990)

As origens da galeria remontam à década de 1950 e nada tinham a ver com a comunidade zairiana ou qualquer outra comunidade imigrante da capital:

“Ouvverte en 1954, la galerie abrite soixante-trois magasins et, depuis le début, très peu d'exploitants propriétaires, en raison de l'exiguïté des surfaces qui empêche d'y tenir des commerces de standing. On y trouvait à l'origine essentiellement un snackbar, des boutiques de passementerie, magasins de lingerie, faux et vrais bijoutiers. Et la clientèle était en majorité belge” (LAMENSCH, 1990)

Uma reportagem publicada por Michelle Lamensch em 1990 e outra, do mesmo ano, mas assinada pelo jornalista Serge Trimpont, revelam uma rotina de constantes abusos e verificações, por parte das autoridades imigratórias, na região. Trimpont escreveu sobre Charles Musonda, um jogador de futebol zambiano do Anderlecht, clube de Bruxelas e um dos mais tradicionais do futebol belga. Considerado o 14º melhor jogador africano atuando no continente europeu no ano de 1989 pela premiação Ballon d'Or africain, promovida pela tradicional revista France Football, titular da seleção de seu país, eleito, por jornalistas de Botswana e da Zâmbia o melhor jogador africano de 1989, destaque de um dos maiores clubes da Bélgica, Musonda relatou que, em uma visita ao Matongé, nem mesmo ele escapou da abordagem dos *gendarmes*:

¹⁶¹LAMENSCH, Michelle. A Matongue-Ixelles, la galerie. Disponível em: <<http://www.lesoir.be/archive/d-19900122-W3P5D4?referer=%2Farchives%2Fcherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2Basc%26start%3D210%26word%3DMichelle%2BLamensch>>. Acesso em: 16/05/2018.

¹⁶²Ibid.

¹⁶³Ibid.

“Je suis complètement adapté, maintenant, à la vie bruxelloise, lance-t-il. Et puis, j'ai mes points de repère. Je vais très souvent me promener au quartier Matonge, où je compte pas mal d'amis zaïrois. Moi aussi, j'y rencontre parfois des policiers. L'autre jour encore, l'un d'eux m'a interpellé à proximité du métro pour vérifier mes papiers. Quand il a vu que j'étais Charles Musonda, il s'est vite calmé!” (TRIMPONT, 1990)

Para Lamensch, um rosto anônimo descreve uma situação muito mais dramática e difícil. Uma moça, dona de um negócio na Galerie Ixelles, fala, detalhadamente, sobre a rotina de operações de controle migratório na galeria:

“Pour leurs contrôles de routine, les gendarmes bloquent les sorties de la galerie avec leurs voitures. Une même personne peut être interpellée plusieurs fois en quelques minutes. Ils entrent dans les magasins et demandent les papiers comme si on avait tué quelqu'un. On ne peut poser aucune question. Parfois, nos papiers sont chez nous, parfois on les attend de l'administration. On n'a pas de plaisir d'être irrégulier. On travaille et on paie des impôts. On se sent coupable, agressé: certains nous injurient en lingala, nous conseillent d'appeler Mobutu à l'aide” (LAMENSCH, 1990)

A proprietária ainda destaca que não é a intenção de ninguém, dentro da galeria, transformar o local em um gueto proibido a europeus e aos *gendarmes*; pelo contrário: diz que eles ali gostariam de ter mais clientes europeus, mas que toda esta rotina de ações não é boa para o comércio. Ela é eloquente ao defender seu ponto de vista: “*Or c'est nous qui avons fait revivre cette galerie*”¹⁶⁴.

M. Bliard, um joalheiro belga que mantém um negócio fundado em 1924 por seu pai e está na galeria desde sua abertura¹⁶⁵, ao contrário da zairiana, defende que a rotina de verificações, segundo ele, feitas também por agentes à paisana, não atrapalharia o cotidiano do local e se fazia necessária: já havia sido assaltado, à época da entrevista, 11 vezes. Ele, que, então, também era o presidente do conselho de administração da galeria¹⁶⁶, dizia ser um dos responsáveis por manter a ordem no local: proibía mulheres de amamentarem no terraço, vigiava os cochilos públicos; pintava linhas no chão para que cada lojista respeitasse os limites de sua respectiva loja, pedia para alguns diminuir o barulho¹⁶⁷. Para o belga, haviam alguns africanos melhores que outros nos quesitos ordem e disciplina, e justifica dizendo: “*c'est la galerie la plus exotique de Belgique!*”¹⁶⁸.

¹⁶⁴LAMENSCH, Michelle. A Matongue-Ixelles, la galerie. Disponível em: <[http://www.lesoir.be/archive/d-19900122-](http://www.lesoir.be/archive/d-19900122-W3P5D4?referer=%2Farchives%2Fecherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2Basc%26start%3D210%26word%3DMichelle%2BLamensch)

[W3P5D4?referer=%2Farchives%2Fecherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2Basc%26start%3D210%26word%3DMichelle%2BLamensch](http://www.lesoir.be/archive/d-19900122-W3P5D4?referer=%2Farchives%2Fecherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2Basc%26start%3D210%26word%3DMichelle%2BLamensch)>. Acesso em: 16/05/2018.

¹⁶⁵Ibid.

¹⁶⁶Ibid.

¹⁶⁷Ibid.

¹⁶⁸Ibid.

Um sapateiro espanhol que trabalha em uma das esquinas da região reforça a visão Bliard: *“Un exotisme qui ne dérange nullement le cordonnier espagnol installé à l'angle de la chaussée d'Ixelles. Les Noirs mettent aussi des chaussures. Ils constituent un tiers de ma clientèle. Parfois, ils marchandent ou il leur manque 20 F. Mais à part ça, tout va bien”*¹⁶⁹.

Logo em março de 1989 houve um incidente no quarteirão Matongé que gerou muita tensão entre a comunidade congoleza e belgas em Bruxelas, expondo toda a tortuosidade presente na relação entre este grupo de imigrantes e a sociedade belga. Em uma terça-feira, logo após as 2 da tarde, uma patrulha da *gendarmerie* realizava mais uma ação de checagem de documentos na Galerie Ixelles. Um dos objetivos da ação, como caracterizado uma reportagem do Le Soir, era identificar imigrantes ilegais¹⁷⁰. Na versão dos transeuntes, um homem, de origem zairiana, foi abordado em frente ao salão Africana Coiffure, por 3 agentes da *gendarmerie*. Indocumentado, ele foi detido pela patrulha e concordou em ir prestar esclarecimentos sobre sua situação migratória¹⁷¹. No entanto, os *gendarmerie* lhes disseram que a viagem do Matongé até o local de esclarecimento deveria ser feito com ele algemado, exigência com a qual o homem detido não concordou¹⁷². Esta versão dos fatos diverge da apropriada pelos agentes de controle migratório. Segundo eles, durante um patrulhamento de rotina, eles notaram que 2 homens e 3 mulheres, que conversavam de forma ruidosa na frente do salão, ante a aproximação deles, buscaram refúgio dentro do salão e, um dos homens, aparentou tentar esconder uma das moças¹⁷³. Foi aí que os *gendarmerie* forçaram a entrada no salão, agora contando com o reforço de mais dois agentes, e que, na confusão, a moça que aparentemente era protegida por um dos rapazes se escondeu no primeiro piso do estabelecimento¹⁷⁴.

¹⁶⁹LAMENSCH, Michelle. A Matongue-Ixelles, la galerie. Disponível em: <<http://www.lesoir.be/archive/d-19900122-W3P5D4?referer=%2Farchives%2F Recherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2Basc%26start%3D210%26word%3DMichelle%2BLamensch>>. Acesso em: 16/05/2018.

¹⁷⁰WILMOTTE, Thierry. L'interpellation mouvementée. Disponível em: <<http://www.lesoir.be/archive/d-19890329-W3QNK8?referer=%2Farchives%2F Recherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DL%2527interpellation%2520mouvement%25C3%25A9e>>. Acesso em: 16/05/2018.

¹⁷¹Ibid.

¹⁷²Ibid.

¹⁷³Ibid.

¹⁷⁴Ibid.

Na sexta-feira daquela semana o homem detido ainda continuava preso, mesmo tendo sido descoberto que não se tratava de um imigrante ilegal – o rapaz era cidadão belga¹⁷⁵.

Quase um ano depois deste incidente, uma outra situação causou grandes atritos entre a comunidade africana e os *gendarmes* no Matongé. Em uma segunda-feira, por volta das 20 horas, um veículo da força policial começou a conduzir uma ação de verificação de documentos na Galerie Ixelles¹⁷⁶. Conforme o jornalista Christian Du Brulle deixa claro na reportagem “*Nouvel incident a “Matonge”*”, não se sabe porquê, mas reforços foram chamados, bloqueando vários metros da via Wavre. A reação dos presentes ao *modus operandi* dos *gendarmes* foi violenta: sacos de lixo e garrafas foram jogadas contra as viaturas¹⁷⁷; segundo testemunhas, um dos policiais chegou pegar sua arma¹⁷⁸. Uma multidão de curiosos se aglomerou no local e, uma das questões que pairava sobre eles era “por que as ações de verificação estão tão frequentes?”. O próprio repórter traz uma possível explicação: na semana anterior, durante outra ação de verificação, um *gendarme* havia sido espancado no local¹⁷⁹. O tumulto durou cerca de uma hora; às 21 horas as forças de segurança dissolveram a multidão e, sob vaias, deixaram a galeria¹⁸⁰. A ação não só tornou mais tensa a relação entre africanos e a *gendarmes*, como também abalou a relação entre estes e a comuna de Ixelles: Yves de Jonghe d'Ardoye, conselheiro municipal da região, cobrou que, tendo a situação se degenerado, a comuna deveria ter sido avisada, além de mostrar preocupação, pois a polícia comunitária, ao contrário dos *gendarmes*, gozava de bom trânsito entre os frequentadores da Galerie Ixelles¹⁸¹; Yves, em uma reunião com o comando dos

¹⁷⁵WILMOTTE, Thierry. L'interpellation mouvementée. Disponível em: <<http://www.lesoir.be/archive/d-19890329-W3QNK8?referer=%2Farchives%2F Recherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DL%2527interpellation%2520mouvement%25C3%25A9e>>. Acesso em: 16/05/2018.

¹⁷⁶DU BRULLE, Christian. Nouvel incident a “Matonge”. Disponível em: <<https://plus.lesoir.be/art/d-19900123-W3P560?referer=%2Farchives%2F Recherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DNOUVEL%2520INCIDENT%2520A%2520%2522MATONGE%2522>>. Acesso em: 19/11/2018.

¹⁷⁷Ibid.

¹⁷⁸Ibid.

¹⁷⁹Ibid.

¹⁸⁰Ibid.

¹⁸¹ROBERT, François. Ixelle veut calmer les esprits trop échauffés par Matonge. Disponível em: <<https://plus.lesoir.be/art/d-19900127-W3P4GN?referer=%2Farchives%2F Recherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26w>

gendarmerie na região para discutir os eventos ocorridos, ainda mostrou números sobre a criminalidade em sua comuna e reforçou que ali não era uma região violenta: no ano anterior, 1989, haviam ocorrido 321 delitos por lá, sendo a grande maioria deles delitos leves, como ofensas, por exemplo¹⁸². Uma reportagem do François Robert, que aborda esta reunião ocorrida entre o conselheiro municipal e o comando dos *gendarmerie* revela uma observação importante: no início do ano de 1990, dos 2.000 habitantes do Mantogé, apenas 366 eram negros¹⁸³, realidade que não correspondia ao rótulo de “bairro negro” que a localidade havia ganho; da mesma forma, a reputação de “má vizinhança” também era infundada, como pode-se comprovar pelos números trazidos anteriormente por Yves de Jonghe d'Ardoye – como Robert (1990) escreveu: “*Tout au plus peut-on lui reprocher ses nombreux tapages nocturnes*”. Ser considerado o bairro africano de Bruxelas era uma via de mão dupla para o Matongé.

O ocorrido transbordou os limites políticos de Bruxelas e não só arranhou a imagem política belga entre seus nacionais, como também internacionalmente. Questionado pelo deputado socialista Ivan Maoyer no parlamento sobre as constantes operações da *gendarmerie* no “bairro negro” da capital e sobre a dificuldade dos agentes em cumprir suas missões respeitando os direitos humanos, Louis Tobback, então ministro do interior belga deu a seguinte explicação:

“Tobback réagit en ministre de l'Intérieur: couvrant ses hommes, niant toute intervention intempestive et affirmant n'avoir pu vérifier si les propos racistes reprochés à l'un des gendarmes avaient été tenus. Le ministre avance, également, «son» explication des événements...”

«Il s'agissait de contrôles d'identité de routine, déclare-t-il, comme il s'en produit depuis des années, sans que cela ne provoque d'incidents. Contrôles qui se justifient, puisqu'ils donnent lieu à la découverte d'illégaux».

Quelle explication Tobback voit-il, dès lors, aux incidents? A chacune des deux dernières occasions, il y avait, relève-t-il, des diplomates zaïrois dans le voisinage. Sans doute une coïncidence... «Pourquoi penserais-je autrement?» Et de conclure: «Je ne céderai à aucune forme d'intimidation. Les contrôles continueront, sauf si le ministre de la Justice posait le problème ou si le bourgmestre d'Ixelles me demandait solennellement de les suspendre»” (DUBUISSON, 1990)

O ministro de relações exteriores belga no momento, Mark Eyskens, recebeu uma delegação do Comitê de Embaixadores dos Países da ACP (África – Caribe – Pacífico) que demonstraram suas “*mais vivas emoções*” ante aos acontecimentos no Mantongé e

ord%3DIxelles%2520veut%2520calmer%2520les%2520esprits%2520trop%2520%25C3%25A9chauff%25C3%25A9s%2520par%2520Matonge >. Acesso em: 16/05/2018.

¹⁸² Ibid.

¹⁸³ Ibid.

declararam preocupação quanto às medidas “*vexatórias*” e “*tratamento brutal*” aos quais seus compatriotas eram expostos “*com cada vez mais frequência*” nas fronteiras e nos territórios dos países membros da Europa dos 12¹⁸⁴¹⁸⁵.

Duas reportagens do mesmo ano, 1991, sugerem que a reclamação do Comitê de Embaixadores da ACP procede, não só por causa das constantes operações de controle migratório realizadas no Matongé, mas também pela condição geral que imigrantes, refugiados, asilados e solicitantes destas duas categorias enfrentavam naquele tempo na Bélgica. A primeira delas, assinada por Catherine Moreau, Phillipe Pirre e Chirstophe Schoune traz luz à situação dos CPAS (Centre Public d’aide Sociale) no início dos anos 1990. Os CPAS eram os equipamentos sociais que, por sua lei orgânica, eram obrigados a prestar assistência, fosse ela de ordem material, social, médico, médico-social ou psicológico, para todo estrangeiro, registrado ou não no cadastro de estrangeiros¹⁸⁶. A lotação de cada CPAS era definida não por lei, mas por um acordo elaborado por Miet Smiet, que, nos idos de 1987, ocupava o cargo de Secretário de Estado na pasta da emancipação social:

“Quota? Au début de 1987, pour remédier à l’afflux de réfugiés pris en charge par les CPAS de Bruxelles, Liège, Anvers, Gand et Louvain, le Secrétaire d’État à l’Émancipation sociale, Miet Smet, a proposé à chaque CPAS (Centre public d’aide sociale) d’accueillir un nombre de (candidats) réfugiés correspondant à un pour mille habitants. Ce quota n’a cependant pas force de loi” (MOREAU et al., 1991)

Ao que indica a reportagem, os CPAS se encontravam lotados. Um dos exemplos citados para ilustrar isto é o do CPAS da comuna de Nivelles: em 15 de março de 1991, a instituição estava encarregada de 355 refugiados, enquanto, pelo cálculo de cotas, deveria estar cuidando de, no máximo, 306 refugiados¹⁸⁷; os jornalistas destacam que, se algumas

¹⁸⁴Nome dado a Comunidade Econômica Européia após a entrada, na década de 1980, da Inglaterra, Grécia, Espanha, Dinamarca, Irlanda e Portugal no bloco.

¹⁸⁵METDEPENNINGEN, Marc. Ambassadeur ACP apres Matongue. Disponível em: <<https://plus.lesoir.be/art/d-19900207-W3P2TX?referer=%2Farchives%2Fcherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DAMBASADEUR%2520ACP%2520APRES%2520MATONGUE>>. Acesso em: 19/11/2018.

¹⁸⁶MOREU, C.; PIERRE, P.; SCHOUNE, C. Accueil des refugies: oui, mais... (I) Itineraire de khmers... wavriens 30 pays 27 communes le parcours du combattant K, somalien. Disponível em: <<https://plus.lesoir.be/art/d-19910316-W3LFJJ?referer=%2Farchives%2Fcherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DACCUEIL%2520DES%2520REFUGIES%253A%2520OUI%2520MAIS...%2528I%2529%2520ITINERAIRE%2520DE%2520KHMERS...%2520WAVRIENS%252030%2520PAYS%252027%2520COMMUNES%2520LE%2520PARCOURS%2520DU%2520COMBATTANT%2520K%252C%2520SOMALIEN>>. Acesso em: 19/11/2018.

¹⁸⁷Ibid.

das unidades tinham condições de atender até um número superior ao que o cálculo das cotas determinava, outras eram muito pobres; depois que os limites eram atingidos, um refugiado só conseguia assistência em muitas CPAS apenas apelando à justiça¹⁸⁸.

De fato, a questão orçamentária representava um gargalo para estes centros públicos de ajuda social e comprometia o atendimento de refugiados e solicitantes de asilo:

“La Santé publique rembourse dès lors intégralement le montant correspondant au minimex (mais certaines communes accordent une somme moindre au réfugié...), les frais d'affiliation et de cotisation à une mutuelle, frais médicaux...

Toutefois, précise-t-on dans plusieurs CPAS, ce remboursement se fait parfois attendre et le surcroît de frais de fonctionnement que provoque l'arrivée de réfugiés reste à charge des finances communales.

Une fois reconnu, ou après cinq ans de résidence dans la commune, le réfugié, inscrit alors au registre de la population, pourra, s'il n'a pas trouvé de travail, bénéficier du minimex remboursé à 50 % par l'État.

Dans la pratique, un certain flou demeure et, CPAS et commune se renvoyant souvent la balle [...]» (MOREAU et al., 1991)

O resultado disso é o que o jornal chamou de ciclo vicioso, que colocava muitos solicitantes de refúgio e asilo em uma condição de extrema marginalidade:

“ce n'est que lorsqu'ils possèdent une adresse que la commune est obligée de les inscrire. Sans cette inscription, ils ne peuvent trouver d'emploi. Soucieux d'éviter les abus, les CPAS n'accordent leur aide que si les réfugiés disposent d'un logement dans la commune. Or, c'est précisément ce qu'ils cherchent et beaucoup d'entre eux sont bien incapables d'assurer les frais de loyer et de garantie. Conséquence: certains végètent dans des conditions dramatiques avec comme unique bouée de sauvetage l'aide de compatriotes ou d'associations caritatives” (MOREAU et al., 1991)

A integração destes estrangeiros que chegam à Bélgica para fixar residência também é pautada como algo complicado. Os autores destacam que a integração era mais fácil apenas em municípios onde eram ofertados cursos de línguas, onde o estrangeiro já tinha uma rede de contatos ou então em localidades que tinham conexão com a capital, Bruxelas¹⁸⁹. A diversidade de origens era grande: os CPAS da Valônia, no ano do artigo,

¹⁸⁸MOREU, C.; PIERRE, P.; SCHOONE, C. Accueil des refugies: oui, mais... (I) Itineraire de khmers... wavriens 30 pays 27 communes le parcours du combattant K, somalien. Disponível em: <<https://plus.lesoir.be/art-d-19910316-W3LFJJ?referer=%2Farchives%2Fcherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DACCUEIL%2520DES%2520REFUGIES%253A%2520OUI%252CMAIS...%2528I%2529%2520ITINERAIRE%2520DE%2520KHMERS...%2520WAVRIENS%252030%2520PAYS%252027%2520COMMUNES%2520LE%2520PARCOURS%2520DU%2520COMBATTANT%2520K%252C%2520SOMALIEN%2520>>. Acesso em: 19/11/2018.

¹⁸⁹Ibid.

havam recebido solicitantes de 30 países diferentes. O maior número, entre os solicitantes, era de romenos e zairianos:

“Roumains et Zaïrois se partagent presque la moitié du gâteau brabançon (46 % de l'afflux des réfugiés aidés par les CPAS de la région). Pour 1990, les Roumains arrivent en tête des candidats à l'asile politique avec 1.724 demandes au Petit Château tandis que les Zaïrois sont cinquièmes avec plus de 1.000 demandes” (MOREAU et al., 1991)

A segunda das reportagens, de autoria de William Bourton, destaca que, na comuna de Ixelles, onde fica o Matongé, cada funcionário do serviço de atendimento de estrangeiros tinha 7 minutos e 30 segundos para atender cada um que chegava ao posto, com uma cota de 40 pessoas assistidas por dia¹⁹⁰. O autor ressalta que, além do grande aumento das solicitações de permanência e de trabalho, que tiveram seus números inflacionados principalmente pela crescente chegada de nacionais do Zaire - com a complicação da situação de Mobutu – e do leste europeu à região do Matongé, aquele posto, em específico, que deveria contar com 10 funcionários, estava operando com apenas 6. Para serem atendidos, estrangeiros tinham de formar filas, mesmo antes da abertura do local e, muitos deles, voltavam por mais de uma vez à repartição até que suas demandas fossem resolvidas.

Não demorou muito, após a operação de controle migratório que acabou se degenerando em violência, para outro episódio associado a racismo aquecer ainda mais os ânimos entre a comunidade imigrante africana e belgas. Em 25 de maio de 1990, uma reportagem de Christian du Brulle noticiava um incêndio que havia consumido a casa noturna Memphis, localizada na rua Dublin, região do Matongé. Segundo suspeitas, o fogo teria sido criminoso¹⁹¹. De acordo com o artigo jornalístico, após 3 anos como um clube privado, a danceteria passou, em 1985, a ser aberta ao público, o que começou a atrair clientes com um “comportamento inapropriado” – incidentes se tornaram

¹⁹⁰BOURTON, William. Inflation de quemandeurs au service de etrangers d'Ixelles une demande par 7 minutes 30 secondes, pas plus. Disponível em: <<https://plus.lesoir.be/art/d-19911109-W3JQUD?referer=%2Farchives%2F Recherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DINFLATION%2520DE%2520QUEMANDEURS%2520AU%2520SERVICE%2520DES%2520ETRANGERS%2520D%2520IXELLES%2520UNE%2520DEMANDE%2520PAR%25207%2520MINUTES%252030%2520SECONDES%2520C%2520PAS%2520PLUS>>. Acesso em: 19/11/2018.

¹⁹¹DU BRULLE, Christian. Incendie dancing Matongue (Le Memphis) / spectre du racisme. Disponível em: <<https://plus.lesoir.be/art/d-19900525-W3NDJF?referer=%2Farchives%2F Recherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DApr%2520C%2520A8s%25201%2527incendie%2520du%2520%2520C%2520ABMemphis%2520C%2520B%2520C%2520Matongue%2520%2520C%2520A0%2520nouveau%2520en%2520%2520C%2520A9bullition>>. Acesso em: 19/11/2018.

constantes dentro do estabelecimento¹⁹². Numa noite de sábado para domingo, um grupo de 4 pessoas de origem norte africana tentou reingressar no Memphis, após terem saído, e seu acesso foi negado; uma briga começou e uma das pessoas deste grupo foi ferida com uma faca, fato testemunhado por várias pessoas que estavam na frente da boate. O ferido foi encaminhado para um hospital, mas a briga continuou, em outro ponto da rua Dublin¹⁹³. Após a situação estar resolvida, como relatou o dono da Memphis ao Le Soir, dois carros se aproximaram da porta da danceteria e um dos ocupantes de um dos veículos teria lhe dito que sua boate estava acabada¹⁹⁴. Na terça-feira seguinte ao ocorrido, uma patrulha policial viu um carro com ocupantes, parado em frente ao estabelecimento, dar partida ao perceber sua aproximação; quando chegaram mais próximos, os policiais notaram que havia fumaça saindo do prédio da danceteria. O temor de todos no Matongé, segundo Brulle, era que houvesse uma intensificação das operações de controle migratório no bairro por causa da suspeita que o incêndio seria uma represália ao ocorrido com as 4 pessoas de origem norte africana¹⁹⁵.

Em setembro de 1990, um conteúdo reproduzido da agência France Presse abordando a realização da Jornada Mundial da AIDS daquele ano revelou mais uma faceta da situação de vulnerabilidade e da falta da existência de políticas públicas interseccionais que considerassem a população migrante e de origem africana não só no Matongé, mas também em Bruxelas e em todo o país. Antoine Pickles, representante da recém criada unidade de Bruxelas da ONG Act Up, que estava presente em outras cidades como Nova Iorque, Paris e Londres, afirmou que a maior motivação para a união dele e de outras pessoas para abrirem a sucursal belga da organização havia sido o insucesso das políticas oficiais anti-Aids. Para ilustrar sua colocação, ele expôs o seguinte:

Encore faut-il que celles-ci soit ciblées. Des exemples? Alors que les chiffres de l'épidémie privilégient clairement la piste africaine, rien n'est fait, selon Act Up, pour toucher cette population. Matongé, le quartier noir de Bruxelles, grouille de séropositifs. Et ceux-ci n'utilisent toujours pas le préservatif! Ne

¹⁹²DU BRULLE, Christian. Incendie dancing Matongue (Le Memphis) / spectre du racisme. Disponível em: <<https://plus.lesoir.be/art/d-19900525-W3NDJF?referer=%2Farchives%2Ffrecherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DApr%25C3%25A8s%25201%2527incendie%2520du%2520%25C2%25ABMemphis%25C2%25BB%252C%2520Matonge%2520%25C3%25A0%2520nouveau%2520en%2520%25C3%25A9bullition>>. Acesso em: 19/11/2018.

¹⁹³Ibid.

¹⁹⁴Ibid.

¹⁹⁵Ibid.

faudrait-il pas, d'urgence, briser les barrières culturelles qui les en empêchent?
(LE SOIR, 1990)

Uma frase de Pickles soa emblemática: “*gastar orçamento com campanhas de conscientização não é o suficiente*”¹⁹⁶.

A música zairiana e africana de forma geral representavam um contraste: na Bélgica, no início dos anos 1990, gozavam de um prestígio que seus compatriotas vivendo no país não usufruíam. Uma reportagem de abril de 1990, assinada por Jean-Marie Wynants e de título bastante sugestivo – “*Afrique musique, c'est chic*” – inicia-se com o seguinte parágrafo: “*Malgré les efforts de Peter Gabriel et de ses disciples, la World Music a bien du mal à passionner le grand public. Une exception de taille: la musique africaine qui semble parvenir à percer la carapace d'indifférence du monde occidental*”¹⁹⁷. No texto, feito para divulgar um programa que passaria na tv belga e celebraria a música africana, nomes como Mory Kante, Salif Keita, Youssou N'Dour e Alpha Blondy recebem destaque. Zairianos, Papa Wemba e Dieudonné Kabongo são citados em um parágrafo particular. Em março de 1991, outra reportagem divulga o lançamento de um documentário sobre a vida e obra de Manu Dibango. Camaronês, Dibango se mudou para Paris em 1949, aos 16 anos, quando, segunda a reportagem, a África e sua música ainda eram “exóticas” na Europa¹⁹⁸. Por isso, o artista só foi gravar um álbum solo em 1972, atingindo o reconhecimento mundial com a música “Soul Makossa” que lhe rendeu um show para uma platéia de 40.000 pessoas no *Yankee Stadium*, em Nova Iorque¹⁹⁹. Manu Dibango morou por 3 anos na Bélgica e se casou com uma belga, o que faz com que, neste artigo, o jornalista Jacques Onan traçasse uma crítica contra a condição dos casamentos inter-raciais na Europa e relativizasse os

¹⁹⁶ AGENCE FRANCE-PRESSE. 10 millions de bébés-sida combattre le sida en Belgique un nouveau groupe alternatif. Disponível em: <<http://www.lesoir.be/archive/d-19900926-W3MLRM?referer=%2Farchives%2Frecherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3D10%2520millions%2520de%2520bebes-sida%2520combattre%2520le%2520sida%2520en%2520Belgique%2520un%2520nouveau%2520groupe%2520alternatif>>. Acesso em: 16/05/2018.

¹⁹⁷ WYNANTS, Jean-Marie. *Afrique musique, c'est chic*. Disponível em: <<http://www.lesoir.be/archive/d-19900426-W3NKQ9?referer=%2Farchives%2Frecherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DAFRIQUE%2520MUSIQUE%2520CC%2527EST%2520CHIC>>. Acesso em: 16/05/2018.

¹⁹⁸ ONAN, Jacques. De la condition de negropolitain. Disponível em: <<http://www.lesoir.be/archive/d-19910309-W3LH77?referer=%2Farchives%2Frecherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DDe%2520la%2520condition%2520de%2520negropolitain>>. Acesso em: 16/05/2018.

¹⁹⁹ Ibid.

relacionamentos não-monogâmicos em África: “*Son mariage mixte, avec une belge, en fait un suspect en Europe et um drôle de zèbre monogame en Afrique*”²⁰⁰. Onan, seguindo a tendência da época, não mede esforços para demonstrar a importância da obra deste cantor africano: “*Manu Dibango n'est pas une star. Les stars noires mondiales sont américaines si l'on excepte Bob Marley. Ce n'est d'ailleurs pas sa demande. Juste qu'on le reconnaisse, si pas dans la rue, pour son travail*”²⁰¹.

Em 1992, mais um exemplo do prestígio do qual a música africana gozava na Bélgica no início da década de 1990: em uma reportagem que noticiava o acontecimento do festival *Couleur Café*, o jornalista Thierry Coljon se refere a Papa Wemba, que seria uma das atrações do evento, como “*nosso querido Papa Wemba*”, além de destacar que o cantor estava no topo das paradas de sucesso das rádios europeias de *world music*:

“Le lendemain, c'est notre cher Papa Wamba qui suppléera aux manquements de Salif Keita. Là aussi, c'est du tout cuit avec celui qui ne nous a jamais déçu. L'ambianceur des rues chaudes de Kinshasa et de d'XL-Matonge est en ce moment en tête du hit-parade européen des radios «world music». Son album, «Le Voyageur» (Realworld/Virgin), est un passeport pour tanguer ferme” (COLJON, 1992)

Durante o lapso temporal abarcado nesta pesquisa, a comunidade zairiana foi associada largamente a dois tipos de atividades criminosas. Entre o fim da década de 1980 e o início da década de 1990, uma série de pessoas vindas do Zaire estiveram nas manchetes do *Le Soir* por participarem de crimes “do colarinho branco” – delitos de ordem financeira: falsificação de cartões de crédito; fraudes para envio irregular de dinheiro ao exterior e saque. Os crimes não se mostraram isolados e logo foi descoberto que havia uma gangue especializada na falsificação de cartões de crédito e transferência postal²⁰² operando na Bélgica. Apesar da gangue não ser composta totalmente por zairianos, mas sim sua maioria (um carteiro belga que trabalhava na região do Matongé, foi pego desviando cartões de crédito enviados pelas operadoras por via postal a

²⁰⁰ ONAN, Jacques. De la condition de negropolitain. Disponível em: <<http://www.lesoir.be/archive/d-19910309-W3LH77?referer=%2Farchives%2F Recherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DDe%2520la%2520condition%2520de%2520negropolitain>>. Acesso em: 16/05/2018.

²⁰¹ Ibid.

²⁰² VAN DAMME, Guido. Escroquerie aux assignations postales. Disponível em: <https://plus.lesoir.be/art/d-19930206-W3FD0J?referer=%2Farchives%2F Recherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DEscroquerie%2520aux%2520assignations%2520postales#_ga=2.154823672.1347707519.1543946155-130356841.1543946154>. Acesso em: 25/11/2018.

membros da gangue, por exemplo²⁰³), ela foi apelidada com um nome que a associava à comunidade e ao país africano: “*Zairian Connection*”²⁰⁴. Depois, em meados de 1992, o Matongé foi tomado por uma verdadeira epidemia: o crack chegou à Bélgica. O grande centro de venda e consumo desta droga, um derivado da cocaína e de preço abaixo das demais, se estabeleceu no “quartirão africano”, na *rue Longue Vie*, entre seus cruzamentos com a *chaussée de Wavre* e a *rue de la Paix*²⁰⁵. O trecho, neste período, foi apelido de “corredor da morte”. Com a chegada do consumo da então nova droga, a criminalidade aumentou na região: índices de assaltos e roubos cresceram. Uma reportagem escrita por Jean Wouters em 1994 denunciava também as constantes brigas e agitações na área, que assustavam os moradores²⁰⁶. Um morador interpelado pelo jornalista discute sobre como um dos aspectos que podem ser interpretados como parte de um processo de marginalização da área – o estado de má conservação do bairro – estava contribuindo para o alastramento da epidemia do crack: “*Les immeubles se vident de leurs habitants, les propriétaires ne se soucient pas de leur bien et quand les maisons ne sont plus que des taudis, on les loue à des Africains. C'est honteux!*”²⁰⁷.

De início, a produção do entorpecente se dava no próprio Matongé, em laboratórios caseiros que eram presas fáceis à polícia. Com o passar do tempo, a produção começou a ficar mais sofisticada: uma técnica, a mistura da droga a vegetais congelados importados de outros países, foi muitas vezes utilizadas para manter o abastecimento do consumo local. Haviam, também, outras variações da cocaína que eram vendidas no bairro, como o “*caillou*”, chamado por muitos de “*youcs*”²⁰⁸.

²⁰³WILMOTTE, Thierry. Des dizaines de victimes a Bruxelles un postier traquait les cartes de credit dans le courrier. Disponível em: < https://plus.lesoir.be/art/d-19911205-W3JK6A?referer=%2Farchives%2Frecherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2Basc%26start%3D490%26word%3DTHIERRY%2BWILMOTTE#_ga=2.74531026.1347707519.1543946155-130356841.1543946154 >. Acesso em: 25/11/2018.

²⁰⁴Ibid.

²⁰⁵WOUTERS, Jean. Autopsie de la rue Longue-vie. Disponível em: < https://plus.lesoir.be/art/d-19940125-W3CNY6?referer=%2Farchives%2Frecherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2Basc%26start%3D10%26word%3DAutopsie%2Bde%2Bla%2Brue%2BLongue-vie#_ga=2.180372455.1347707519.1543946155-130356841.1543946154 >. Acesso em: 25/11/2018.

²⁰⁶Ibid.

²⁰⁷Ibid.

²⁰⁸VUILLE, Nicolas. Une trentaine de personnes arretees operation anti-crack a Bruxelles. Disponível em: < <https://plus.lesoir.be/art/d-19931130-W3D36J?referer=%2Farchives%2Frecherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DUne%2520trentaine%2520de%2520personnes%2520arretees%2520operation%2520anti->

Em 1994 assumiu como prefeito de Bruxelas Yves De Jonghe. O político, que esteve à frente da comuna de Ixelles e defendeu o Matongé em um dos incidentes que geraram muita tensão entre a comunidade africana e os *gendarmes* no início da década de 1990, chegou à prefeitura da capital belga prometendo limpar sua cidade de tudo que a depreciava²⁰⁹. De Jonghe começou uma política de frequentes operações policiais e de vigilância sanitária, além de impor aos bairros da cidade o fim do barulho em bares e estabelecimentos à 1 da manhã²¹⁰. A primeira operação deste tipo em seu mandato, noticiada em 25 de janeiro de 1994 pelo *Le Soir*, ocorreu na vizinhança de *place du Châtelain*; o prefeito fez questão de frisar que o fato do Matongé não ter sido o primeiro destino provava a todos que ele não era racista. No entanto, sua opinião sobre a região e sobre os zairianos transbordava estereótipos: “*Bien sûr qu'il y a encore des tas de gens bien à Matonge. Vous savez, le Zaïrois est convivial, il vit la nuit et il aime faire la fête. Moi aussi, mais il y a des limites*”²¹¹. A fama que o quarteirão tinha de ser uma região jovem e festeira, além da crescente no consumo do crack, com o passar do tempo, fez com que ele viesse a ser alvo de cada vez mais frequentes operações policiais, de vigilância sanitária e de controle migratório, causando uma nova escalada de tensão entre as autoridades e a comunidade imigrante africana. Em setembro de 1994, uma operação de controle sanitário conduzida em diversas galerias da região do Matongé em um final de tarde de quarta-feira terminou com tumulto e tiros de advertência disparados pela polícia. No total, foram 17 estabelecimentos visitados, estando apenas 4 deles com todas as licenças e permissões de funcionamento regulares. No arrasto desta operação, 150 verificações de documentos foram feitas e 8 pessoas foram fichadas por estarem em situação migratória ilegal²¹².

crack%2520a%2520Bruxelles#_ga=2.78778324.1347707519.1543946155-130356841.1543946154 >. Acesso em: 25/11/2018.

²⁰⁹VANTROYEN, Jean-Claude. Yves de Jonghe, nettoyeur en chef d'Ixelles. Disponível em: < https://plus.lesoir.be/art/d-19940125-W3CNXM?referer=%2Farchives%2F Recherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3D%2520Jean-Claude.Yves%2520de%2520Jonghe%2520C%2520nettoyeur%2520en%2520chef%2520d%2520Ixe lles#_ga=2.184231910.1347707519.1543946155-130356841.1543946154 >. Acesso em: 25/11/2018.

²¹⁰Ibid.

²¹¹Ibid.

²¹²LE SOIR. Des coups de semonce ont été tirés lors de contrôles policiers à Ixelles le quartier de Matonge en émoi mercredi soir. Disponível em: < <https://plus.lesoir.be/art/d-19940922-W3A3LA?referer=%2Farchives%2F Recherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26w>

Cerca de 2 meses após o incidente relatado, outra operação do tipo acabou saindo do controle no Matongé. Dois agentes da *gendarmérie*, que estavam vigiando uma loja de roupas íntimas femininas, desconfiados, resolveram entrar na loja e verificar o local. Entrando, flagraram o responsável pelo estabelecimento e uma outra pessoa negociando mercadorias roubadas. Na porta da loja, inicialmente, 30 curiosos se aglomeraram ao perceberem a ação²¹³. Quando os agentes tentaram sair com os infratores algemados de dentro da loja, cerca de 200 pessoas se abarrotavam em frente às vitrines, impedindo que os *gendarmérie* os levassem²¹⁴. Havendo um varejão próximo a loja de moda íntima, as pessoas do lado de fora da loja começaram a pegar cocos que ali estavam à venda e jogar na direção dos agentes. A situação só foi controlada por dois motivos: um terceiro *gendarmérie* chegou para ajudar seus colegas e o fim dos itens arremessáveis no varejão²¹⁵.

No fim da década de 1990, as páginas do *Le Soir* trouxeram luz a mais um dos múltiplos desdobramentos decorrentes de toda a complexidade que formava o fenômeno da imigração africana à Bélgica: o país recebeu um grande número de refugiados provenientes de Ruanda, pessoas afetadas pelo genocídio ocorrido em 1994²¹⁶; dentre os que vieram estavam Hutus, maioria étnica da qual os promotores do genocídio faziam parte, e Tutsis, minoria étnica da qual a maior parte das vítimas do genocídio faziam parte; Tutsis, mesmo refugiados na Bélgica, começaram a sofrer ameaças e preconceito

ord%3DDes%2520coups%2520de%2520semonce%2520ont%2520ete%2520tires%2520lors%2520de%2520controles%2520policiers%2520a%2520Ixelles%2520le%2520quartier%2520de%2520Matonge%2520en%2520emoi%2520mercredi%2520soir#_ga=2.75587797.1347707519.1543946155-130356841.1543946154 >. Acesso em: 25/11/2018.

²¹³VAN VAERENBERGH, Oliver. Serieuse altercation a Matonge a coups de noix de coco contre la police. Disponível em: < https://plus.lesoir.be/art/d-19941112-W39QRZ?referer=%2Farchives%2Frecherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26w%26ord%3DSerieuse%2520altercation%2520a%2520Matonge%2520a%2520coups%2520de%2520noix%2520de%2520coco%2520contre%2520la%2520police#_ga=2.142739445.1347707519.1543946155-130356841.1543946154 >. Acesso em: 25/11/2018.

²¹⁴Ibid.

²¹⁵Ibid.

²¹⁶LE SOIR. La peur des génocidaires hante la communauté tutsi: la difficile cohabitation entre réfugiés rwandais. Disponível em: < https://plus.lesoir.be/art/d-19980404-W2Z988?referer=%2Farchives%2Frecherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26w%26ord%3DLa%2520peur%2520des%2520g%25C3%25A9nocidaires%2520hante%2520la%2520communaut%25C3%25A9%2520tutsi%253A%2520la%2520difficile%2520cohabitation%2520entre%2520r%25C3%25A9fugi%25C3%25A9s%2520rwandais#_ga=2.185164009.1347707519.1543946155-130356841.1543946154 >. Acesso em: 25/11/2018.

explícito de Hutus. O jornal conta o caso de Augustine, Tutsi que, um dia, enquanto tomava cerveja com o marido e amigos no Mantongé, foi ameaçada por um Hutu:

“Soudain un type s'est penché vers moi, raconte-t-elle, et m'a dit en kinyarwanda: «Vous avez essayé de fuir mais on va vous tuer ous». C'était un Hutu. J'ai eu l'impression que mon coeur cessait de battre. Je lui ai fait répéter ce qu'il venait de dire. Il a ajouté: «On n'en a pas tué assez. Dommage que la Belgique vous ait accueillis.» Je l'ai empoigné. Mon mari, belge, a dû s'interposer entre nous” (LE SOIR, 1998)

Aquela não era primeira vez que Agostine passava por isso na Bélgica. Na mesma reportagem ela narra uma situação de injúria que sofreu em Anderlecht:

“Augustine a encore vécu à deux autres reprises des menaces de ce genre. Au marché d'Anderlecht, un couple s'est planté devant moi. Le type a dit: Tu as vu la Tutsi? . La femme a répondu: Ça existe encore? On ne les achèvera donc jamais?” (LE SOIR, 1998)

Fato é que conflitos étnicos começavam não só a transparecer entre a comunidade ruandesa, mas dentre toda a comunidade africana no país. Isso se comprova quando, a mesma reportagem, traz o relato de um caso ocorrido no bairro de Sainte-Marguerite, na cidade de Liège: um rapaz, proveniente do Burundi, matou, com uma arma, a ex-companheira, 2 pessoas que estavam com ela no momento do ataque e, posteriormente, tirou sua própria vida. O que se descobriu depois foi que o feminicídio não tinha fundo apenas em questões de gênero: o rapaz havia mentido para a moça e para outros membros de sua etnia²¹⁷. As autoridades de Liège, na reportagem, admitem terem percebido um aumento das queixas sobre problemas étnicos²¹⁸, mas fica claro que as instituições belgas ainda se adaptavam a existência de crimes deste caráter.

²¹⁷LE SOIR. La peur des génocidaires hante la communauté tutsi: la difficile cohabitation entre réfugiés rwandais. Disponível em: < https://plus.lesoir.be/art/d-19980404-W2Z988?referer=%2Farchives%2F Recherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26w ord%3DLa%2520peur%2520des%2520g%25C3%25A9nocidaires%2520hante%2520la%2520communaut %25C3%25A9%2520tutsi%253A%2520la%2520difficile%2520cohabitation%2520entre%2520r%25C3%25A9fugi%25C3%25A9s%2520rwandais#_ga=2.185164009.1347707519.1543946155-130356841.1543946154 >. Acesso em: 25/11/2018.

²¹⁸Ibid.

5 CONCLUSÕES FINAIS

No início da rotina de pesquisa, de cara, deparei-me com um desafio prático: a existência de diferentes grafias para a palavra Mantongé (“Matongué”, “Matongue”, “Matonge”), muitas vezes escrita de forma distinta dentro de um próprio artigo. Com o correr do trabalho, foi possível identificar que “Matongé” estava mais identificado com reportagens que tratavam do bairro de Bruxelas, e “Matongué” com notícias que falavam de Kinshasa e a antiga República do Zaire de forma geral. No fim, por perceber que o retorno à pesquisa, dentro do site do Le Soir, exibia muito mais resultados e resultados muito mais identificados com o tema da dissertação, defini que “Matongé” seria a palavra-chave. Digitando-se a palavra-chave no campo de busca dentro do site do jornal belga, recebe-se um retorno de 962 artigos contendo algum tipo de menção ao termo; fazendo uma seleção de acordo com o período temporal que esta dissertação abarca e com os critérios estabelecidos pela metodologia, 26 artigos foram utilizados para a feitura de uma análise do discurso construído pelo Le Soir sobre a diáspora congoleza para a Bélgica e que, conseqüentemente, permitiu que se pudesse olhar, de forma concreta, o imaginário belga acerca da imigração congoleza.

Após a análise dos arquivos do jornal Le Soir, é possível perceber que a relação entre a sociedade belga e a comunidade congoleza presente no país, durante os anos compreendidos entre 1989 e 2000, foi marcada por estranhamento e exotização, fatores que, em muitas ocasiões, desencadearam em atitudes racistas. É visível que estas 3 variantes se faziam presentes tanto na sociedade civil, quanto na esfera governamental.

A figura de M. Bliard pode ser dada como exemplo do estranhamento e exotização que havia no seio da sociedade civil. Ele, que era o presidente do conselho de administração da Gallerie Ixelles, dizia que aquela era a galeria mais exótica da Bélgica e empregava vigilância contra africanos que não se enquadrassem nos padrões comportamentais ocidentais: segundo ele, alguns congolezes eram melhores que outros no quesito disciplina.

Já na esfera governamental, a exotização e estranhamento dos imigrantes congolezes e africanos, de forma mais ampla, pode ser enxergada através das falas e atitudes do ministro Louis Tobback ou do prefeito Yves de Jonghe d'Ardoye.

Tobback, após um dos muitos episódios que expuseram a conturbada relação que havia entre os imigrantes africanos frequentadores da Galerie Ixelles e a *gendarmerie*, preferiu fechar os olhos às denúncias de abusos e excessos de que estes agentes públicos, responsáveis pelo controle migratório, eram alvos e ainda acusou diplomatas zairianos, que estavam no Matongé, de serem agitadores. Já d'Ardoye, conduziu uma política de constantes ações de controle da vigilância sanitária que, muitas vezes, eram acompanhadas por operações de controle imigratório.

Pode-se pensar também, através da fala carregada de estigma do engraxate espanhol que trabalhava em uma das esquinas do Matongé, em uma cisão na sociedade belga, entre brancos e não brancos, ou então, dentro da população imigrante, daqueles que são vistos como ocidentais e os não ocidentais: *“Un exotisme qui ne dérange nullement le cordonnier espagnol installé à l'angle de la chaussée d'Ixelles. Les Noirs mettent aussi des chaussures. Ils constituent un tiers de ma clientèle. Parfois, ils marchendent ou il leur manque 20 F. Mais à part ça, tout va bien”*²¹⁹

Os arquivos revelam uma rotina de abusos por parte das autoridades migratórias, e uma saturação dos equipamentos sociais responsáveis por atenderem imigrantes, refugiados e asilados: por exemplo, em 15 de março de 1991, o CPAS da comuna de Nivelles estava encarregada de 355 refugiados, enquanto, pelo cálculo de cotas, deveria estar cuidando de, no máximo, 306 refugiados²²⁰; no mesmo ano, na comuna de Ixelles, onde fica o Matongé, cada funcionário do serviço de atendimento de estrangeiros tinha 7 minutos e 30 segundos para atender cada um que chegava ao posto, com uma cota de 40 pessoas assistidas por dia²²¹.

²¹⁹LAMENSCH, Michelle. A Matongue-Ixelles, la galerie. Disponível em: <<http://www.lesoir.be/archive/d-19900122-W3P5D4?referer=%2Farchives%2F Recherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2Basc%26start%3D210%26word%3DMichelle%2BLamensch>>. Acesso em: 16/05/2018.

²²⁰MOREU, C.; PIERRE, P.; SCHOUNE, C. Accueil des réfugiés: oui, mais... (I) Itinéraire de khmers... wavriens 30 pays 27 communes le parcours du combattant K, somalien. Disponível em:

<<https://plus.lesoir.be/art/d-19910316-W3LFJJ?referer=%2Farchives%2F Recherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DACCUEIL%2520DES%2520REFUGIES%253A%2520OUI%2520MAIS...%2528I%2529%2520ITINERAIRE%2520DE%2520KHMERS...%2520WAVRIENS%252030%2520PAYS%252027%2520COMMUNES%2520LE%2520PARCOURS%2520DU%2520COMBATTANT%2520K%2520C%2520SOMALIEN%2520EN%2520>>. Acesso em: 19/11/2018.

²²¹BOURTON, William. Inflation de quemandeurs au service de etrangres d'Ixelles une demande par 7 minutes 30 secondes, pas plus. Disponível em: <<https://plus.lesoir.be/art/d-19911109-W3JQUd?referer=%2Farchives%2F Recherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26w>>.

Policy makers e as políticas públicas belgas demonstram, no período estudado, uma total falta de consideração de carateres interseccionais dentro dos ciclos de políticas públicas no país. Isto pode ser constatado através de:

a) das dificuldades orçamentárias encontradas pelas CPAS: *“La Santé publique rembourse dès lors intégralement le montant correspondant au minimex (mais certaines communes accordent une somme moindre au réfugié...), les frais d'affiliation et de cotisation à une mutuelle, frais médicaux... Toutefois, précise-t-on dans plusieurs CPAS, ce remboursement se fait parfois attendre et le surcroît de frais de fonctionnement que provoque l'arrivée de réfugiés reste à charge des finances communales. Une fois reconnu, ou après cinq ans de résidence dans la commune, le réfugié, inscrit alors au registre de la population, pourra, s'il n'a pas trouvé de travail, bénéficier du minimex remboursé à 50 % par l'État. Dans la pratique, un certain flou demeure et, CPAS et commune se renvoyant souvent la balle [...]”*(MOREAU et al., 1991);

b) da falta de políticas mais adequadas para a integração de estrangeiros: a integração era mais fácil apenas em municípios onde eram ofertados cursos de línguas, onde o estrangeiro já tinha uma rede de contatos ou então em localidades que tinham conexão com a capital, Bruxelas²²²;

c) do insucesso das políticas desenvolvidas para o combate das epidemias de crack e AIDS: Antoine Pickles, representante da unidade de Bruxelas da ONG Act Up, afirmou que a maior motivação para a união dele e de outras pessoas para abrirem a sucursal belga da organização havia sido o insucesso das políticas oficiais anti-Aids; ele ainda crivou que *“gastar orçamento com campanhas de conscientização não é o suficiente”*²²³;

ord%3DINFLATION%2520DE%2520QUEMANDEURS%2520AU%2520SERVICE%2520DES%2520ETRANGERS%2520D%2527IXELLES%2520UNE%2520DEMANDE%2520PAR%25207%2520MINUTE%252030%2520SECONDES%2520C%2520PAS%2520PLUS>. Acesso em: 19/11/2018.

²²²MOREAU, C.; PIERRE, P.; SCHOUNE, C. Accueil des réfugiés: oui, mais... (I) Itineraire de khmers... wavriens 30 pays 27 communes le parcours du combattant K, somalien. Disponível em: <<https://plus.lesoir.be/art/d-19910316-W3LFJJ?referer=%2Farchives%2Fcherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DACCUEIL%2520DES%2520REFUGIES%253A%2520OUI%2520MAIS...%2528I%2529%2520ITINERAIRE%2520DE%2520KHMERS...%2520WAVRIENS%252030%2520PAYS%252027%2520COMMUNES%2520LE%2520PARCOURS%2520DU%2520COMBATTANT%2520K%2520C%2520SOMALIEN>>. Acesso em: 19/11/2018.

²²³AGENCE FRANCE-PRESSE. 10 millions de bébés-sida combattre le sida en Belgique un nouveau groupe alternatif. Disponível em: <<http://www.lesoir.be/archive/d-19900926->

d) do despreparo das autoridades de segurança para lidarem com crimes de caráter étnico, que floresciam junto com o aumento do fluxo de refugiados e asilados provenientes da África Central, e, em um espectro mais amplo, de toda a África Subsaariana: Tutsis, principais vítimas do genocídio ocorrido em Ruanda em 1994, mesmo refugiados na Bélgica, no fim da década de 1990, ainda sofriam ameaças e preconceito explícito de Hutus, responsáveis pelo genocídio. O jornal conta o caso de Augustine, Tutsi que, um dia, enquanto tomava cerveja com o marido e amigos no Mantongé, foi ameaçada por um Hutu - *“Soudain un type s'est penché vers moi, raconte-t-elle, et m'a dit en kinyarwanda: «Vous avez essayé de fuir mais on va vous tuer ous». C'était un Hutu. J'ai eu l'impression que mon coeur cessait de battre. Je lui ai fait répéter ce qu'il venait de dire. Il a ajouté: «On n'en a pas tué assez. Dommage que la Belgique vous ait accueillis.» Je l'ai empoigné. Mon mari, belge, a dû s'interposer entre nous”* (LE SOIR, 1998); na cidade de Liège, um rapaz proveniente do Burundi matou a ex-companheira e outras 2 pessoas e depois tirou sua própria vida. O que se descobriu foi que o feminicídio não tinha fundo apenas em questões de gênero, mas também estava emaranhado em questões étnicas²²⁴. As autoridades de Liège, à época, admitiram terem percebido um aumento das queixas sobre problemas étnicos²²⁵, mas fica claro que as instituições belgas ainda se adaptavam a existência de crimes deste caráter.

Entre 1989 e 2000, a única coisa de origem congoleza que parecia ter o respeito e a admiração dos belgas era a música, especialmente a feita por Papa Wemba: ao contrário de seus compatriotas, que eram comumente associados ao crime e a imigração ilegal, Wemba era visto como um ídolo no país. Em uma reportagem que noticiava o acontecimento da edição de 1992 do festival *Couleur Café*, o jornalista Thierry Coljon se refere a Papa Wemba, que seria uma das atrações do evento, como *“nosso querido Papa*

W3MLRM?referer=%2Farchives%2Frecherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3D10%2520millions%2520de%2520bebes-sida%2520combattre%2520le%2520sida%2520en%2520Belgique%2520un%2520nouveau%2520groupe%2520alternatif>. Acesso em: 16/05/2018.

²²⁴LE SOIR. La peur des génocidaires hante la communauté tutsi: la difficile cohabitation entre réfugiés rwandais. Disponível em: < https://plus.lesoir.be/art/d-19980404-W2Z988?referer=%2Farchives%2Frecherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DLa%2520peur%2520des%2520g%25C3%25A9nocidaires%2520hante%2520la%2520communaut%25C3%25A9%2520tutsi%253A%2520la%2520difficile%2520cohabitation%2520entre%2520r%25C3%25A9fugi%25C3%25A9s%2520rwandais#_ga=2.185164009.1347707519.1543946155-130356841.1543946154 >. Acesso em: 25/11/2018.

²²⁵Ibid.

Wemba”, além de destacar que o cantor estava no topo das paradas de sucesso das rádios européias de *world music*. Manu Dibango, camaronês que viveu na Bélgica e casou-se com uma belga, também era uma figura reverenciada: “*Manu Dibango n'est pas une star. Les stars noires mondiales sont américaines si l'on excepte Bob Marley. Ce n'est d'ailleurs pas sa demande. Juste qu'on le reconnaisse, si pas dans la rue, pour son travail*”²²⁶.

²²⁶ONAN, Jacques. De la condition de negropolitain. Disponível em: <<http://www.lesoir.be/archive/d-19910309-W3LH77?referer=%2Farchives%2F Recherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DDe%2520la%2520condition%2520de%2520negropolitain>>. Acesso em: 16/05/2018.

REFERÊNCIAS

AGENCE FRANCE-PRESSE. 10 millions de bébés-sida combattre le sida en Belgique un nouveau groupe alternatif. Disponível em: <<http://www.lesoir.be/archive/d-19900926-W3MLRM?referer=%2Farchives%2Frecherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3D10%2520millions%2520de%2520bebes-sida%2520combattre%2520le%2520sida%2520en%2520Belgique%2520un%2520nouveau%2520groupe%2520alternatif>>. Acesso em: 16/05/2018.

AZEVEDO, A. M. África, diáspora e o Mundo Atlântico na modernidade: perspectivas historiográficas. Cad. Pesq. Cdhis, Uberlândia, v.23, n.2, jul./dez. 2010.

BBC. Explore DR Congo in maps and graphs. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/world-africa-15722799>>. Acesso em: 24/ 01/ 2019.

BOURTON, William. Inflation de quemandeurs au service de etrangres d'Ixelles une demande par 7 minutes 30 secondes, pas plus. Disponível em: <<https://plus.lesoir.be/art/d-19911109-W3JQUD?referer=%2Farchives%2Frecherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DINFLATION%2520DE%2520QUEMANDEURS%2520AU%2520SERVICE%2520DES%2520ETRANGERS%2520D%2527IXELLES%2520UNE%2520DEMANDE%2520PAR%25207%2520MINUTES%252030%2520SECONDES%2520C%2520PAS%2520PLUS>>. Acesso em: 19/11/2018.

BOURTON, William. Matonge n'est pas le ghetto noir de Bruxelles. Disponível em: <https://plus.lesoir.be/art/d-19961118-W33FNV?referer=%2Farchives%2Frecherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DMatonge%2520n%25C2%25B4est%2520pas%2520le%2520ghetto%2520noir%2520de%2520Bruxelles#_ga=2.138431091.1347707519.1543946155-130356841.1543946154>. Acesso em: 25/11/2018.

BRAECKMAN, Colette. L'austérité au Zaïre. Disponível em: <http://www.lesoir.be/archive/d-19881124-W3RAUZ?referer=%2Farchives%2Frecherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DL%2527aust%25C3%25A9rit%25C3%25A9%2520au%2520Za%25C3%25AFre_o%25C3%25B9%2520l%2527argent%2520reste_le%2520ciment%2520du%2520pouvoir>. Acesso em: 16/05/2018.

BRAECKMAN, Colette. Quelque 250 étudiants zaïrois. Disponível em: <<http://www.lesoir.be/archive/d-19890225-W3QV1C?referer=%2Farchives%2Frecherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DQuelque%2520250%2520%25C3%25A9tudiants%2520za%25C3%25AFrois>>. Acesso em: 16/05/2018.

CIA. Congo, Democratic Republic of the. Disponível em: <
<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/cg.html>>. Acesso em:
 24/ 01/ 2019.

COLJON, Thierry. Les halles de Schaerbeek avant travaux quels travaux?. Disponível em: <<https://plus.lesoir.be/art/d-19920624-W3H20Z?referer=%2Farchives%2Frecherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2Basc%26start%3D40%26word%3Dmatonge>>. Acesso em: 19/11/2018.

CORNEVIN, Robert. Le Zaïre. Paris: Presses Universitaires de France, 1972.

CRENSHAW, Kimberlé Williams. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color. *Stanford Law Review* 43(6), 1991, p. 1241–99.

DEMART, Sarah. Congolese Migration to Belgium and Postcolonial Perspectives. *African Diaspora*, n. 06, p. 01-20, jun. 2013 . Disponível em
 <http://booksandjournals.brillonline.com/docserver/18725465/6/1/18725465_006_01_s001_text.pdf?expires=1532712834&id=id&accname=guest&checksum=9D21A8E3A6EC84A5EEB5E447E2078A6E>. Acesso em: 24 jul. 2018.

DEMART, Sarah; BODEUX, Leïla. Postcolonial stakes of Congolese (DRC) political space: 50 years after independence. *African Diaspora*, n. 06, p. 72-96, jun. 2013. Disponível em
 <<http://booksandjournals.brillonline.com/content/journals/10.1163/18725457-12341242>>. Acesso em: 24 jul. 2018.

DOUGLAS, Mary. Os Lele revisitados, 1987 acusações de feitiçaria à solta. *Mana*, Rio de Janeiro , v. 5, n. 2, p. 07-30, Out. 1999 . Disponível em:
 <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131999000200001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 31 jul. 2018.

DUBUISSON, Martine. Quartier Matonge à Ixelles: diplomates zaïroise “agitateurs”?. Disponível em: <
https://plus.lesoir.be/art/d-19900203-W3P3CE?referer=%2Farchives%2Frecherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DQuartier%2520Matonge%2520%25C3%25A0%2520Ixelles%253A%2520diplomates%2520za%25C3%25AFrois%2520%25C2%25ABagitateurs%25C2%25BB#_ga=2.108662338.1347707519.1543946155-130356841.1543946154>. Acesso em: 16/05/2018.

DU BOIS, William Edward Burghardt. As almas da gente negra. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1999.

DU BRULLE, Christian. Incendie dancing Matongue (Le Memphis) / spectre du racisme. Disponível em: <<https://plus.lesoir.be/art/d-19900525-W3NDJF?referer=%2Farchives%2Frecherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate>>

e%2520asc%26word%3DApr%25C3%25A8s%2520l%2527incendie%2520du%2520%25C2%25ABMemphis%25C2%25BB%252C%2520Matonge%2520%25C3%25A0%2520nouveau%2520en%2520%25C3%25A9bullition>. Acesso em: 19/11/2018.

DU BRULLE, Christian. Nouvel incident a “Matonge”. Disponível em: <<https://plus.lesoir.be/art/d-19900123-W3P560?referer=%2Farchives%2Ffrecherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DNOUVEL%2520INCIDENT%2520A%2520%2522MATONGE%2522>>. Acesso em: 19/11/2018.

EVANS, Peter. O Estado como problema e solução. Lua Nova, São Paulo, n. 28-29, p. 107-157, Abr. 1993. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451993000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 09/07/2018.

FABIAN, Johannes. Moments of Freedom: Anthropology and Popular Culture. Charlottesville: University Press of Virginia, 1998.

FLAHAUX, Marie-Laurance; SCHOU MAKER, Bruno. Democratic Republic of the Congo: a migration history marked by crises and restrictions. Disponível em <<https://www.migrationpolicy.org/article/democratic-republic-congo-migration-history-marked-crises-and-restrictions>>. acesso em 24 jul. 2018.

FURTADO, Celso. Subdesenvolvimento e estagnação na América Latina. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966.

GÉRARD, Alain; DEWEZ, Alain. A Matonge, la nuit, tous les chats sont noirs... un regard different sur un quartier a la derive project “Eureal” abandonne... Disponível em: <https://plus.lesoir.be/art/d-19941117-W39PVR?referer=%2Farchives%2Ffrecherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DA%2520Matonge%252C%2520la%2520nuit%252C%2520tous%2520les%2520chats%2520sont%2520noirs#_ga=2.113910343.1347707519.1543946155-130356841.1543946154>. Acesso em: 19/11/2018.

GETTLEMAN, Jeffrey. The price of precious. Disponível em: <<http://ngm.nationalgeographic.com/2013/10/conflict-minerals/gettleman-text>>. Acesso em: 31/05/2016.

GLYNN, Dearbhla. Congo war: 48 women raped every hour at height of conflict. Disponível em: <<http://www.irishtimes.com/news/world/africa/congo-war-48-women-raped-every-hour-at-height-of-conflict-1.2629444>>. Acesso em: 31/05/2016.

GONDOLA, Charles Didier. Popular Music, Urban Society, and Changing Gender Relations in Kinshasa, Zaire (1950-1990). In Grosz-Ngate, M. and O. H. Kokole (eds.), Gendered Encounters: Challenging Cultural Boundaries and Social Hierarchies in Africa. New York: Routledge, 1997.

HONORATO, F. A. Escravidão, Exclusão e Desigualdade: um olhar sobre o negro no Brasil. 2014. 49f. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado em gestão de políticas públicas) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

KENT, John. Descolonização e Guerra Fria: a ONU, os Estados Unidos e a crise do Congo (1960-1963). *Relações Internacionais*, Lisboa, n. 30, p. 39-59, jun. 2011. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-91992011000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 27 jul. 2018.

KOPYTOFF, Igor. *The African Frontier. The Reproduction of Traditional African Societies*. Indianapolis: Indiana University Press, 1989.

LAMENSCH, Michelle. A Matongue-Ixelles, la galerie. Disponível em: <<http://www.lesoir.be/archive/d-19900122-W3P5D4?referer=%2Farchives%2Ffrecherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2Basc%26start%3D210%26word%3DMichelle%2BLamensch>>. Acesso em: 16/05/2018.

LE SOIR. Des coups de semonce ont été tirés lors de contrôles policiers à Ixelles le quartier de Matonge en émoi mercredi soir. Disponível em: <https://plus.lesoir.be/art/d-19940922-W3A3LA?referer=%2Farchives%2Ffrecherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DDes%2520coups%2520de%2520semonce%2520ont%2520ete%2520tires%2520lors%2520de%2520contrôles%2520policiers%2520a%2520Ixelles%2520le%2520quartier%2520de%2520Matonge%2520en%2520emoi%2520mercredi%2520soir#_ga=2.75587797.1347707519.1543946155-130356841.1543946154>. Acesso em: 25/11/2018.

LE SOIR. La peur des génocidaires hante la communauté tutsi: la difficile cohabitation entre réfugiés rwandais. Disponível em: <https://plus.lesoir.be/art/d-19980404-W2Z988?referer=%2Farchives%2Ffrecherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DLa%2520peur%2520des%2520g%25C3%25A9nocidaires%2520hante%2520la%2520communaut%25C3%25A9%2520tutsi%253A%2520la%2520difficile%2520cohabitation%2520entre%2520r%25C3%25A9fugi%25C3%25A9s%2520rwandais#_ga=2.185164009.1347707519.1543946155-130356841.1543946154>. Acesso em: 25/11/2018.

LUKAKU, Romelu. I've got some things to say. Disponível em: <<https://www.theplayertribune.com/en-us/articles/romelu-lukaku-ive-got-some-things-to-say>>. Acesso em 14 de julho de 2018.

MABEKO-TALI, Jean-Michel. Considerações sobre o despotismo colonial, e a gestão centralizada da violência no Império colonial francês. *Varia hist.*, Belo Horizonte, v. 29, n. 51, p. 745-770, Dez. 2013. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752013000300006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 31 July 2018.

MAMDANI, Mahmood. When Victims Become Killers. Colonialism, Nativism, and the Genocide in Rwanda. Princeton: Princeton University Press, 2002.

MARTIN, Phyllis M. Leisure and Society in Colonial Brazzaville. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

MBEMBE, Achille. Crítica da Razão Negra. Lisboa: Editora Antígona, 2014.

MEDIADEM. European Media Policies Revisited: Valuing and Reclaiming Free and Independent Media in Contemporary Democratic Systems. 2010.

MERRIAM, Alan P. Congo. Rio de Janeiro: Editora Letras e Artes, 1963.

MERTENS, J., et al. A New Floor For The Silenced? Congolese hip-hop in Belgium. Social Transformations, v. 1, n. 1, p. 87-113, fev.2013.

METDEPENNINGEN, Marc. Ambassadeur ACP apres Matongue. Disponível em: <<https://plus.lesoir.be/art/d-19900207-W3P2TX?referer=%2Farchives%2Fcherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DAMBASADEUR%2520ACP%2520APRES%2520MATONGUE>>. Acesso em: 19/11/2018.

MINER, Horace. Ritos Corporais entre os Nacirema. Disponível em <poars1982.files.wordpress.com/2008/03/nacirema.doc> Acesso em: 29/04/2016.

MOREU, C.; PIERRE, P.; SCHOUNE, C. Accueil des refugies: oui, mais... (I) Itineraire de khmers... wavriens 30 pays 27 communes le parcours du combattant K, somalien. Disponível em: <<https://plus.lesoir.be/art/d-19910316-W3LFJJ?referer=%2Farchives%2Fcherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DACCUEIL%2520DES%2520REFUGIES%253A%2520OUI%2520MAIS...%2528I%2529%2520ITINERAIRE%2520DE%2520KHMERS...%2520WAVRIENS%252030%2520PAYS%252027%2520COMMUNES%2520LE%2520PARCOURS%2520DU%2520COMBATTANT%2520K%2520C%2520SOMALIEN>>. Acesso em: 19/11/2018.

MUDIMBE, V. Y. A invenção de África: gnose, filosofia e a ordem do conhecimento. Ramada: Edições Pedago, 2013.

MUNANGA, Kabengelê. A República Democrática do Congo - RDC. Disponível em: <<http://www.casadasafricas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/09/A-Republica-Democratica-do-Congo.pdf>>. Acesso em: 12/ 03/ 2016.

NABUCO, Joaquim. O Abolicionismo. Rio de Janeiro: Edições Best Bolso, 2010.

OGOT, Allan B. (Org). História Geral da África, V: África do Século XVI ao Século XVII. Brasília: UNESCO, 2010.

OLIVA, A. R. Lições sobre a África: diálogos entre as representações dos africanos no imaginário ocidental e o ensino da história da África no Mundo Atlântico (1990-2015). 2007. 404f. Tese (doutorado em história social) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

ONAN, Jacques. De la condition de negropolitain. Disponível em: <<http://www.lesoir.be/archive/d-19910309-W3LH77?referer=%2Farchives%2F Recherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DDe%2520la%2520condition%2520de%2520negropolitain>>. Acesso em: 16/05/2018.

PRATT, Mary L. Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação. Bauru: EDUSC, 1999.

QUENTIN, S. Etude de La Migration Congolaise et de Son Impact sur La Presence Congolaise en Belgique: Analyse des principaux données démographiques. Groupe d'étude de Démographie Appliquée e Centre pour l'égalité des chances et la lutte contre le racisme, 2010.

ROBERT, François. Ixelle veut calmer les esprits trop échauffés par Matonge. Disponível em: < <https://plus.lesoir.be/art/d-19900127-W3P4GN?referer=%2Farchives%2F Recherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DIXelles%2520veut%2520calmer%2520les%2520esprits%2520trop%2520%25C3%25A9chauff%25C3%25A9s%2520par%2520Matonge> >. Acesso em: 16/05/2018.

SCHOUMAKER, B.; VAUSE, S.; MANGALU, J. Political turmoil, economic crisis and international migration in DR Congo: evidence from event-history data (1975-2007). In: KUROSU, S.; BENGTTSSON, T.; CAMPBELL, C. (Eds). Demographic responses to economic and environmental crisis. Kashiwa: Reitaku University, 2010.

SENGUPTA, Somini. Bodies of two U.N. researchers are found in a shallow grave in Congo. Disponível em: < https://www.nytimes.com/2017/03/28/world/africa/missing-un-experts-congo.html?rref=collection%2Fsectioncollection%2Fafrica&_r=0>. Acesso em: 16/05/2017.

SOUTH AFRICAN HISTORY ON LINE. Kingdom of Kongo. Disponível em: < https://www.sahistory.org.za/sites/default/files/article_image/mercator_congo_map.jpg >. Acesso em: 24/ 01/ 2019.

The British Museum. The Wealth of Africa: The Kingdom of Kongo. Disponível em: <https://www.britishmuseum.org/pdf/KingdomOfKongo_TeachersNotes.pdf> Acesso em: 31/05/2016.

TRIMPONT, Serge. Charles Musonda et les Anderlechtois se mefient de Lehnhoff comme de la peste. Disponível em: <<http://www.lesoir.be/archive/d-19900127-W3P4KX?referer=%2Farchives%2Frecherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DCharles%2520Musonda%2520et%2520les%2520Anderlechtois%2520se%2520mefient%2520de%2520Lehnhoff%2520comme%2520de%2520la%2520peste>>. Acesso em: 16/05/2018.

TSHIBAMBE, Germain Ngoie; KABUNDA, Guy Mbuyi. Migratory Dynamics in the DRC: rationale and implications in Lubumbashi. Lubumbashi: University of Lubumbashi, 2010.

VAN DAMME, Guido. Escroquerie aux assignations postales. Disponível em: <https://plus.lesoir.be/art/d-19930206-W3FD0J?referer=%2Farchives%2Frecherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DEscroquerie%2520aux%2520assignations%2520postales#_ga=2.154823672.1347707519.1543946155-130356841.1543946154>. Acesso em: 25/11/2018.

VAN VAERENBERGH, Oliver. Sérieuse altercation a Matonge a coups de noix de coco contre la police. Disponível em: <https://plus.lesoir.be/art/d-19941112-W39QRZ?referer=%2Farchives%2Frecherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DSérieuse%2520altercation%2520a%2520Matonge%2520a%2520coups%2520de%2520noix%2520de%2520coco%2520contre%2520la%2520police#_ga=2.142739445.1347707519.1543946155-130356841.1543946154>. Acesso em: 25/11/2018.

VANTROYEN, Jean-Claude. Yves de Jonghe, nettoyeur en chef d'Ixelles. Disponível em: <https://plus.lesoir.be/art/d-19940125-W3CNXM?referer=%2Farchives%2Frecherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3D%2520Jean-Claude.Yves%2520de%2520Jonghe%2520C%2520nettoyeur%2520en%2520chef%2520d%2520C2%25B4Ixelles#_ga=2.184231910.1347707519.1543946155-130356841.1543946154>. Acesso em: 25/11/2018.

VUILLE, Nicolas. Une trentaine de personnes arretees operation anti-crack a Bruxelles. Disponível em: <https://plus.lesoir.be/art/d-19931130-W3D36J?referer=%2Farchives%2Frecherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DUne%2520trentaine%2520de%2520personnes%2520arretees%2520operation%2520anti-crack%2520a%2520Bruxelles#_ga=2.78778324.1347707519.1543946155-130356841.1543946154>. Acesso em: 25/11/2018.

WEMBI, Steve. Congolese militia beheads dozens of police officers. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2017/03/25/world/africa/congo-militia-police->

beheadings.html?rref=collection%2Fsectioncollection%2Fafrica>. Acesso em: 16/05/2017.

WESSELING, Henk. Dividir para Dominar: A partilha da África, 1880 - 1914. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

WHITE KING, Red Rubber, Black Death. Direção: Peter Bate. Documentário (1h 24min). 2003. Produção: Périscope Productions, British Broadcasting Corporation (BBC), et al. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=dfZevYMo8_o>. Acesso em 11. set. 2017.

WILMOTTE, Thierry. Des dizaines de victimes a Bruxelles un postier traquait les cartes de credit dans le courrier. Disponível em: < https://plus.lesoir.be/art/d-19911205-W3JK6A?referer=%2Farchives%2F Recherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2Basc%26start%3D490%26word%3DTHIERRY%2BWILMOTTE#_ga=2.74531026.1347707519.1543946155-130356841.1543946154 >. Acesso em: 25/11/2018.

WILMOTTE, Thierry. L'interpellation mouvementée. Disponível em: <<http://www.lesoir.be/archive/d-19890329-W3QNK8?referer=%2Farchives%2F Recherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DL%2527interpellation%2520mouvement%25C3%25A9e>>. Acesso em: 16/05/2018.

WOUTERS, Jean. Autopsie de la rue Longue-vie. Disponível em: < https://plus.lesoir.be/art/d-19940125-W3CNY6?referer=%2Farchives%2F Recherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2Basc%26start%3D10%26word%3DAutopsie%2Bde%2Bla%2Brue%2BLongue-vie#_ga=2.180372455.1347707519.1543946155-130356841.1543946154 >. Acesso em: 25/11/2018.

WYNANTS, Jean-Marie. Afrique musique, c'est chic. Disponível em: <<http://www.lesoir.be/archive/d-19900426-W3NKQ9?referer=%2Farchives%2F Recherche%3Fdatefilter%3Danytime%26sort%3Ddate%2520asc%26word%3DAFRIQUE%2520MUSIQUE%252CC%2527EST%2520CHIC>>. Acesso em: 16/05/2018.